

An aerial, black and white photograph of a city park. In the center, a large, circular pond features a prominent, tall, conical fountain. The park is densely wooded with various trees. In the background, a dense urban skyline with numerous high-rise buildings is visible. The foreground shows a road with several cars and a bus, indicating the park's integration into the city's infrastructure.

IMAGINÁRIO E PARQUE URBANO

UM ESTUDO DO BOSQUE
DOS BURITIS EM GOIÂNIA

ANA FLÁVIA RÊGO MOTA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Ana Flávia Rêgo Mota

IMAGINÁRIO E PARQUE URBANO
Um estudo do Bosque dos Buritis em Goiânia



ANA FLÁVIA RÊGO MOTA

IMAGINÁRIO E PARQUE URBANO
Um estudo do Bosque dos Buritis em Goiânia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração Teoria, História e Crítica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Saboia Fonseca Cruz.

Essa pesquisa foi desenvolvida com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Brasília
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM917i MOTA, Ana Flávia Rêgo
IMAGINÁRIO E PARQUE URBANO Um estudo do Bosque
dos Buritis em Goiânia / Ana Flávia Rêgo MOTA;
orientador Luciana Saboia Fonseca CRUZ. -- Brasília,
2017.
183 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Arquitetura e
Urbanismo) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. Imaginário urbano. 2. Parque Urbano. 3. Bosque
dos Buritis. 4. Goiânia. I. CRUZ, Luciana Saboia
Fonseca, orient. II. Título.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Luciana Saboia Fonseca Cruz – Orientadora

Doutora em Théorie et Histoire de l'Architecture et la Ville pela Université Catholique de
Louvain
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Prof.^a. Dr.^a. Elane Ribeiro Peixoto

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Prof.^a. Dr.^a. Márcia Metran de Mello

Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília
Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB

Por vezes, atribui-se a solidão ao processo de escrita de uma pesquisa, são horas estudando, levantando documentos e escrevendo. Esses momentos, apesar de realizados por uma única pessoa, não são possíveis sem o apoio de muitas outras que colaboram de formas variadas para o resultado final.

Pela realização deste trabalho, agradeço a Luciana, minha orientadora, pela acolhida, pela confiança e por ser a guia dos caminhos que percorremos juntas na FAU.

Agradeço às professoras, membros da banca, Elane e Márcia pelo envolvimento com a pesquisa, pelos comentários, correções e contribuições. E às professoras Maria Fernanda e Ana Elisabete pela atenção, disponibilidade e pelas conversas, mesmo as informais, que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do PPG-FAU, Júnior, Diego, Marcos, Diarley e Ítalo, por toda a ajuda, paciência e dedicação depositada nos trabalhos por mim solicitados.

À Sued e ao Leandro, amigos que a FAU me deu. Agradeço o apoio, os conselhos e as trocas que colaboraram para a conclusão deste trabalho e, acima de tudo, a amizade que ultrapassa os limites do ICC e as páginas deste volume.

Agradeço as trocas nas aulas e nos corredores ao Jorge, Giselle, Denise, Alejandra, Lucas, Paulo, Leonardo, Marina, Luciana e Cecília.

Às professoras de graduação, Sandra e Celina, que, durante este percurso, se tornaram amigas de pós-graduação e que me inspiraram a trilhar este caminho.

Ao Chico, livreiro, as conversas sobre livros ou sobre a pesquisa. E os momentos de encontros inusitados proporcionados por esse pequeno espaço cheio de surpresas e riqueza.

À minha família de Brasília: Tia Luiza, Tio Toninho, Gustavo, Camila, Pri, Evert e Dudu. A acolhida de vocês foi essencial e me fortaleceu neste período de transição para Brasília. E à Isadora a amizade, as leituras, me ouvir com paciência e a constante inspiração.

Ao Time da Deriva, que está presente em cada página deste trabalho, agradeço as trocas, as inquietações injetadas e as caminhadas por Goiânia.

À Mone a amizade e as longas conversas que colaboraram com novas ideias para este trabalho e para minha formação como arquiteta.

À Gabi, a inspiração, o amor e amizade que colaboraram para que eu chegasse até aqui. Além disso, agradeço a ajuda na diagramação deste trabalho.

Ao CNPq a bolsa concedida que possibilitou a dedicação exclusiva à realização do mestrado.

Ao amigo Itaney Campos o estímulo e interesse constante nesta pesquisa, e a bela poesia sobre o Bosque que representa muito do que é debatido nestas páginas.

Ao Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortêncio a recepção e incentivo à realização deste trabalho. Agradeço ao Sr. Bariani Ortêncio a caminhada conjunta no Bosque dos Buritis e à Izabel Signoreli o fornecimento de documentos do acervo do Instituto.

Um agradecimento a todos que interromperam um minuto de suas caminhadas pelo Bosque dos Buritis e aos moradores do entorno que me receberam em suas casas para responder às minhas perguntas.

Agradeço ao Leônidas, o companheirismo, a paciência, o apoio e todo amor. Obrigada por me ensinar a valorizar as coisas que realmente importam na vida.

E obrigada à minha família - Pedro, Lígia e Pedro Henrique - por ensinarem tudo o que sei de mais importante, por me apoiarem e por fornecerem amor incondicional, sem o qual eu não conseguiria nada. Dedico este trabalho a vocês!

“ Certa tarde, quarenta anos depois, no século XXI, passou por acaso, de táxi, pelo bairro. O carro tinha parado em um engarrafamento, na esquina do bulevar de Clichy com a rua Coustou. Nada reconhecera durante alguns minutos, como se tivesse sido atingido por uma amnésia e se transformado em um estranho em sua própria cidade. Mas isso não tinha nenhuma importância para ele. Pois, com o passar dos anos, as fachadas dos prédios e os cruzamentos tinham se tornado uma paisagem interior, que acabava se sobrepondo à Paris uniforme e como que empalhada dos dias de hoje. ”

Patrick Modiano

“ Pois um cenário só sobrevive na estranha poça em que depositamos nossas memórias se tiver a boa sorte de se juntar a alguma outra emoção pela qual ela é preservada. ”

Virginia Woolf

MOTA, Ana Flávia Rêgo. *Imaginário e Parque Urbano – Um estudo do parque Bosque dos Buritis em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UnB, Brasília, 2017.

Resumo

A criação da cidade de Goiânia, na década de 1930, para substituir a antiga capital de Goiás, pretendia afirmar o Estado como expressão do progresso e desenvolvimento conquistado. Seu plano original, elaborado por Atílio Corrêa Lima, em 1933, tem influência do urbanismo barroco, expresso na monumentalidade, e dos padrões sanitários estabelecidos para a época. Alguns parques, portanto, foram estabelecidos como pulmões da cidade em estreita relação com os cursos d'água, além de serem propostos para o lazer e embelezamento urbano. O Bosque dos Buritis, localizado na região central da cidade, foi previsto nesse plano e definido como área de lazer e de preservação ambiental, que não poderia ter seu uso alterado. Entretanto, a maioria das áreas verdes, previstas no plano original, foram loteadas para abrigar a população que chegava na nova capital ou desmatadas para a abertura de vias. Da mesma maneira, o Bosque teve sua área extremamente reduzida e se consolidou como parque urbano apenas por volta dos anos 1960 e 1970. Posteriormente, o parque ganhou um concurso de cartão-postal de Goiânia, o que deu início a discursos de “cidade verde”, “cidade sustentável”, que estimularam a construção de mais de 10 parques na cidade, na última década. Tomando-se os parques urbanos da cidade como palimpsesto, as consecutivas transformações do Bosque possibilitaram a investigação de suas representações. A partir de revisões bibliográficas, análise de fontes documentais e de entrevistas, a pesquisa busca investigar o Bosque que habita o imaginário daqueles que dele usufruem e as relações simbólicas estabelecidas com este espaço da cidade.

Palavras-Chave: Imaginário urbano, parque urbano, Bosque dos Buritis, Goiânia.

MOTA, Ana Flávia Rêgo. *Imaginary and Urban Park – a study of Bosque dos Buritis park in Goiânia*. Master Dissertation (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UnB, Brasília, 2017.

Abstract

The creation of the city of Goiânia in the 1930s, with the aim of replacing the old capital of Goiás was intended to affirm the state as an expression of the progress and the achieved development. Its original plan, elaborated by Atílio Corrêa Lima, in 1933, has the influence of baroque urbanism, expressed in the monumentality, and the sanitary standards established for that time. Some parks, therefore, were established as lungs of the city in close relation with the waterways, in addition to being proposed for leisure and urban beautification. Bosque dos Buritis, located in the central region, was foreseen in this plan and defined as an area of leisure and environmental preservation, which should not have its use altered. However, most of the green areas, predicted in the original plan, were subdivided in order to house the population that arrived in the new capital or deforested for opening roads. In the same way, Bosque had its area extremely reduced and was consolidated as an urban park in the 1960s and 1970s, only. Later, the park gained an election a contest of Goiânia's postcard, what has initiated discourses of "green city", "sustainable city", which stimulated the construction of more than 10 parks in the city in the last decade. Taking the urban parks of Goiânia as palimpsest, Bosque's consecutive transformations made possible an investigation of its representations. Based on bibliographical reviews, analysis of documentary sources and interviews, the research seeks to investigate the Bosque that inhabits the imaginary of those who enjoy it and the symbolic relations established with this space of the city.

Keywords: Urban imaginary, urban park, Bosque of Buritis, Goiânia.

Resumo	9
Abstract	10
Prólogo	13
Introdução	16
Capítulo 1	30
<i>Representação, imaginário e parques urbanos</i>	30
1.1 Representação, imaginário urbano e a construção de significados	32
1.2 Jardins, parques e a representação da natureza	37
1.3 A cidade como palimpsesto	55
Capítulo 2	63
<i>Bosque dos Buritis e a formação do cartão-postal de Goiânia</i>	63
2.1 Formação da nova capital: a modernização de Goiás	65
2.2 Ocupações e intervenções no buritizal	82
2.3 Bosque dos Buritis: replantio e formação do local “mais aprazível da cidade”	105
Capítulo 3	124
<i>As representações do Bosque dos Buritis</i>	124
3.1 O Bosque da “cidade mais verde do Brasil”	126
3.2 O Bosque visto de camarote	135
3.3 O Bosque dos caminhantes	141
Considerações Finais	153
Lista de Figuras	157
Referências Bibliográficas	163
Apêndices	172
Apêndice A: Depoimentos dos <i>voyeurs</i>	173
Apêndice B: Depoimentos dos caminhantes	177

Quando criança, a cidade me causava certo assombro. Lembro-me de passar longos momentos olhando pela janela do meu quarto: dezenas de prédios com fachadas abarrotadas de janelas e varandas. Via a padaria, os salões de beleza, a escola, o bar, os transeuntes, os cachorros guiados por seus donos, os carros e bicicletas, verdureiros ambulantes com pequi, goiaba ou jabuticaba... O que meu olhar acompanhava me fazia pensar na quantidade de habitantes ao meu redor, na quantidade de casas e veículos, na dimensão do espaço necessário para abrigar tanta gente. Pensava em que cada pessoa fazia, aonde ia, nos lugares frequentados e nos caminhos percorridos. Quanto mais expandia o espaço dos meus questionamentos, maior era o caos na minha mente de criança.

Em contraposição ao “caos urbano” inquietante deparei-me com o Bosque dos Buritis, em Goiânia, cidade onde nasci e cresci. Fui aluna de dança do Centro Livre de Artes, localizado no interior do parque, e, semanalmente, o simples ato de ir à aula se transformava num ritual fantástico, sempre iniciado com o anúncio do destino. A menção “ir ao Bosque”, relacionava-se imediatamente às ideias de “adentrar o bosque”, ou “passear no bosque”, numa referência aos mistérios que o local guardava à semelhança dos contos de fada ou às maravilhas e diversões que Mary Poppins apresentava depois de saltar dentro de uma pintura de paisagem.

Entrava-se, então, no bosque. Por um momento estava na cidade - ônibus, trânsito, fumaça, barulho, multidão, - e alguns passos depois, na serenidade da natureza - o canto dos pássaros, o barulho da água corrente, das árvores balançando ao vento. E tudo causava deslumbramento: a dança, a música, os movimentos corporais, os raios de sol que venciam as frestas das folhas das árvores e nos alcançavam. Nesses momentos, impunha-se de forma abrupta uma sensação de oposição entre natureza e cidade. Aquela era a serenidade, o encanto e a arte, enquanto esta se apresentava como ansiedade, sujeira e caos.

A cidade, no entanto, não demorou a apresentar suas complexidades, e a simples oposição natureza versus cidade foi perdendo força quando o Bosque dos Buritis passou a compor os cenários da violência urbana: “tome muito cuidado”, “não vá longe, é perigoso”, “fulano foi assaltado aqui ontem”. Se a violência era real ou exagerada, meus nove anos de idade não eram capazes de discernir. O fato é que minha experiência deixou de ser definida

por uma dicotomia simples, própria às crianças, pois os aspectos que me pareciam apenas “urbanos” passaram a permear o espaço “natural”.

As inquietações advindas dessa experiência me acompanharam e, a partir delas, pude perceber que a relação estabelecida entre o que se diz sobre um lugar (discursos e imagens) e o que ele é (prática) é extremamente complexa. Como consequência disso, essas inquietações foram se desenvolvendo, ganhando formas mais precisas e, só então, chegou-se ao tema e aos recortes apropriados para abordá-lo.

Posso afirmar que tenho estudado o Bosque dos Buritis há, aproximadamente, quatro anos, desde o trabalho final da graduação, e, apesar do longo tempo, a conclusão do imaginário como problema da pesquisa é resultado de um árduo trabalho baseado em muitas leituras, aulas, debates e orientações. Pensar nas formas de percepção, identificação e atribuição de significados que são dados às coisas e ao mundo, resgatando discursos e imagens de representação do local de estudo se tornou, por fim, o objetivo desta pesquisa.

Na década de 1930, a criação da cidade de Goiânia, localizada no centro do país, para substituir a antiga capital do Estado de Goiás, Vila Boa, atual Cidade de Goiás, esteve carregada de expectativas com relação ao que a nova cidade deveria representar. Esperava-se que ela afirmasse a modernização conquistada pelo estado após a chegada, na região, da linha férrea vinda de Minas Gerais. Márcia Metran de Mello (2006), arquiteta com vasta pesquisa sobre a cidade de Goiânia, refere-se à nova capital como a possibilidade de concretização do desejo de superação do estigma de atraso que o Estado de Goiás possuía, onde os avanços tecnológicos não chegavam, “um lugar no fim do mundo”, ideias comuns com relação às cidades do interior do país.

A nova capital do Estado trazia consigo um conteúdo simbólico que apontava para ideias de novos tempos de desenvolvimento e progresso. Pretendia-se que a cidade fosse o marco da passagem para uma nova etapa na história: isso significava que a sua construção era um ato de quebra de estigma, ou seja, ressignificação (MELLO, 2006, p.31).

Para o escritor Alberto Manguel (2013), a existência dos lugares na imaginação sempre precede sua existência no mundo material, o autor considera a imaginação uma função humana vital que possibilita criações e novos olhares sobre a realidade. Sendo assim, os projetos, arquitetônicos e urbanísticos podem ser compreendidos como o intuito de materialização de ideias imaginadas e almejadas (PESAVENTO, 2005). Por conseguinte, o processo de ressignificação que Goiânia deveria desencadear encontra forte respaldo no seu plano urbanístico, elaborado pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, entre 1932 e 1935.

A representação da modernização alcançada pelo Estado de Goiás se deu com um plano urbanístico carregado de conteúdo simbólico e revelador dos sonhos de uma época (MELLO, 2006). Seu projeto se baseia no que o arquiteto se referiu, por vezes, como “critério moderno” ou “tendências modernas” e apresenta influência do urbanismo barroco nos traços do centro administrativo, “o principal motivo da cidade” (LIMA, 1942a, p.100), cuja característica é definida pelo desenho radial e por grandes avenidas que convergem para os monumentos ou edifícios mais importantes, conferindo-lhe caráter monumental. Além disso, propõe o zoneamento da cidade com usos específicos para cada área e dá grande importância para suas áreas verdes e cursos hídricos, numa tentativa de atender aos padrões sanitários da

época. Com isso, pretendeu-se afirmar a cidade como expressão de progresso e desenvolvimento, um símbolo dos avanços conquistados pelo Estado de Goiás.

Côrrea Lima afirma que, por se tratar da formação de uma nova cidade, a preservação da natureza foi tida como uma prioridade (LIMA, 1942a, p.106). O projeto para Goiânia determinava que, de um total de 1.082 hectares projetados, 162 hectares seriam destinados aos espaços livres¹, tomando como tal, não apenas os parques e as praças, mas as vias públicas ajardinadas, as áreas destinadas aos esportes e *playgrounds*. A taxa representava 14,97% da área total, o que significava uma proporção de 308 habitantes para cada hectare de área verde, levando-se em conta que a cidade atingiria o máximo previsto no projeto de cinquenta mil habitantes. O arquiteto sugeriu que, numa possível expansão da cidade, seu entorno teria terras suficientes para que outras áreas verdes fossem criadas, mantendo-se os níveis de salubridade almejados.

A preocupação com o desmatamento dessas áreas, considerando a possibilidade do crescimento desordenado da cidade, fez com que Côrrea Lima as demarcasse com certa precisão no projeto:

Será inevitável, dentro em breve, a especulação desenfreada, em torno da venda de terras. (...) É preciso, portanto, que desde já fiquem bem estabelecidas as reservas. Embora só muito mais tarde possa a administração transformar essas matas em parques, nem por isso poderá dispor delas para outros fins que não os previstos. (LIMA, 1942a, p.106)

Os espaços livres seriam utilizados para o lazer e embelezamento urbano, mas, além do caráter estético que confeririam, buscava-se estabelecer um ambiente beneficiado por reservas de oxigênio (LIMA, 1942a, p.105). Optou-se por preservar certas áreas já beneficiadas pelos recursos naturais, considerando que elas apresentavam uma estreita relação das áreas verdes nativas com os cursos d'água, garantindo, de um modo eficaz, a pureza da água que abasteceria a cidade. Dessa maneira, o parque urbano Bosque dos Buritis, então Parque dos Buritis, foi definido no plano (Figura 1):

O buritizal, localizado na extremidade da Rua 26, será transformado em pequeno parque. Para isso será necessário drená-lo convenientemente,

¹ O termo "espaços livres", conforme utilizado nos documentos elaborados por Attílio Corrêa Lima (1942), é utilizado na descrição do plano urbanístico de Goiânia. O termo se refere às áreas arborizadas e de lazer, são elas: parques urbanos, park-ways, jardins, playgrounds, estacionamentos arborizados para veículos, praças ajardinadas, o aeródromo, as áreas destinadas ao esporte e as vias públicas arborizadas.



Figura 1: Plano urbanístico da cidade de Goiânia, elaborado Atílio Corrêa Lima, com destaque para as áreas verdes vinculadas aos cursos hídricos. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016.

conduzindo as águas pelo *talweg*, em canal descoberto tirando partido deste para os efeitos de pequenos lagos decorativos. Este parque que denominamos dos Buritis se estenderá por faixas ao longo do *talweg* e medirá 50 metros para cada lado deste, no mínimo, formando o que os americanos denominam de Park-way. (LIMA, 1942b, p. 51).

A proposta de Corrêa Lima consistia na elaboração de um parque que salvaguardasse o curso hídrico que passava pelo local, o Córrego dos Buritis, “tirando partido deste para os efeitos de cascata e um grande lago recreativo” (Ibid., p.107), e que preservasse a área verde, proporcionando lazer e embelezamento para a cidade. Pelas mesmas razões, encontram-se no projeto os parques Botafogo, que seria o maior da cidade, e Paineira, além de dois longos *park-ways* margeando os córregos Botafogo e Capim Puba, que formariam o grande cinturão verde ao redor de Goiânia. O Bosque dos Buritis seria o segundo maior parque da cidade, com 40 hectares, o equivalente a 400.000m², um espaço livre, inalienável, cujo uso como área de lazer e de preservação ambiental não poderia ser alterado.

Os espaços livres, de fato, mantiveram-se como parques, entretanto, Ribeiro (2004) afirma que o governo acompanhou a expansão da cidade e se preocupou com as determinações do projeto apenas nos primeiros anos de sua construção. Em seguida, a pressão de particulares para a liberação de parcelamentos de terras resultou na deficiência de áreas verdes, muitas delas foram reduzidas a pequenas praças implantadas, inúmeras vezes, sem respeito aos limites dos cursos hídricos.

Os lotes muitas vezes tinham seu limite no talvege, situação agravada pela falta de articulação entre loteamentos, gerando uma ocupação rarefeita com grandes vazios urbanos e infraestrutura em descontinuidade, construções feitas de forma desordenada e sem restrições de uso, fosse ele industrial, comercial ou residencial. (RIBEIRO, 2010, p.65)

O Setor Oeste é um exemplo característico dessa situação. Localizado no entorno imediato do Bosque dos Buritis, o bairro deveria ser implantado somente após a década de 1950, quando, previa-se que a cidade construída já estaria adensada o suficiente para exigir a demanda de novos loteamentos. O projeto do Setor Oeste seria definido através de concurso nacional, todavia, o concurso não aconteceu, e em 1940, os técnicos do estado anteciparam a elaboração do projeto, que foi aprovado em 1947 (FERREIRA JÚNIOR, 2007). A implantação do novo bairro, no início da década de 1950, foi um dos fatores responsáveis pela redução de,

aproximadamente, 70% da área demarcada para o Bosque dos Buritis no projeto piloto de Goiânia (AMMA, 2008a). Naquele momento, o local teve grande parte de suas espécies vegetais extirpadas em função da demarcação de novos loteamentos e da implantação de edifícios (JÚNIOR, 1996), além da utilização das árvores como fonte de matéria-prima para a construção dos novos edifícios ou da abertura das novas vias da cidade².

Posteriormente, o adensamento do bairro e sua valorização imobiliária resultaram em denúncias e divulgações na imprensa local³ do desmatamento e descuido com relação ao Bosque⁴. Consequentemente, diversas intervenções foram executadas no local ao longo dos anos e transformaram o local no que ele é atualmente (Figura 2). Um dos parques urbanos mais antigos da capital que, uma vez que deixou de ser uma reserva ambiental no limite da cidade ou uma área verde cercada por dois importantes bairros da capital, foi eleito o cartão postal da cidade numa votação aberta à população e considerado o lugar mais aprazível de Goiânia.

A partir das transformações ocorridas no Bosque, observa-se que este parque desencadeou um processo, ainda hoje em curso, no qual a expansão urbana ocorre em conjunto com a implantação de novos parques urbanos, cujo entorno imediato é ocupado por edifícios residenciais de múltiplos pavimentos. Estabeleceu-se um modelo de expansão a subsidiar novos lugares, resultando na implantação de 14 parques na última década. Além disso, a criação e as intervenções desses parques, acompanhadas de discursos de “cidade verde”, “cidade sustentável” que buscam definir uma imagem de Goiânia, transformaram-na numa referência nacional em termos de “preservação ambiental”, discurso reiterado pelas sucessivas administrações públicas da capital de Goiás com finalidade publicitária.

Considerando o Bosque dos Buritis como modelo e matriz desse discurso persuasivo que busca estabelecer uma imagem de cidade ecológica e sustentável, e que, ao fim e ao cabo, compõe um imaginário para a cidade, é imprescindível compreender os significados que historicamente foram atribuídos ao parque. Diante desse contexto, alguns questionamentos se

² Informação obtida em entrevista realizada com o Sr. Bariani Ortêncio na manhã do dia 22 de julho de 2015, no Bosque dos Buritis.

³ Ver Capítulo 2.

⁴ Optou-se pelo uso de “Bosque” para referenciar ao Bosque dos Buritis, objeto de pesquisa, e “bosque” como sinônimo de formação vegetal, mata ou floresta, sem determinação de um local específico.



Figura 2: Vista recente do Bosques dos Buritis, em 2010, e sua densa vegetação. Foto: Joventino.

colocam pertinentes: Qual a representação do Bosque presente no **imaginário** da cidade? O que os discursos e as imagens do local, ou seja, suas representações, revelam sobre ele?

Os esforços deste trabalho, concentram-se, portanto, em narrar uma história do Bosque dos Buritis à luz do imaginário. Não se trata de escrever “A História” do Bosque, mas de narrar uma das diversas possibilidades de história do local baseada na abordagem do imaginário urbano. Faz-se necessário entender que o conceito diz respeito às formas de percepção, identificação e atribuição de significados, além de implicar no resgate de discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais (PESAVENTO, 2012, p. 77-78). Nas *idades invisíveis* de Ítalo Calvino (1990, p.59), Marco Polo diz para Kublai Khan que “[...] jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles” (Idem), assim, Calvino orienta uma preocupação da presente pesquisa.

Sendo assim, este trabalho busca desvendar o Bosque que habita o imaginário a partir da relação estabelecida entre o Bosque construído, real, e o Bosque das imagens e dos discursos. Beatriz Sarlo (2014), ao abordar a relação entre ambos, usa os termos cidade real e cidade escrita, a primeira é “[...] construção, decadência, renovação e, sobretudo, demolição” (SARLO, 2014, p.139), enquanto a segunda, colocada num sentido mais amplo que engloba também os projetos – a cidade desenhada - é “[...] simbolização e deslocamento, imagem, metonímia” e afirma ainda que “[...] escrever a cidade, desenhar a cidade, pertencem ao ciclo da figuração, da alegoria ou da representação” (2014, p.139). A partir dessa consideração, Sarlo afirma que a cidade planejada apresenta-se como um conjunto de mandamentos para se alcançar uma sociedade ideal, que consolidaria espaços em que, o modo de governo almejado, evidenciaria suas virtudes e as dos seres humanos que ele regeria (2014, p.139).

Pensando ainda na cidade escrita, Pesavento (2012) coloca que é próprio dos arquitetos pensar o futuro por meio de projetos e de utopias do espaço, e sugere que utopias urbanas, projetuais, arquitetônicas, sonhos de cidades ideais, ou seja, as cidades escritas, enquadram-se no sentido proposto por Walter Benjamin à utopia, que seria a

(...) libertação de energias criadoras que dão asas ao pensamento e revelam os sonhos de uma época. Mesmo que nunca saiam do papel, que não se tornem realidade, as utopias projetuais são testemunho de uma vontade, de uma

intenção e de um desejo, todos históricos e datados, concebidos pelos homens de uma época. (PESAVENTO, 2012, p.114)

Enquanto Pesavento apresenta uma relação das propostas de projetos com o futuro, Sarlo amplia a questão a partir da compreensão da cidade escrita ordenada

segundo uma perspectiva que, às vezes, tem como ponto de fuga uma cidade real, que está no passado (a fuga é nostálgica ou melancólica) ou no futuro (a fuga é utópica ou reformadora). A cidade escrita exerce, como a moda escrita, certa força prescritiva: escreve-se algo recortado contra o que de fato existe na cidade real; a literatura refere-se às consequências do desaparecimento da cidade velha ou à emergência da cidade nova. Sem esse ponto de fuga, a perspectiva da cidade escrita é a do presente: registra-se o que é, esquecendo, bloqueando ou eludindo o que foi. (SARLO, 2014, p.141)

Nesse sentido, pode-se compreender Goiânia como uma cidade escrita construída a partir de uma perspectiva com ponto de fuga no futuro, assumindo o papel de fuga utópica ou reformadora, uma vez que a cidade foi planejada a partir de uma oposição estabelecida com a antiga capital, Vila Boa, sendo que esta simbolizava o atraso e aquela simbolizaria a modernização. Ao mesmo tempo, olha-se para a cidade como uma cidade real, uma vez que ela se consolidou e já pode ser analisada enquanto construção, decadência, renovação e demolição (SARLO, 2014, p.139). A pesquisa refere-se, portanto, a essa complexa relação estabelecida entre a cidade escrita e a real. A primeira foi idealizada, construída e adquiriu os aspectos da segunda, possibilitando a análise dos significados que são atribuídos aos espaços da cidade já consolidada.

Foi a partir dessa análise que se elegeu o Bosque dos Buritis como objeto de estudo para esta pesquisa. Sua longa permanência na história de Goiânia, considerando sua definição no plano da década de 1930, possibilitou a investigação das transformações ocorridas no local, entendidas como as escritas do Bosque, e a investigação dos discursos e das imagens formadas sobre o local possibilitaram, por fim, a análise do Bosque real. É importante ressaltar, portanto, que imaginário e representação não se opõem ao real, ao contrário disso, são uma forma de alcançá-lo.

A pesquisa parte da ideia de que, em geral, os usuários e os moradores do entorno do Bosque o identificam e percebem como um resquício de mata nativa, como um espaço onde se conseguiu preservar a vegetação presente desde os primeiros anos de construção da nova

capital. Entende-se que os discursos, as imagens e práticas que objetivam vincular a cidade de Goiânia à preservação ambiental ou à sustentabilidade trabalham de tal forma que levam ao apagamento da história naqueles que vivenciaram as transformações do local, levando-os a reproduzirem essa ideia. A pesquisa, no entanto, procura demonstrar que o parque é um espaço construído, instigando ainda mais a tentativa de se compreender a força de suas representações. Esta hipótese apoia-se na ideia de Pesavento (2007) de que as

[...] representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as 'verdadeiras', as 'reais', as 'concretas' cidades em que vivemos. Afinal, o que chamamos de 'mundo real' é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade. (Ibid., p. 11)

Busca-se, portanto, contribuir com o debate acerca do imaginário como ponto de partida para se compreender a maneira como discursos e imagens atribuem significados para os espaços urbanos, e como esses significados podem ser entendidos como a própria realidade do local. Uma abordagem sob a perspectiva do imaginário urbano pode se aproximar de um entendimento daquilo que a cidade representa para seus próprios moradores e revelar novos pontos de vista.

Para a realização do que foi proposto, adotou-se uma metodologia que se apoia em dois procedimentos. O primeiro, de ordem **teórico-especulativa** e correspondente ao primeiro capítulo, investigou e articulou a relação dos conceitos representação e imaginário. Apresentou a ideia de cidade trabalhada na pesquisa e a aproximação estabelecida nesta com a disciplina da História, por meio de uma abordagem dos conceitos mencionados. Seu objetivo foi debater a bibliografia relativa à representação e ao imaginário a partir das discussões dos historiadores Jacques Le Goff, Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Evelyne Patlagean, Bronislaw Baczko e Sandra Pesavento. Buscou-se, assim, expor a maneira como a pesquisa se apropriou dos conceitos-chaves nos quais se baseiam as questões propostas para investigação.

Esse capítulo apresenta uma breve análise das ideias de natureza representadas por jardins e parques ao longo da história, em algumas civilizações, com o objetivo de se apresentar a maneira como os seres humanos atribuíam e atribuem significado a esses espaços, conferindo-lhe uma carga simbólica ou mitológica. Essa análise, associada à

investigação dos conceitos de representação e imaginário, lançou as bases para se pensar quais as imagens do Bosque dos Buritis habitam o imaginário de seus frequentadores e dos moradores do seu entorno, uma vez que apresentam as transformações das relações estabelecidas com a natureza. Por fim, apresenta-se a ideia de cidade como palimpsesto, que possibilita uma leitura do Bosque como um espaço urbano que possibilita a leitura de diferentes tempos.

O segundo procedimento, correspondente ao segundo capítulo, tratou da **análise historiográfica**, cujo objetivo foi narrar as transformações ocorridas no Bosque dos Buritis. Essa análise parte do recorte temporal com início na criação da nova capital do Estado de Goiás, Goiânia, e vai até a intervenção no Bosque dos Buritis, realizada no ano de 2008 pela prefeitura. Esse projeto foi o último proposto pela administração municipal e esteve vinculado a um forte discurso de resgate histórico, de recuperação das áreas verdes e retorno ao que o Bosque era, originalmente (AMMA, 2008a). No entanto, algumas questões que procedem ao recorte, por vezes, são mencionadas, pois se mostraram relevantes para a discussão do tema.

Pretendeu-se com esse capítulo identificar o estado da arte e rever as bases historiográficas sobre Goiânia e, especificamente, sobre o Bosque dos Buritis. Para tal, buscou-se livros, teses, dissertações e artigos científicos que abordam o tema do imaginário urbano, que fomentam a discussão dos parques urbanos e que contextualizam a história da cidade de Goiânia. Nesse sentido, a tese de doutorado da Prof.^a Márcia Metran de Mello, *Goiânia, cidade de pedras e de palavras* (2006), serviu como referência, na medida em que analisou paralelamente a arquitetura – o que a autora denominou como “pedras” – e o conteúdo textual das crônicas sobre a cidade – as “palavras”. Seu trabalho indicou a ausência de referências arquitetônicas, quer pela sua qualidade ou pela desconsideração de sua dimensão histórica, confirmada na constatação de um imaginário constituído por referências rurais. Muitos trabalhos importantes sobre Goiânia foram publicados, mas ainda parece necessário abordar seus parques, pois estão inseridos, principalmente na sua atualidade, ditando a expansão da cidade. Nesse sentido, o Bosque dos Buritis parece ser o ponto de partida da questão.

Em seguida, recorreu-se às fontes documentais, buscou-se em arquivos públicos os documentos que dão suporte para a investigação historiográfica: fotografias de períodos

diversos, projetos arquitetônicos e urbanísticos e seus respectivos memoriais descritivos, um extenso material textual composto por notícias de jornal e crônicas, discursos realizados em datas comemorativas ou inaugurações de espaços importantes da cidade, depoimentos dos pioneiros da cidade, leis e decretos, e documentos referentes ao planejamento do Bosque. Para a investigação daquilo que os documentos não revelaram ou deixaram dúvidas, duas entrevistas foram realizadas. A primeira na manhã do dia 22 de julho de 2015, com o Sr. Bariani Ortêncio, que teve participação ativa nas transformações do Bosque dos Buritis como presidente da Associação dos Protetores do Bosque. Essa entrevista teve início na casa do Bariani Ortêncio e foi finalizada no parque investigado por esta pesquisa. A segunda entrevista foi realizada na tarde do dia 23 de abril de 2016, com o Sr. Osíres José da Silva, morador de Goiânia desde novembro de 1933, em sua própria residência.

As diversas fontes utilizadas remetem ao paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1990), que busca a singularidade dos casos, em oposição à ciência galileana, que se baseia na generalização e reprodutibilidade dos fenômenos. Seu método detetivesco, que se apropria da figura de Sherlock Holmes, sugere que os mistérios sejam desvendados— como nas obras de Conan Doyle - baseado em indícios imperceptíveis para a maioria, em detalhes únicos, pois as “[...] pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 1990, p.150). Pesavento (1995, p.287) sugere que o pesquisador recolha “[...] fragmentos expressos em discursos e imagens que falam de um passado, tentando aproximar-se do imaginário coletivo de uma época – e, portanto, representando o já representado” (PESAVENTO, 1995, p.287). O paradigma indiciário “[...] não se prende às evidências manifestas, mas sim, aos pormenores, aos sinais episódicos, aos elementos de menor importância, marginais e residuais, que, contudo, permitirão a decifração do enigma e o desfazer de um enredo” (Idem).

Por fim, o terceiro capítulo apresenta a análise do imaginário do Bosque dos Buritis dividida em três partes. A primeira delas, de modo geral, analisa a situação do Bosque a partir do debate dos parques públicos contemporâneos realizados por Angelo Serpa (2014) e que aborda as questões: acessibilidade, valorização imobiliária, visibilidade, turismo e espetacularização. Sobre o tópico da acessibilidade, o autor aborda a desigualdade presente no

processo de apropriação de espaços públicos contemporâneos caracterizados, muitas vezes, como mercadoria de consumo para a minoria da sociedade. Em seguida, a análise sobre a valorização imobiliária trata dos parques urbanos como elementos de segregação social e utiliza um método eficaz de investigação que consiste na qualificação do local em que os parques estão implantados dentro da escala metropolitana, segue-se então a comparação da valorização do solo urbano no entorno do Bosque e das demais áreas da região metropolitana, para se demonstrar a descontinuidade gerada por esses parques na cidade.

Sobre a visibilidade, o autor constata que “[...] todos os parques públicos representam alegorias do tempo e dos poderes que os conceberam” (SERPA, 2014, p.10), afirmação que permite uma profunda análise com relação ao contexto em que o Bosque dos Buritis começa a se consolidar como parque urbano. Finalmente, no tópico sobre turismo e espetacularização, a análise feita pelo autor se baseia nas atuais propostas de planejamento que desencadeiam reinvenções das cidades tendo em vista o consumo turístico.

O objetivo desse tópico, portanto, é introduzir questões que fomentem as análises principais do trabalho, divididas nos dois últimos tópicos do capítulo e que abordam, diretamente, a questão do imaginário com relação ao Bosque dos Buritis.

A segunda parte, intitulada “O Bosque visto de camarote”, analisa a relação que os moradores do entorno – dos apartamentos mais altos -, que possuem uma vista privilegiada do Bosque, estabelecem com a paisagem. Essa ideia associa-se à noção de *voyeur* de Michel de Certeau que subia até o último andar do World Trade Center para observar a cidade de Nova Iorque e questionava:

[...] onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até ao domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e gorar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. (CERTEAU, 2014, p. 157-158)

Nesse sentido, Certeau afirma que o que *voyeur* tem sob os olhos é uma representação, “[...] em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (Ibid., p.158) , uma vez que não envolve a relação com os

“praticantes ordinários da cidade”, os caminhantes, e que fazem parte da análise do segundo tópico. O que interessa neste caso, é a relação com a paisagem entendida como “[...] representação que resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente” (GOMES, 2001, p.56), compreendendo-se, portanto, que a paisagem é um produto subjetivo.

No entanto, Gomes (2001, p.57) menciona a possibilidade de gestação de uma paisagem coletiva que depende da “[...] capacidade de convencimento e sensibilização cultural e evocativa do agente impulsionador que cria e reproduz sua representação em larga escala”. E para a investigação dessa paisagem coletiva do Bosque dos Buritis, realizou-se entrevistas com moradores do Condomínio Dr. Edilberto da Veiga Jardim, localizado na Rua 1, que contorna o Bosque. O objetivo das entrevistas foi captar, na fala dos *voyeurs*, a maneira como eles percebem, identificam e atribuem significados ao parque visto de suas varandas, seus “camarotes”.

O último tópico, intitulado “O Bosque dos caminhantes” baseou-se na mesma proposta de entrevistas, mas, dessa vez, com aqueles que se relacionam com o Bosque “debaixo”, dos pedestres e dos caminhantes (CERTEAU, 2014). O local foi frequentado ao longo de uma semana, em dezembro de 2016 e, tomou-se o cuidado de visitá-lo em horários e dias diversificados em função das alterações de público que poderia haver entre os diferentes períodos e, principalmente, entre dias úteis e finais de semana. Além das entrevistas com usuários e funcionários do parque, observou-se as atividades realizadas com intuito de se investigar, a partir dos usos, os sentidos atribuídos ao local.

Por fim, a tentativa desta pesquisa de desvendar o Bosque presente no imaginário dos habitantes da cidade faz referência a uma complexa relação estabelecida entre a cidade das representações, dos discursos e imagens, e a cidade real, construída, ressaltando-se que imaginário e representação não se opõem ao real, ao contrário disso, são uma forma de alcançá-lo. Espera-se, portanto, que ao investigar essas intrincadas relações urbanas e os significados e sentidos atribuídos ao Bosque dos Buritis, esta pesquisa contribua com os debates sobre as cidades, especificamente sobre Goiânia e as representações de seus parques.

1.1. Representação, imaginário urbano e a construção de significados

Os conceitos de representação e imaginário são fundamentais para a compreensão da proposta desta pesquisa. No caso do imaginário, busca-se, especificamente, uma discussão do imaginário urbano, uma vez que o trabalho se propõe ao estudo da cidade. Faz-se necessário portanto, o resgate da historiografia da cidade para se compreender como esses debates aparecem na disciplina de História, uma vez que os conceitos de representação e imaginário se baseiam nos debates dessa disciplina.

De acordo com Edgar de Decca (1991), a cidade começou a aparecer nas publicações de História no final do século XIX com a obra de Fustel de Coulanges, *A cidade antiga* (1864), seguida por Max Weber com o ensaio *Die Stadt*⁵ (1921), publicado postumamente, e com os debates propostos nos periódicos franceses da Escola dos Annalles, com estudos que privilegiavam as abordagens econômicas e sociológicas.

Limitada quase sempre à análise das cidades medievais, a historiografia com vocação para história urbana não consegue estabelecer uma especificidade a partir da cidade como objeto de análise. Transitando entre uma história econômica (a cidade como lugar de acumulação), uma história política (a cidade como base do novo pacto social) e uma história social (o papel da cidade na constituição da sociabilidade burguesa), a história furtou-se a enfrentar a cidade como temática com questões próprias. (PECHMAN, 1998, p. 31)

Foi com a História Cultural⁶ que surgiu uma nova possibilidade de abordagem da História, de modo geral, e da História Urbana, especificamente. Por volta dos anos 1970, quando os historiadores ingleses neomarxistas e os franceses da Escola dos Annalles colocaram em xeque os marcos conceituais dominantes na História, que se proclamou a crise dos paradigmas explicativos da realidade (PESAVENTO, 2012, p. 8), baseados nas visões marxista e da história total, como propunha a obra de Fernand Braudel, *O Mediterrâneo* (1949). É importante mencionar que a “crise” era analisada tanto sob uma perspectiva interna, com causas relativas à própria disciplina de História, como sob uma perspectiva maior, externa à disciplina, que se relaciona com eventos mundiais com grandes repercussões como

⁵ Parcialmente traduzido para o português com o título “Conceito e categorias de cidade”, publicado no livro “O fenômeno urbano” (Rio de Janeiro, Zahar, 1973), organizado por Otávio Guilherme Velho.

⁶ Cf. BURKE, 1992; HUNT, 1992; LE GOFF, 1998; PESAVENTO, 2012.

maio de 1968, o movimento feminista ou os processos de descolonização de diversos países. Para Pesavento (2012)

Foi, sem dúvida, um contexto histórico preciso e datado que produziu essa mudança que (...) pode ser vista como um ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem para dar conta do próprio mundo, A realidade tornou-se mais complexa e aquilo que foi uma questão decisiva para ser resolvida pelos historiadores há 30 anos não é mais o que move a colocação de perguntas diante do real. (PESAVENTO, 2012, p. 15)

Um ponto fundamental colocado pela História Cultural refere-se à maneira como os historiadores trabalharam com o conceito de cultura a partir da crise paradigmática, em uma aproximação com os debates colocados por outras ciências humanas como a Antropologia e a Sociologia.

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da *belle époque*, que entendia a literatura – e, por extensão a cultura – como o *sorriso da sociedade*, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito. (Ibid., p.15)

A cultura será pensada, então, como “[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 1989, p. 66). Essa aproximação da História com questões culturais resultou na investigação das práticas e das experiências, sobretudo dos homens comuns, e na análise de como estas se traduziam em valores, ideias e conceitos sobre o mundo (PESAVENTO, 2012, p.32).

É a partir dessa postura, resultado do questionamento da racionalidade e da objetividade como forma de se alcançar o real, que os historiadores passam a negar a existência de verdades absolutas e compreendem que não há realidade histórica acabada, que se entrega por si própria ao historiador (LE GOFF, 1998a, p. 31-32). A História narrada é compreendida por Le Goff (1998a) como uma das diversas possibilidades de narrativas possíveis. Sendo assim, compreende-se que a História é representação de algo que teria ocorrido um dia. Pesavento (1995, p. 280) estabelece a distinção entre a “passeidade”, o real

acontecido, e a História, entendida como narrativa que representa por meio do texto e da imagem. Ao assumir esta posição, a autora admite que não há um único processo compreensivo para a História.

O conceito de representação, fundamental para a abordagem discutida, passou a designar, por si mesmo, a própria História Cultural (CHARTIER, 2015, p. 49). Os historiadores se apropriaram do conceito a partir das pesquisas com povos primitivos, realizadas pelos sociólogos Marcel Mauss e Émile Durkheim. Suas publicações apontavam para a construção de um mundo paralelo de representações que se colocava no lugar da realidade (PESAVENTO, 2006, p. 4). Para Durkheim, a sociedade é antes “[...] uma comunidade de ideias e o que liga as pessoas no seu meio é a maneira comum de pensar, ou seja, de representar as coisas” (LEGROS et al, 2014, p. 54).

A sociedade, de maneira geral, elabora ideias sobre o real, traduzindo-as em discursos, instituições, imagens e práticas sociais que se colocam no lugar da realidade, qualificando-a, orientando a percepção sobre esta e pautando a existência dessa sociedade (PESAVENTO, 2006, 2012). As representações, portanto, “[...] são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (Ibid., 2012, p. 39).

Para Roger Chartier (2001), historiador com vasta publicação sobre a História Cultural, o conceito de representação designa três modalidades de relação com o mundo social ou um triplo quadro de realidades:

[...] primeiro, as representações coletivas interiorizadas que organizam os esquemas de percepção e apreciação, a partir dos quais os indivíduos classificam, julgam e atuam; depois, as formas de exibição do ser social ou do poder político que utilizam os signos e as atuações simbólicas (...); finalmente, a representação por parte do representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade social ou de um poder dotado também de continuidade e estabilidade. (CHARTIER, 2001, p. 121)

O conceito de representação implica ainda a relação ambígua que se estabelece entre presença e ausência que compõe um enigma ou um desafio de ser e não ser a coisa representada, e que pode ser traduzido na tela de René Magritte (Figura 3). Compreende-se a

Figura 3: A traição das imagens, tela de René Magritte, 1929. Em francês, na tela: “Isto não é um cachimbo”. Fonte: Site do Los Angeles County Museum of Art (LACMA).



representação como a presentificação de um ausente dado a ver por uma imagem (mental ou material), que não é mimese ou cópia do real mas que trabalha com a atribuição de significados, é uma construção feita a partir do real (PESAVENTO, 1995, p. 280). Nesse sentido, algo está “no lugar de”, ou seja, simula uma presença – não uma simples presença, mas uma presença dotada de significado simbólico. Carlo Ginzburg afirmou que

Por um lado, a “representação” faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar (GINZBURG, 2001, p. 85).

Sendo assim, este trabalho propõe uma investigação que coloca a cidade como objeto de reflexão a partir das representações que dela se constroem. Seguindo as propostas da História Cultural, busca-se trabalhar com o imaginário urbano, o que, de acordo com Pesavento, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo e implica resgatar os discursos e as imagens de representação da cidade que incidem sobre os espaços, os atores e as práticas sociais (PESAVENTO, 2012, p. 77-78). Este conceito de imaginário urbano utilizado pela autora retoma o debate do historiador Bronislaw Baczko (1985, p. 300) que conceitua o imaginário como sistema de representações coletivas que conferem sentido ao real.

Patlagean (2001) também discute o conceito a partir da ideia de um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e afirma que o imaginário é definido

[...] pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário (PATLAGEAN, 2001, p. 291).

Walter Benjamin apresenta um exemplo de como se trabalhar com o imaginário a partir dos estudos da cidade de Paris, que ele denomina a capital do século XIX, nos quais demonstra que para proceder à leitura de uma época, era preciso decifrar as suas representações (PESAVENTO, 2012, p.26). Compreendemos, portanto, que momentos históricos diferentes nos remetem a imaginários diferentes.

Se o verdadeiro caminho da História é desvendar um enredo, desmontar uma intriga, revelar o oculto, buscar a intenção (PESAVENTO, 1995, p.24), este trabalho reitera sua vontade de aproximação com a disciplina e objetiva analisar os sistemas simbólicos de ideias e imagens de representação coletiva (PESAVENTO, 1995, p.280) dos parques urbanos, definidos nesta pesquisa, a partir da leitura da paisagista Rosa Kliass, como “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação” (KLIASS, 1993, p. 19).

1.2. Jardins, parques e a representação da natureza

Os primeiros registros referentes aos espaços com predominância de elementos naturais (KLIASS, 1993, p. 19), sem vinculação com a atividade agrícola, dizem respeito aos jardins e fazem menção ao seu uso pelas classes sociais dominantes, como ocorria na antiguidade no Egito e em Roma. Apesar de, inicialmente, o uso do local estar vinculado ao poder e ao prestígio, sua configuração e seus sentidos se transformaram de acordo com as mudanças políticas, culturais e sociais. São essas mudanças dos sentidos atribuídos aos jardins e aos parques que interessam à pesquisa, uma vez que esses espaços podem ser compreendidos como representações da natureza. Para tanto, eles são analisados, em seguida, em diferentes momentos e culturas, e, para muito além da constituição do espaço físico (PESAVENTO, 1995), investigando-se suas dimensões simbólicas e mitológicas.

Na obra *Paisagem e Memória*, Simon Schama afirma que seu objetivo é demonstrar que, ao longo dos séculos, formaram-se hábitos culturais que levaram as sociedades a estabelecer uma relação com a natureza que não se limita à sua exploração, ou, simplesmente, a esgotá-la até a morte (SCHAMA, 1996, p.29). Dessa forma, reitera-se a ideia de que as relações que se estabeleceram, e ainda se estabelecem, entre a humanidade e as áreas verdes passam pelas representações e pelo imaginário.

Um exemplo importante é a descrição do Jardim do Éden no relato da gênese do mundo presente nos textos bíblicos. Para a cultura judaico-cristã, o Éden seria o paraíso terrestre, ilustrado pelo pintor francês Nicolas Poussin (Figura 4) e descrito como “[...] um

lugar onde, nas origens do mundo, vivia-se em estado de beatitude e inocência, mas que depois foi perdido” (ECO, 2013, p.145).

Então Iahweh modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente. Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços.

O primeiro chamava-se Fison; rodeia toda a terra de Hévilá, onde há ouro; é puro o ouro dessa terra, na qual se encontra o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: rodeia toda terra de Cuch. O terceiro rio chama-se Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar. [...]

Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado. Ele baniu o homem e colocou, diante do jardim de Éden, os querubins e a chama da espada fulgurante para guardar o caminho da árvore da vida. (GÊNESIS, 2-3, in ECO, 2013, p.164)

Da mesma maneira que no Jardim do Éden a árvore está carregada de simbologia – representa a fertilidade, a vitalidade, o conhecimento –, para Farah (2008) a dimensão mitológica da natureza está presente nesse elemento. Para a autora, a árvore faz referência ao sentido de origem do universo e revela uma essência que antecede aos seres humanos e ao mundo, tornando-os possíveis. A árvore representa, ainda, uma síntese de elementos da natureza numa concepção harmoniosa do cosmo, um fluxo do universo, ela faz a ligação entre os três mundos: o céu, a terra e o submundo (FARAH, 2008, p.85). O próprio ciclo no qual ela está envolvida representaria uma promessa de imortalidade, uma vez que a queda das folhas gera o adubo para o renascimento delas. A ideia de Farah é que a árvore, portanto, representa a renovação e se relaciona a um ciclo ininterrupto do universo (POLIZZO, 2010, p.26).

Na Mesopotâmia, no entanto, os jardins assumiram outra simbologia. Os relatos históricos fazem referência aos jardins da realeza, implantados ao redor dos palácios, e aos jardins dos templos. Os primeiros continham flores, lagos, extensos pomares, eram espaços para banquetes e cerimônias, reservados às classes abastadas e uma representação do poder, enquanto nos segundos, plantavam-se frutas e legumes, nos terraços dos próprios zigurates, para as ofertas aos deuses e para a alimentação dos serviçais.



Figura 4: Pintura “Primavera ou Paraíso perdido”, de Nicolas Poussin, 1660-1664. Fonte: WikiArt.

Também é da Mesopotâmia uma das sete maravilhas do mundo antigo, os Jardins Suspensos da Babilônia (Figura 5). Construídos pelo rei Nabucodonosor II (605-562 A.C.) para sua esposa, a rainha Semíramis, de origem persa e que sentia falta das paisagens e do clima de sua terra natal, repletas de colinas cobertas de bosques, localizadas na região noroeste do atual Irã, e muito distintas da aridez da Mesopotâmia, onde atualmente se localiza o Iraque (PAIVA, 2004, p.8). Afirma-se que nesse jardim encontravam-se jasmims, rosas, malva-rosas, tulipas e diversas outras espécies de plantas que não suportariam o clima quente e árido do local, não fossem as avançadas técnicas de irrigação e drenagem desenvolvidas pelos mesopotâmicos.

O chamado Jardim Suspenso, feito de plantas erguidas do solo, é trabalhado no ar e o terreno onde se enraízam as plantas é um terraço suspenso. Abaixo dele, ergue-se o sustento de colunas de pedra e todo o espaço ocupado por colunas decoradas. Então, grandes traves de madeira de palma são dispostas em intervalos estreitíssimos. [...] Acima destas traves repousa uma profunda camada de terra, onde são plantadas árvores de folhas largas, das mais difundidas nos jardins, toda a variedade de flores multicoloridas e, em suma, tudo que alegra a vista e o paladar com sua doçura. [...] Águas canalizadas provenientes de fontes mais altas afluem diretamente num belo jato ou escorrem e são erguidas por uma espiral, girando por tubos, empurradas por máquinas helicoidais, desembocando então em inúmeros e grandes esgichos que irrigam todo o jardim, regam as profundas raízes das árvores e mantêm úmido o terreno. Sendo assim, como se pode imaginar, a relva é sempre verde e as folhas que despontam dos ramos flexíveis das árvores têm grande viço e duração. [...] Obra primorosa, voluptuosa e realmente digna de reis, onde tudo é artificial e a labuta dos agricultores paira sobre a cabeça de quem a contempla. (PSEUDO- FILÃO DE BIZÂNCIO in ECO, 2013, p. 83-84).

A fertilidade de todos os jardins era relacionada à vontade dos deuses e, de acordo com Umberto Eco (2013, p. 75), a rainha Semíramis colhia rosas frescas nos seus jardins em todas as estações do ano.

Os jardins do Egito Antigo apresentavam um desenho regular muito semelhante àquele adotado na sua arquitetura (Figura 6). A estrutura era simples, simétrica, com formas geométricas retangulares, com orientação segundo os pontos cardeais, expressando a importância da matemática e da astrologia, e cercado por muros altos para protegê-los da areia do deserto e das cheias do rio Nilo. No centro do jardim implantava-se uma piscina retangular com pérgulas ao longo de sua extensão e as árvores eram dispostas seguindo um traçado regulador ortogonal.



Figura 5: Litografia dos Jardins Suspensos da Babilônia, de 1886, de autor desconhecido. Fonte: ECO, 2013, p.83.

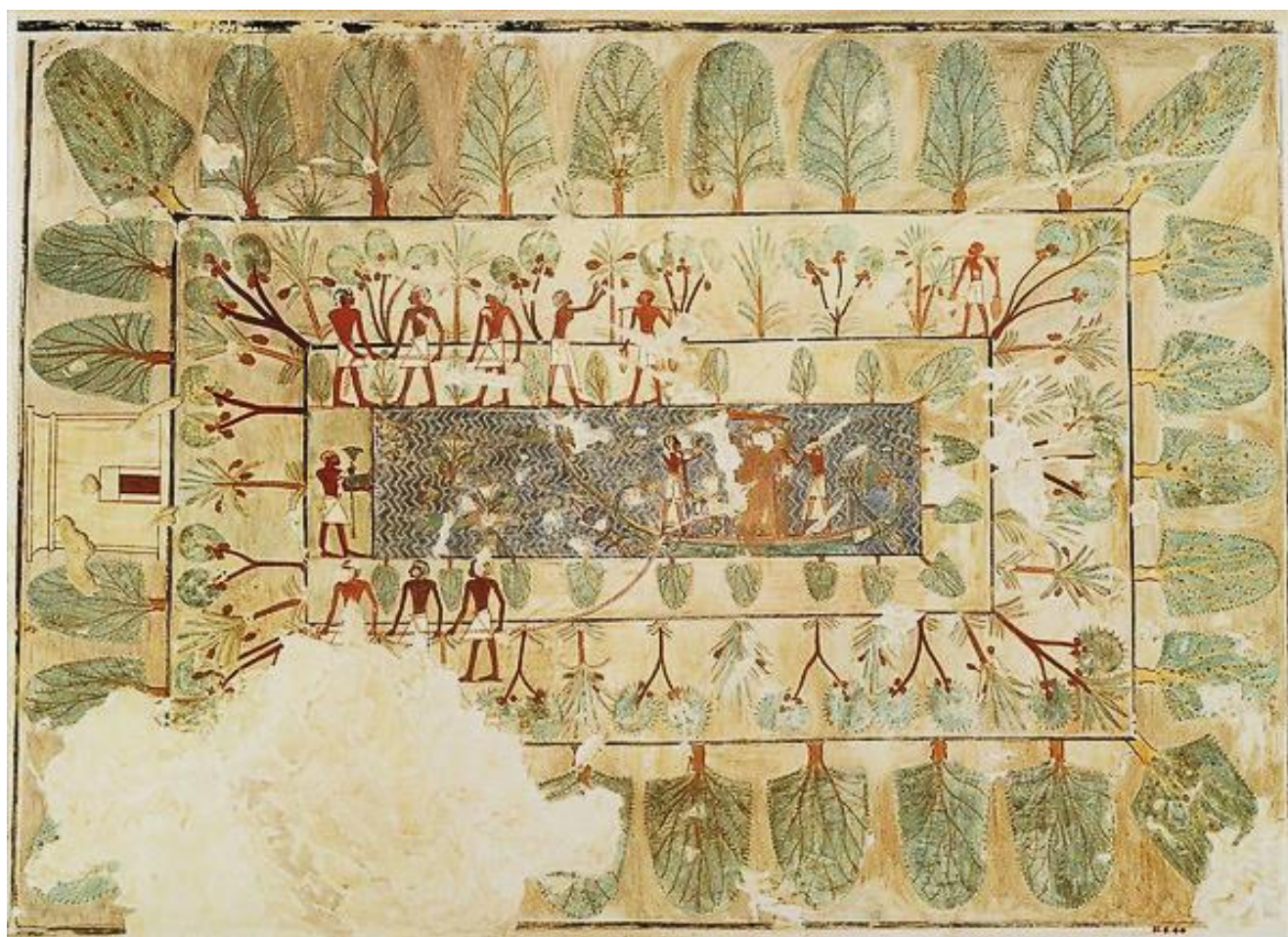


Figura 6: Fac-símile de papiro pintado pela egiptologista Nina de Garis Davies. Original de 1400 A.C.. Fonte: The Metropolitan Museum of Art.

Os egípcios tinham o hábito de importar mudas, árvores e sementes de origem estrangeira. Nos seus jardins eram plantados legumes, frutas, videiras, palmeiras para alimentação, o papiro que desempenhava funções utilitárias como a fabricação do objeto de mesmo nome, e plantas ornamentais como anêmonas, papoilas, jasmims, com funções estéticas. Seus jardins eram implantados em palácios e em casas mais abastadas para ostentar as riquezas possuídas, embelezá-las e amenizar o clima quente e árido, e em templos para homenagear e realizar ofertas aos deuses.

Os jardins persas também eram cercados, a palavra em avéstico que define “espaço fechado” é *pairi-daeza*, transmitida na cultura judaico-cristã como “paraíso”. Esses jardins murados estão carregados de conteúdo simbólico, uma vez que podem ser compreendidos como uma representação do universo: eram divididos em quatro partes iguais que representavam os quatro elementos sagrados: terra, fogo, água e ar (PAIVA, 2004, p.15). Essas quatro partes, cortadas por dois eixos retilíneos que se cruzam, determinavam quatro canais que representam os quatro rios do paraíso (Figuras 7 e 8): leite, mel, água e vinho, da mesma maneira que no Jardim do Éden se formavam quatro rios: Fison, Geon, Tigre e Eufrates.

No centro, elevava-se uma construção que podia ser um pavilhão, com a função de mirante para a contemplação do monarca, que assumia uma posição simbólica de domínio da natureza, ou uma fonte, representando a origem de tudo. O jardim persa, de modo geral, era cercado por altos muros, localizado próximo aos palácios do rei, de acesso restrito e que exaltava o luxo. O monarca era adorado como um deus e atribuíam-se a ele o poder de espalhar a fecundidade por onde pisasse (STRINGHETA, 2014, p.13), sendo assim, durante as épocas quentes ele caminhava pelos jardins e, nas épocas frias, os jardins eram representados em peças de cerâmica ou em tapetes, e enviados ao palácio para que o rei caminhasse sobre eles, garantindo-se, assim, a fecundação das plantações e dos jardins na estação seguinte.

Considerando-se que os árabes invadiram a Pérsia, muito da cultura persa foi assimilada por aqueles e os jardins islâmicos, conseqüentemente, em muito se assemelham aos jardins persas: “A descrição do jardim que foi prometido aos tementes a Deus é assim: haverá rios de água incorruptível, e rios de leite de gosto imutável, e rios de vinho delicioso para quem bebe, e rios de mel puríssimo. E lá eles desfrutarão de todos os frutos e ainda do perdão



Figura 7: Pintura do jardim persa de período e autor desconhecido. Fonte: British Library.

Figura 8: Representação do jardim persa em tapete de período desconhecido. Fonte: The Metropolitan Museum of Art.



do Senhor” (Corão, XLVII, 15 in ECO, 2013, p. 167). Observa-se que essa mesma referência dos rios já havia sido feita pelos persas. O jardim dos muçulmanos é uma representação do paraíso, era um lugar agradável onde se poderia contemplar a beleza de Alá e buscar os gozos espirituais de que fala o Corão (PAIVA, 2004, p.108).

Por outro lado, a relação dos gregos com a natureza se afasta bastante daquelas apresentadas até aqui, seus jardins não possuíam funções estéticas, sua carga simbólica associava-se ao sagrado. Localizados próximos aos templos e santuários, eles eram dedicados à deusa Artemis, ligada à vida selvagem e à caça, rainha dos bosques, ou às divindades dedicadas à fecundidade. De modo geral, não se valorizavam os jardins enquanto representação de poder e riquezas, nem se relacionavam os objetos da natureza ao prazer que, segundo eles, era a guarda do irracional e do indefinido (Ibid., p.19). Por essa razão, seus jardins não eram elaborados seguindo traçados pré-definidos.

Os jardins romanos, no entanto, eram influenciados pelas concepções egípcias e persas, e faziam parte das habitações romanas. Os jardins dos prazeres, como são denominados, ficavam na parte externa das grandes propriedades da aristocracia romana, localizadas na *villas* que se formavam próximas a Roma, os jardins eram metódicos e ordenados, integravam-se às residências, tinham suas paredes pintadas com paisagens e seus muros revestidos com trepadeiras (Ibid., p.21), além disso, as estátuas gregas adquiridas pelos romanos, depois de conquistar o território, foram incorporadas aos jardins.

Posteriormente, na Idade Média, duas ideias de jardim determinaram as relações que se estabeleciam com a natureza: o jardim religioso e alegórico, o *hortus conclusus*, e o jardim literário que seria uma metáfora do amor cortês, o *hortus deliciarium* (Figura 9). Os dois se baseiam no texto bíblico Cântico dos Cânticos que em uma comparação metafórica afirma que a mulher amada é um jardim fechado, “[...]fonte sigilada e provocando com estas duas imagens o fascínio e a sensualidade do espaço íntimo ocultado, o desejo de descobrir aquilo que o espaço fechado esconde e, ao mesmo tempo, o respeito pelo pudor que o sela” (RONCHETTI, 2009, p. 268):

Jardim fechado és, irmã minha esposa, / jardim fechado, fonte selada. As tuas plantas formam um jardim de delícias, / toda a qualidade de romãs, / de frutos de cipre e de nardo; nardo e açafrão, canela e cinamomo, / com todas



Figura 9: Iluminura do jardim medieval de 1410, autor desconhecido. Fonte: Biblioteca digital alemã.

as árvores do Líbano, / mirra e aloés, de todos os perfumes mais finos. Tu, a fonte dos jardins, o poço das águas vivas,... (CÂNTICOS 4, 12-15)

Sua estrutura consistia num jardim murado de forma quadrada “[...] que reflecte os quatro cantos do universo, cujo centro é constituído por uma árvore (árvore da vida) ou por uma fonte ou poço (fonte de sabedoria, símbolo de Cristo e dos quatro rios do Paraíso), onde o amante e a amada, a criatura e o criador, se escondem para reencontrar-se” (RONCHETTI, 2009, p. 268), a partir dessa fonte central correriam quatro rios que irrigariam a terra. Esse jardim seria “[...] um fresco alegórico de um lugar sem tempo, lugar da eterna primavera, sempre cheio de frutos e flores que não conhecem a caducidade” (Ibid., p. 270).

A partir dessa visão, formavam-se, primeiramente, o *hortus conclusus* que se localizava no centro do claustro e era projetado de acordo com regras precisas que simbolizavam as crenças católicas:

[...] um jardim secreto e fantástico, dentro do claustro, oferece protecção contra o mal. Aqui se encontram plantas cheias de significados simbólicos: a rosa, que representa a Virgem, mas também símbolo do sangue divino e, pelos seus espinhos, símbolo das penas de amor; o lírio, símbolo da pureza e da pobreza; as violetas, símbolo da modéstia e da humildade; a romã, que representa a sólida união da igreja; a palmeira, símbolo da justiça, da vitória e da fama; a figueira, metáfora da doçura, da fertilidade, do bem-estar, da salvação; a oliveira, símbolo da misericórdia e da paz; o trevo, que alude à Trindade. (Idem)

Depois, o *hortus deliciarium*, os jardins dos príncipes e dos poetas, o lugar onde a simbologia cristã se tornou uma metáfora dos prazeres terrenos, local dos encontros amorosos inspirado na literatura cortesã:

Os romances de Chrétien de Troyes descrevem-no como um espaço vedado, cheio de frutos e flores eternas, envolto por uma atmosfera mística. Jean de Meung, no célebre Roman de la Rose, refere as várias espécies de árvores de fruto, as plantas ornamentais e o elemento refrescante da água. Como metáfora do “amor cortesão”, o *hortus deliciarum* é o percurso que o cavaleiro deve fazer para chegar à felicidade. (Ibid., p.269)

Como herança da Roma Antiga, a Idade Média demonstrou uma outra relação com a natureza. O medievo estabeleceu uma forte oposição entre campo e cidade, Le Goff (1998b, p. 124-125) menciona que à cidade relacionavam-se a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância, enquanto o campo seria a sede do bárbaro, do rústico. Mas, além dessa oposição já

demonstrada pelos romanos, a Idade Média acrescenta um terceiro termo relativo à natureza: a floresta.

O lugar mais selvagem é a floresta. O campo, onde é habitado, onde é valorizado, permanece, em certo sentido, um reflexo da cidade que, aliás, o domina, em particular economicamente, ao passo que a floresta é irredutível. E isso é verdadeiro, tanto positiva quanto negativamente. Negativamente, por ser o lugar real, mas também simbólico, dos bandidos: é atravessando a floresta que se tem mais chance de ser assaltado por ladrões. É também o lugar da solidão. A floresta é equivalente, no Ocidente, ao deserto do mundo oriental (Ibid., p. 125)

Nesse sentido, a segurança era uma obsessão nas cidades desse período e o Museu da Fechadura, em Paris, abriga um acervo que comprova que, além dos muros e das trancas das portas de entrada da cidade, as casas eram bem trancadas na Idade Média. E, além dessa necessidade de proteção contra as ameaças externas, surgiu uma ideia de que o espaço urbano deveria corresponder a uma imagem de ordem. Nesse sentido, regulamentos de higiene multiplicaram-se nas cidades a partir do século XII e fizeram surgir um senso de ordem e de limpeza (Ibid., p.113).

Em seguida, os jardins renascentistas, baseados no pensamento humanista, colocaram o ser humano no centro e trouxeram racionalidade para o seu desenho. Nesse momento, “[...] o apreço pela natureza, e particularmente pela natureza dessacralizada, aflorava com mais intensidade. Através da prática de incursões científicas, poéticas e filosóficas pelo homem, a natureza ganhava o espaço do espetáculo” (POLIZZO, 2010, p. 28), a natureza se tornava um espaço a ser explorado, e assumia-se uma posição oposta ao medo que o medievo demonstrava pela floresta. Além disso,

[...] há uma re-imaginação da mata como paisagem domesticada, dominada, cortada por terrenos cultiváveis. As florestas perdiam o caráter de imensidões brutais e passavam a ser encaradas como mananciais de saúde e riqueza, modelo de vida virtuosa e natural, e não mais selvagem. O progresso da humanidade deveria pressupor o domínio das temidas florestas, que apresentavam um obstáculo ao desenvolvimento humano. (Idem).

Sendo assim, os jardins italianos (Figura 10) retomaram as composições dos jardins elaborados nas vilas romanas da antiguidade e se tornaram locais de lazer, passeio e atividades culturais, os maiores jardins abrigavam teatros e arenas. Eram considerados centros de retiro

intelectual onde artistas e pensadores trabalhavam e se reuniam, principalmente no verão, fugindo das altas temperaturas das cidades.

Inicialmente, os projetos se baseavam nas propostas medievais do *hortus conclusus*, e, posteriormente, foram se estruturando com base no rigor geométrico e na simetria, dispondo espaços junto a um eixo central, buscando representar o domínio do homem sobre os elementos naturais. Geralmente, eram implantados em terrenos acidentados, tirando partido dos desníveis para a formação de platôs interligados com escadarias de aspectos monumentais (PAIVA, 2004, p. 62). A vegetação recebia podagens em formas escultóricas, uma técnica conhecida como topiaria, e já utilizada anteriormente nos jardins romanos. Os jardins abrigavam fontes, estátuas, arcadas em colunatas, pérgolas com trepadeiras. A água era um elemento bastante presente, numa tentativa de se amenizar temperaturas (Ibid., p. 65).

Os jardins franceses do século XVII seguiam as mesmas características gerais dos jardins italianos, mas eleveram seu nível de rigor e transformaram a paisagem numa obra de arte equilibrada e excessivamente controlada pelo traço geométrico. Considerando-se o jardim do Palácio de Versailles (Figura 11) o grande exemplo, os jardins franceses são a expressão do desejo de domínio completo dos elementos da natureza e estabeleceram uma relação simbiótica entre a arquitetura e as áreas verdes. Eram lugares de pompa e celebrações, com apresentações culturais e festas.

Eles eram elaborados a partir de planos geométricos precisos, com terraços, espelhos d'água, fontes requintadas e árvores em topiaria, podadas de forma rígida descaracterizando sua forma natural, e representando o domínio da natureza. Os caminhos traçados ao longo de um eixo central, com extensas dimensões, sugeriam o infinito e representavam a extensão do controle e do poder absoluto exercido pelo rei. A geometria e o rigor foram preponderantes, nesses jardins predominavam a lógica, a grandiosidade e o equilíbrio, sintetizados pelo seu traçado simétrico e pela valorização da perspectiva (Ibid., p. 77).

Por outro lado, os jardins ingleses do século XVIII recorreram às pinturas (Figura 12) para aproximá-los de um aspecto mais natural, pitoresco. Negava-se a artificialidade dos jardins franceses, os desenhos curvos, sinuosos e irregulares predominaram sobre a geometria das linhas retas, da ordem e da simetria. O jardim inglês eliminou o formalismo e procurou

Figura 10: Luneta pintada por Giusto Utens representando a Villa Medicea di Castello, em Florença, Itália de 1598. Fonte: WikiArt.

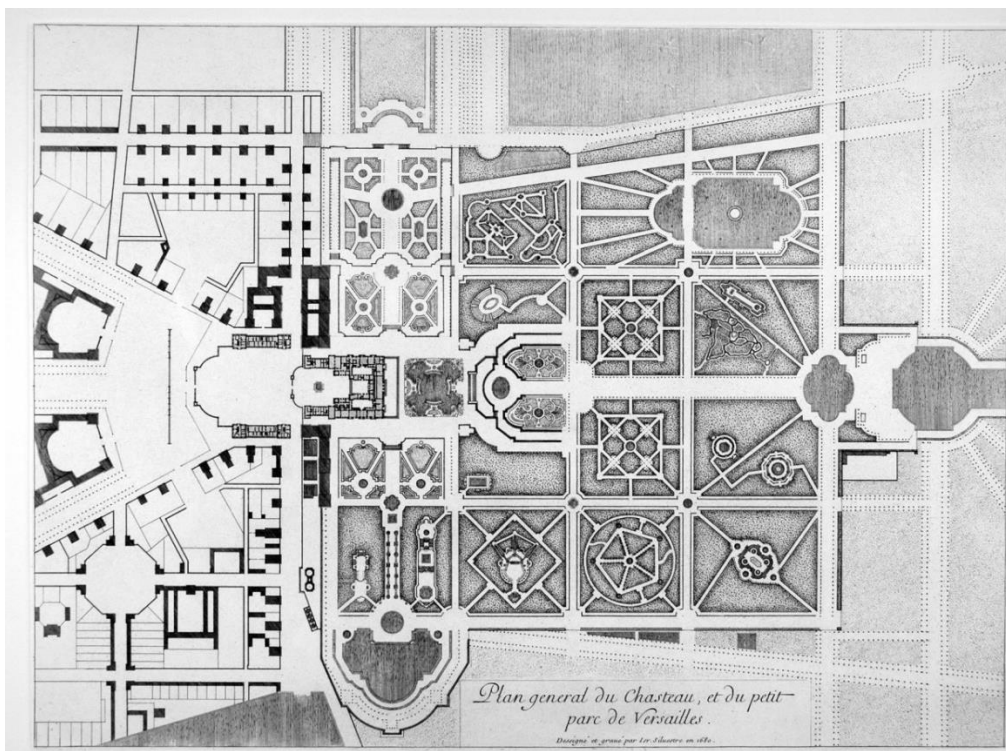
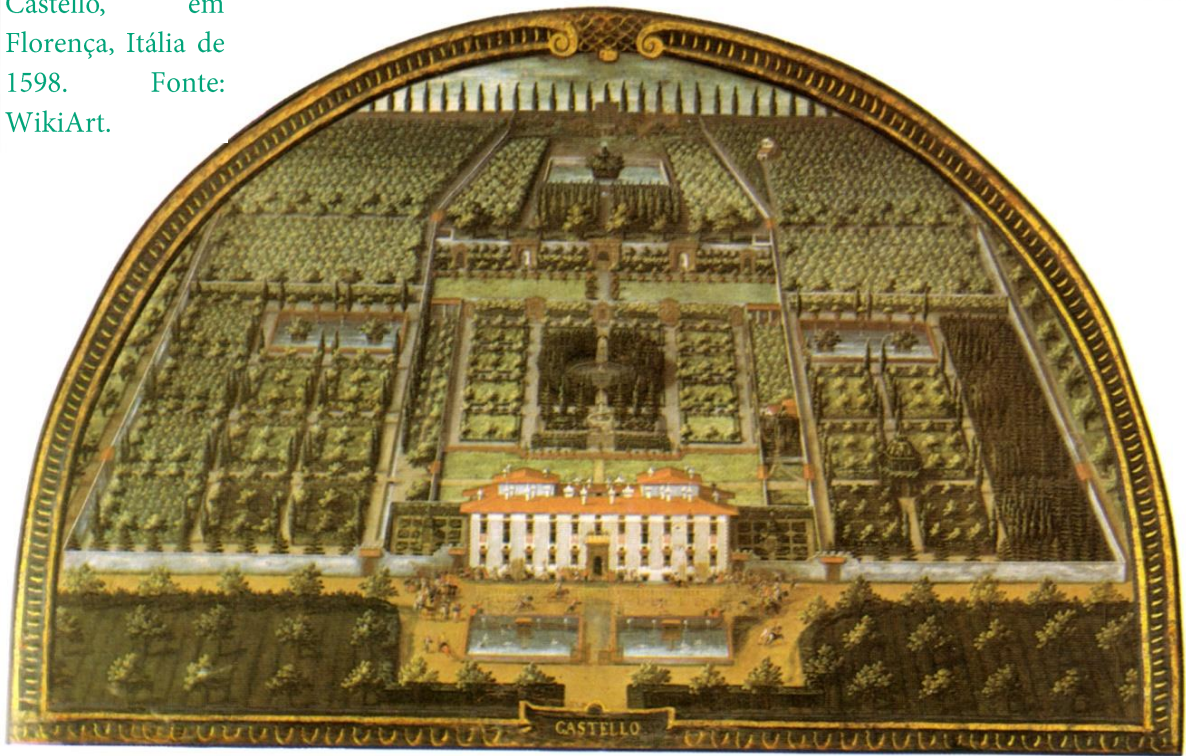


Figura 11: Gravura da vista superior do Palácio e dos jardins de Versailles, elaborada por Silvestre, em 1680. Fonte: Site Versailles 3D.

Figura 12: Pintura de John Constable intitulada *The Dell at Helmingham Park*, de 1830, retratando a paisagem dos jardins ingleses. Fonte: Google Arts and Culture.



incorporar a sensação de mistério para o local. Ordenava-se a paisagem de forma assimétrica com a implantação de árvores de troncos mais irregulares, com as faias e salgueiro-chorão e buscava-se a construção de cenários com características selvagens. Como os jardins ingleses não eram cercados por muros, esperava-se que seu aspecto suavizasse a identificação dos seus limites, difundindo as paisagens naturais na sua paisagem construída (PAIVA, 2004, p. 96-97).

Até o século XVIII as cidades europeias encontravam-se estabilizadas com uma média de 180 milhões de habitantes. Foi no século XIX que esse cenário se transformou como consequência da Revolução Industrial e do acelerado aumento demográfico. Calabi (2012, p.15) aponta que, no início do século XIX, havia 22 cidades na Europa com mais de 100 mil habitantes e, de acordo com Pereira (2010, p. 209), entre 1800 e 1914, a população europeia alcançou 450 milhões de habitantes e a migração do campo para as cidades multiplicou o número dos habitantes das áreas urbanas por três, em média.

Nessa Londres da metade do século, com dois e meio milhões de habitantes, projetam-se com total nitidez a promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana. Para além do fascínio se faz sentir o medo. Na expressão de Shelley: 'o inferno é uma cidade semelhante a Londres, uma cidade esfumada e populosa. Existe aí todo tipo de pessoas arruinadas e pouca diversão, ou melhor, nenhuma, e muito pouca justiça e menos ainda compaixão. (BRESCIANI, 1984, p. 22).

As cidade industriais, marcadas pela mecanização dos processos produtivos, não se expandiram fisicamente e passou a existir uma crescente demanda por habitação, por equipamentos e infraestrutura urbana. Nesse contexto, a cidade era o lugar mais insalubre (Figura 13), assolado por constantes surtos de tifo, cólera e varíola, as preocupações com questões referentes à qualidade de vida como sanitarismo, salubridade, rede de esgoto, água, tornaram-se recorrentes (CHOAY, 2013, p. 3-4). Algumas cidades se preocuparam com o assunto a ponto de formarem comissões de especialistas para levantarem suas condições sanitárias e concluíram que prevenir seria muito mais econômico do que cuidar de doenças infecto-contagiosas (BRESCIANI, 1991, p. 11)

A cidade vai ser pensada como espaço que, transformado, se tornaria meio ideal para se formar homens saudáveis, moralizados e trabalhadores, os bons cidadãos [...]. A ideia sanitária nasce com a dupla concepção física e moral, ou melhor, com a sugestão de que se atingiria a mente e a formação moral do



Figura 13: Ilustração do artista Gustave Doré intitulada *Rua Dudley, Sete seletores*, de 1856. Fonte: British Library.

homem por meio da modificação do ambiente e, em decorrência, do corpo e do comportamento das pessoas. [...] Entre os objetivos de melhorar as condições da vida urbana esteve sempre o de civilizar seres semi-bárbaros. (Idem)

Os parques urbanos são resultados desse contexto, são produto da sociedade industrial e uma das soluções para as cidades convulsionadas (GUIMARÃES, 2010, p. 10). No entanto, a sociedade industrial não compreendia o parque como: “[...] parte integrante do meio urbano, mas como um local de refúgio, cujo valor essencial vinha do contraste com a ruidosa e empoeirada colmeia urbana. O valor recreativo dos parques era também incontestável, além disso, serviam de barreira contra um desenvolvimento contínuo da cidade”. No século XIX, os parques eram utilizados como grandes centros de lazer que se baseavam na criação de cenários, como nos jardins ingleses, e a natureza era o espaço ideal para se firmar uma oposição à mecanização crescente dos processos produtivos.

Rybczynski (2000, p.80) afirma que, no século XIX, os operários, trabalhadores das indústrias, sem condições de utilizarem os trens para viagens, os utilizavam para passeios. A Revolução Industrial, e o conseqüente aumento das linhas férreas, possibilitou que as pessoas passassem o “dia no campo”, ir para os parques era uma fuga à paisagem “natural” em oposição à realidade industrial. Um exemplo disso é retratado na obra “Domingo no Grande Jatte” (Figura 14), pintura de Georges Seurat, realizada entre os anos de 1884 e 1886.

Quando a tela foi produzida, Jatte era uma ilha arborizada, que oferecia ar fresco e ampla área verde, e era uma alternativa ao centro de Paris, que, como Londres, estava ficando cada vez mais populosa. A pintura retrata o lazer e as atividades realizadas por diferentes classes sociais na era industrial: passear no parque, sentar na grama, andar de barco no rio, pescar, levar o cachorro para andar, fazer piqueniques ou apenas sentar na grama e contemplar a natureza.

O projeto do Central Park, localizado na cidade de Nova Iorque, elaborado por Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux em 1858, buscava oferecer as mesmas possibilidades de fuga ofertadas pelo Jatte, mas dessa vez, numa área central e adensada da cidade. Os autores do projeto afirmaram que seus objetivos envolviam a criação de áreas



Figura 14: Pintura de Georges Seurat intitulada *Domingo no Grande Jatte*, realizada entre 1884 e 1886. Fonte: Google Arts and Culture.

dedicadas ao lazer e à recreação da população em espaços livres de feições naturalistas (OLMSTED, apud KLIASS, 1993, p.19). Para Olmsted, os parques não eram lugares definidos apenas por árvores, pontes ou passeios, mas lugares que possuíam características suficientes para se enquadrar no sentido das palavras cenário ou paisagem (Idem).

Os elementos ambientais do parque são artificiais (criados pelo homem) e pode-se observar (Figuras 15 e 16) como, atualmente, sua vegetação cresceu e estabeleceu a paisagem de uma área verde adensada. Seus lagos e as densas áreas verdes fazem parte da composição de uma paisagem natural que sugere a sensação de tranquilidade e salubridade, uma fuga do cotidiano urbano caótico. No geral, o Central Park surgiu como um cenário de espaço natural no meio de um ambiente urbano de alta densidade populacional. Ele ainda representa os significados atribuídos aos parques na atualidade e que são investigados nesta pesquisa.

1.3. A cidade como palimpsesto

A atribuição de significados e valores simbólicos também são verificados na definição de Raquel Rolnik (2012) para a cidade. A autora apresenta comparações metafóricas numa tentativa de aproximação da “característica essencial” (2012, p. 13) do espaço urbano e sugere que a cidade seja entendida como escrita, na qual os espaços urbanos e as formas arquitetônicas seriam lidos e compreendidos da maneira que se lê e se apreende os conteúdos de um texto. Para a autora, cidades como Salvador ou Ouro Preto tinham seus antigos casarões ou palacetes ocupados pela nobreza e eram símbolos de poder, conferiam significados a seus habitantes e ao local que ocupavam, mas ao serem transformados em cortiços ou pensões, passaram a representar a marginalização e a decadência desses locais. Sendo assim, sua ideia sugere que os novos usos dados aos edifícios históricos conferem novos significados para seus espaços urbanos e escrevem novos textos (ibid., p.19).

O artista Richard McGuire apresenta uma ideia similar no seu romance⁷ *Here*⁸(2014). A obra ilustra as transformações de uma sala de estar num recorte temporal milenar que se

⁷ Apesar da obra ser classificada como história em quadrinhos, Chris Ware se refere à *Here* como romance por entender que McGuire criou “uma obra de literatura e de arte diferente de tudo que já foi visto e lido”. Para ele, o artista “explodiu os limites da narrativa gráfica (...), apresentando uma nova dimensão para a narrativa visual”. (WARE, 2014, p.129-130)

⁸ A obra foi parcialmente publicada na Revista Serrote, do Instituto Moreira Salles, na edição de nº21, de novembro de 2015, p.96-127.



Figura 15: Vista aérea do Central Park, em 1938. Fonte: Site NYC Parks.



Figura 16: Vista do Central Park, em 2007. Foto: Michael Minn.

inicia com os primórdios da Terra e segue mesmo após a extinção da humanidade. Sua narrativa visual apresenta uma montagem de retângulos sobrepostos a uma base principal (Figuras 17 e 18), cada um deles ilustrando períodos diferentes. As sobreposições apresentam a transformação dos costumes, dos espaços ou aproximam ações e diálogos apesar de suas distâncias temporais. Chris Ware (2014) refere-se às composições de McGuire como “palimpsestos do espaço histórico” e afirma que são tentativas bem-sucedidas de se recriar visualmente a matriz da memória e do entendimento humano do tempo (ibid., p. 130).

A mesma referência aos pergaminhos raspados e utilizados novamente para a escrita de novos textos é feita por Bernardo Secchi ao recorrer ao historiador André Coboz. Este afirma que o território é um palimpsesto e “[...] as diversas gerações o têm escrito, corrigido, apagado, acrescentado [...]” (2012, p. 15). Secchi afirma que a cidade é um “[...] longo processo de seleção cumulativa, ainda agora em curso [...]” (ibid., p. 16):

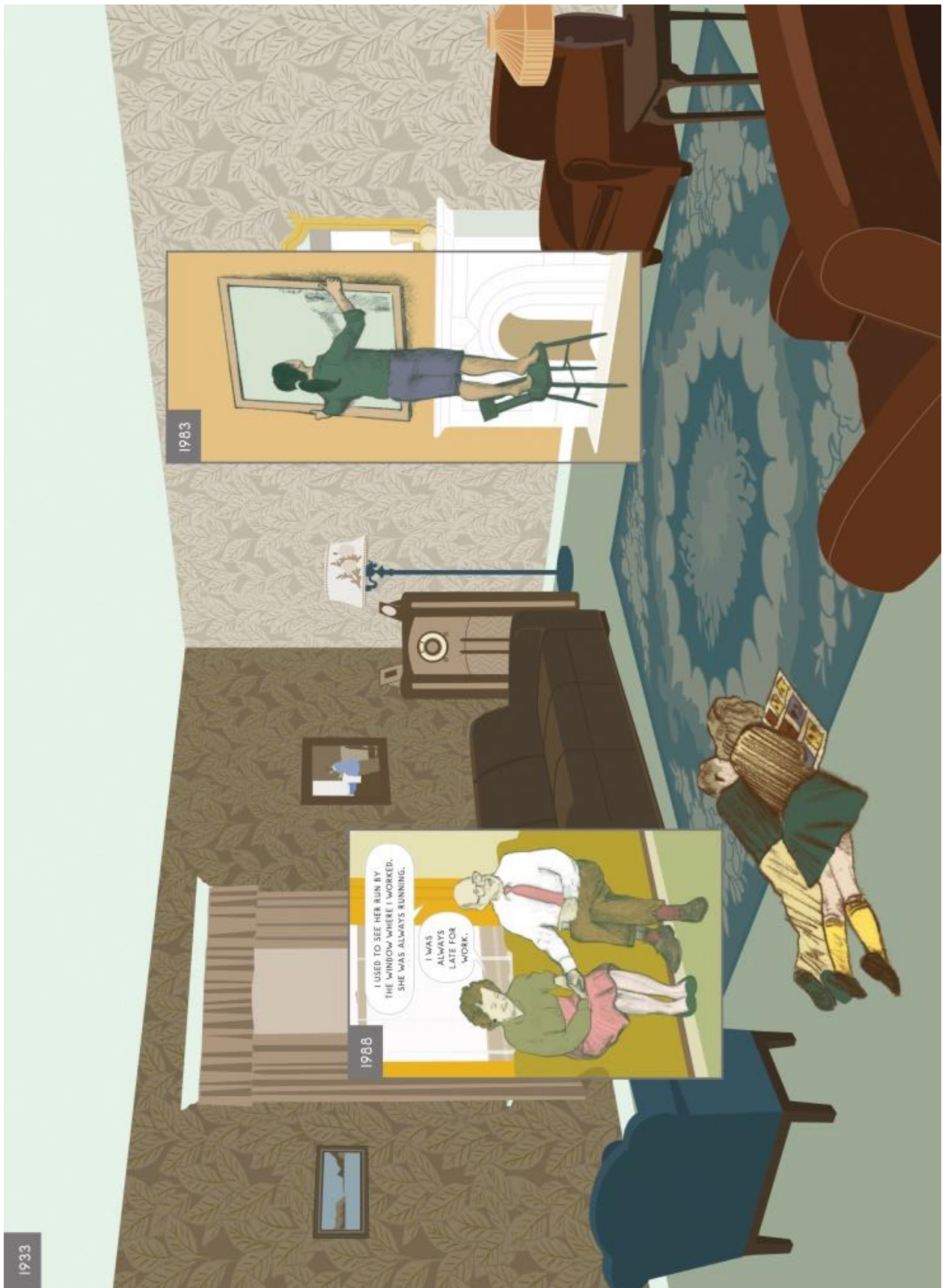
Alternadamente algo é preservado e reutilizado em novos contextos, algo é abandonado, destruído ou falsificado; algo é produzido *ex novo* como uma autêntica inovação. Reconhecer os legados do passado, distingui-los de suas mudanças ou transformações e, sobretudo, das inovações, que frequentemente se apresentam sob falsas roupagens, não é sempre coisa simples e isenta de ambiguidade. Mas ainda mais difícil é explicar, tanto para a cidade como para o território, o motivo da mudança ou da permanência. (Ibid., p. 59-60)

Esta cidade como palimpsesto “[...] se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam” (PESAVENTO, 2007, p. 16). A historiadora Sandra Pesavento (2004) retoma as *cidade invisíveis* de Ítalo Calvino para afirmar que uma cidade contém muitas outras e a comparação da cidade como palimpsesto envolve justamente desvelar essas muitas cidades contidas na cidade atual. A investigação das representações sobre o passado de qualquer cidade passa, então, pelas tarefas de se fazer lembrar, fixar imagens, desvelar sentidos (Ibid., 2004, p. 28) do local, trata-se de traduzir os sentidos de outro tempo para o tempo presente, colocando a cidade atual e do passado em conjunção, desvendando, assim, as correspondências, as rupturas e as continuidades de sua história. Caso contrário, corre-se o risco de colocar a cidade do passado como mero traço do antigo, “[...] vestígios que

Figura 17: Ilustração da obra *Here*, de Richard McGuire, com sobreposições dos anos 1915, 10.000 A.C. e 1970. Fonte: *The New Yorker*.



Figura 18: Ilustração da obra Here, de Richard McGuire, com sobreposições dos anos 1933, 1983 e 1988. Nos balões, o senhor diz: “Eu costumava vê-la correr pela janela de onde trabalhava”. E senhora responde: “Eu estava sempre atrasada para o trabalho. Fonte: The New Yorker



incorporam uma temporalidade histórica, velhas materialidades, diferentes ou anacrônicas com relação ao presente [...]” (Idem, p. 28).

Sendo assim, esta pesquisa trabalha com a ideia de que a cidade é materialidade e, ao mesmo tempo que se impõe fisicamente através de suas formas, seu traçado e de seus edifícios, a cidade se apresenta como “reduto de sensibilidades”, tendo em vista que, desde seu início, seus habitantes se encarregaram de representá-la pelas palavras, pela escrita, pela música ou por imagens (PESAVENTO, 2007, p. 11). Considera-se, portanto, que o espaço urbano é “[...] objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano [...]” (Idem, p. 14).

A cidade, enquanto espaço construído, é também significado, valor e entendimento que teve um dia seu sentido construído e fixado pelos homens. Tais sentidos do passado são como que enigmas ou segredos que é preciso decifrar, pois fizeram daquele espaço um lugar - um espaço dotado de sentido (...). E, no passado, os homens pautavam sua conduta por outros princípios e sentimentos, distintos dos nossos. Todas essas facetas da materialidade construída do passado, que se desdobra em sociabilidade e sensibilidade, se apresenta ao historiador de hoje como um palimpsesto, a embaralhar sinais e confundir sentidos. (PESAVENTO, 2004, p. 27-28)

A partir dessa análise, vislumbrou-se a possibilidade de investigação do “processo de seleção cumulativa” da cidade através de uma abordagem da História Cultural, visando à aproximação das disciplinas de História e de Arquitetura e Urbanismo. Bernard Lepetit (2001, p. 42) entende a interdisciplinaridade como um processo controlado de empréstimos recíprocos entre as diversas áreas de conhecimento, entre os conceitos, as problemáticas e os métodos que possibilitam, então, leituras renovadas da realidade social.

Nesse sentido, a cidade como objeto de estudo emerge menos do desenvolvimento da historiografia do que de uma confrontação cruzada das interrogações das ciências humanas (Ibid., p.44). E é nessa confrontação que a cidade deixa de ser considerada apenas o cenário no qual se realizam as ações e produções humanas, para ser analisada como o próprio problema e objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Sendo assim, os parques urbanos podem ser entendidos como parte de um “longo processo de seleção cumulativa” e o cruzamento dos dados objetivos - as transformações dos seus aspectos físicos -, com o seus dados subjetivos - sentidos e valores -, é que possibilita a realização de uma história cultural do urbano, que pensa “para muito além do espaço, enveredando pelo caminho das representações da urbe” (Idem). Os capítulos seguintes, portanto, apresentam esses dados objetivos e subjetivos, buscando alcançar as representações do Bosque dos Buritis na cidade de Goiânia.

*Bosque dos Burtiris e a formação do cartão-postal
de Goiânia*

2.1. Formação da nova capital: a modernização de Goiás

A constituição dos parques urbanos de Goiânia iniciou-se já na criação da cidade, na década de 1930. Concebida para substituir a antiga capital do Estado de Goiás, Vila Boa, atual Cidade de Goiás, a nova cidade esteve carregada de expectativas com relação ao que deveria representar. Mello (2006) refere-se à Goiânia como a possibilidade de concretização do desejo de se superar o estigma de atraso do Estado de Goiás, “um lugar no fim do mundo”, onde os avanços tecnológicos não chegavam.

A nova capital do Estado trazia consigo um conteúdo simbólico que apontava para ideias de novos tempos de desenvolvimento e progresso. Pretendia-se que a cidade fosse o marco da passagem para uma nova etapa na história: isso significava que a sua construção era um ato de quebra de estigma, ou seja, ressignificação. (Ibid, p. 31)

Da mesma maneira, Armando Augusto de Godói, engenheiro urbanista integrante da comissão responsável pela escolha do local de implantação da nova capital, explica as razões do atraso de Goiás atribuindo “[...] o pouco ponderável progresso do vosso Estado ao fato de nele ainda não ter podido surgir um centro urbano com todos os elementos necessários para se expandir e estimular as múltiplas atividades que caracterizam a vida econômica e social de um povo” (GODÓI, 1933, p.15). Godói atribui à cidade moderna a ação civilizadora e econômica necessária para o “progresso”:

A cidade moderna, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e ao seu estabelecimento e à sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura, de ordem, de trabalho e de atividades bem coordenadas. Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob a sua influência civilizadora. (Ibid., p. 15)

Estabelecia-se uma forte oposição entre a nova capital moderna e Vila Boa antiga, que reiterava a imagem de inércia e atraso do estado. Nesse sentido, Goiânia emergiu como símbolo do progresso e representava a modernização alcançada pelo Estado de Goiás. A chegada da estrada de ferro na região sul de Goiás foi o principal avanço responsável pela sua modernização, modificando a dinâmica do estado ao acabar com sua situação de isolamento. Possibilitou maiores trocas de produtos com outras regiões do país e o escoamento da

produção agrícola das terras férteis do sudoeste goiano (MELLO, 2006, p.34), garantido-lhe crescimento econômico. Além disso, a estrada de ferro propiciou a formação de novos núcleos urbanos a partir de suas estações, colaborou com o desenvolvimento das cidades já existentes que se localizavam ao longo do percurso dos trilhos e possibilitou maiores fluxos migratórios no estado (MELLO, loc. cit.). De acordo com Silva e Mello (2013, p.67), uma parcela considerável dos goianos entendia que, nesse momento, estavam sendo materializadas as condições fundamentais para a produção de um “mundo novo”.

Essas transformações colocaram o sudoeste goiano em destaque pelo seu rápido desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, resultaram na projeção dos representantes políticos da região. Mello (2006) menciona o desencontro entre a concentração dos poderes econômico e político que até então andavam juntos, concentrados na oligarquia dos Caiado, que estiveram no poder desde o início do século XX, em Vila Boa. Com a Revolução de 1930, o governo de Getúlio Vargas promoveu um desmonte das oligarquias regionais e nomeou Pedro Ludovico Teixeira, médico e político na cidade de Rio Verde, localizada no sudoeste goiano, como interventor de Goiás.

O novo governo encontrou dificuldades para administrar o estado em Vila Boa, visto que os antigos dirigentes possuíam grande influência na região. A construção de uma nova capital veio, portanto, ao encontro da necessidade política do momento, considerando que um dos principais planos do governo de Getúlio Vargas era a Marcha para o Oeste: “[...] é uma realidade urgente e necessária galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-nos no sentido das latitudes” (VARGAS, 1938, p. 1). Vargas afirmou que persistiria “[...] na disposição de suprimir as barreiras que separam zonas e isolam regiões, de sorte que o corpo econômico nacional possa evoluir homogeneamente, e a expansão do mercado interno se faça sem entraves de nenhuma espécie” (Ibid., p. 2).

Goiânia deveria representar verdadeira ruptura com a imagem que se tinha do estado atrasado e arcaico das oligarquias vilaboenses, inaugurando um novo momento na história de Goiás. Pedro Ludovico Teixeira (1933) afirmou que a nova cidade solucionaria todos os problemas do estado e sua expectativa era de

Uma capital acessível, que irradie progresso e marche na vanguarda, coordenando a vida política e estimulando a econômica [...], lugar de saliência que os seus imensos recursos, as suas possibilidades infinitas já lhe teriam conquistado, sem dúvida, se a capital atual, retrogradante, incapaz de promover o seu próprio desenvolvimento, não lhe tivesse estreitado os horizontes e embargado os impulsos de engrandecimento. (TEIXEIRA, 1933, p. 3-4)

Somado a esses argumentos políticos e econômicos, Mello (2006, p. 36) menciona um argumento de “cunho científico” referente à falta de salubridade de Vila Boa, reiterando-se a necessidade de construção de uma nova capital moderna que atendesse aos padrões sanitários vigentes naquele momento. Manter a salubridade e a higiene, bem como o equilíbrio entre a natureza, a cidade e o campo eram algumas das premissas vigentes na virada do século XIX para o XX. Afirmava-se, portanto, haver uma necessidade de atender condições de qualidade de vida como sanitarismo, salubridade, rede de esgoto, água, que as cidades coloniais não eram mais capazes de atender, impossibilitando-as de lidar adequadamente com a expansão urbana.

Nesse contexto, em 24 de outubro de 1933, Pedro Ludovico Teixeira lançou a pedra fundamental da nova capital do estado e Goiânia deixou de ser apenas uma ideia. Em 1937, decretou-se a transferência da sede administrativa de Vila Boa para a nova capital, e, em 5 de julho de 1942, ocorreu sua inauguração oficial. O Batismo Cultural de Goiânia, como foi nomeada a série de eventos comemorativos de sua inauguração, ocorreu entre a segunda quinzena de junho e a primeira quinzena de julho de 1942 (GALLI, 2007), e apresentou a nova capital para o país.

A ideia de nomear a inauguração oficial como Batismo Cultural reitera a expectativa de que a nova capital teria força para apagar a imagem de local antigo e atrasado que o estado possuía, criando a imagem de uma cidade com cultura efervescente. O jornal O Social (Figuras 19 e 20) faz referência a Goiânia como a “grandiosa obra” (O SOCIAL, 1945), a “metrópole do Oeste” (O SOCIAL, 1948), e afirma em sua reportagem “Goiânia e sua data magna” que a cidade “[...] criou em Goiaz uma nova mentalidade, novas formas de vida, sob a bandeira da civilização”.

O SOCIAL

SERÁ O ÓRGÃO OFICIAL, EM GOIÁZ, DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

Ano I

Goiânia, 8 de julho de 1945

Núm. 3

Relembrando um acontecimento nacional de grande repercussão histórica

Goiânia vai comemorar o terceiro aniversário de sua inauguração oficial

Confiada ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz e à Academia Goiana de Letras a promoção das festividades de 5 de julho — O elemento humano e o urbanismo na metrópole do Oeste

Transcorreu no dia 5 de julho corrente o terceiro aniversário da Inauguração Oficial de Goiânia, fato que constituiu um acontecimento nacional de grande repercussão histórica. A exemplo do que vêm sucedendo nestes últimos três anos, foram realizadas nesta capital, expressivas comemorações cívicas nas quais tomaram parte todos os nossos institutos de difusão cultural, inclusive o Instituto Histórico e Geográfico do Estado e a Academia Goiana de Letras, a que foi confiada a incumbência de promover as festividades, além de todos os estabelecimentos escolares da cidade.

A construção de Goiânia, foi a reação a uma imperiosa necessidade econômica e social, fruto da atenção que o governo do interventor Pedro Ludovico dispensou, a partir de 1930, à questão da mudança dos poderes públicos estaduais, problema de excepcional importância cuja irresolução vinha entretendo sensivelmente o desenvolvimento de Goiaz. Anos atrás empreendimento de igual significação fôra levado a efeito pelos mineiros com a edificação, em plena terra inculta, da cidade que hoje ostenta a situação de uma das mais belas e progressistas do Brasil: Belo-Horizonte.

ELEMENTO HUMANO

Pelo Rescencimento de 1940, a população do município de Goiânia, então composto dos distritos de Goiânia, Trindade (hoje município autônomo), Guapó, Grimpas e Goianira, acusou 18.473 habitan-

tes, sendo que somente a sede possuía 17.078. Em 1944, a população urbana foi estimada em 26.020 almas, destacando-se Goiânia com 24.500. Daí para cá a população aumentou de maneira vertiginosa, notando-se mesmo que, apesar do número de construções que se verificam na capital, o problema da habitação constitui ainda uma situação angustiosa, pois o crescimento populacional está muito à vanguarda do aceleração das edificações.

URBANISMO

Cidade moderna, plantada nas vastas planícies do Brasil Central, Goiânia, reúne em torno de si os mais diversos elementos naturais do solo goiano, ostentando ainda, com crescente intensidade, tudo que o gênio criador do homem procura semear no conjunto mundial, quer no campo arquitetônico, quer na artificialização das belezas naturais, quer no tocante às atividades espirituais. Construída nos moldes mais avançados em matéria urbanística, de aspecto simples e sem o ambiente abafado dos grandes centros, a Capital do Oeste tem contrastes de acentuada originalidade, tornando-se um ponto de turismo de excepcionais possibilidades. As comemorações do Batismo Cultural da cidade, este ano, por todas as razões, revestiram-se de invulgar brilhantismo, dada a ativa participação de todas as classes sociais para o seu completo êxito.

Figura 19: Reportagem comemorativa do terceiro aniversário do Batismo Cultural de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

O SOCIAL

"Nos dias de opressão, ser oposição é uma honra." (Rui Barbosa)

ANO IV

DIRETOR
GOMES FILHO

Goiânia, 5 de julho de 1948

REDATOR
ELI BRASILIENSE

N. 93

Nosso ponto de vista

Goiânia e sua data magna.

Transcorre hoje o sexto aniversário do Batismo Cultural de Goiânia, um dos exemplos mais edificantes da capacidade realizadora do brasileiro. Esta data resume, condensa, sintetiza de maneira admirável uma grande vitória do homem contra a hostilidade do meio, do idealismo contra a rotina, da arrancada do progresso contra o comodismo criminoso, da ideia-fôrça contra os interesses de determinados grupos, que na época da mudança dominavam Goiás completamente, reduzindo-o à simples condição de uma intocável ficção geográfica.

Goiânia antecipou o determinismo histórico do deslocamento do homem litorâneo para o centro, por isso que apontou caminhos iluminados ao trabalho de colonização em nosso país, no sentido de mostrar a todos um gigantesco trabalho, realizado com insignificante capital, levando-se em conta as modestas condições de Goiás.

Não se pode falar em Goiânia sem ser lembrado o nome de Pedro Ludovico Teixeira, idealizador e realizador dessa grandiosa obra, pois todos os outros trabalhos, a não ser a tarefa estafante e anônima do operário de toda espécie, são questões sem importância, muitas delas circunscritas apenas a interesses comerciais, forjadores de lucros fabulosos e subitâneos.

O povo em geral, de que o operariado construtor

de Goiânia é parcela importante, auxiliou e sempre está auxiliando o progresso da cidade fundada e construída por Pedro Ludovico Teixeira, cuja descida das escadarias do Palácio das Esmeraldas, nos braços dos goianienses, representou um capítulo inédito na nossa história política.

O influxo renovador de Goiânia, atravessando rapidamente os seus limites, alastrou-se por todo o Estado, que se tornou o ponto convergente das atenções nacionais; movimentou as células semi-mortas da nossa estrutura econômica, política e administrativa — os Municípios, revigorando as suas energias, e criou em Goiás nova mentalidade, novas formas de vida, sob a bandeira da civilização.

Esta grande data para Goiás, que hoje transcurre despercebida daqueles que surgiram no cenário político do Estado porque esta cidade lhes deu essa oportunidade, voltará a ser comemorada condignamente, quando os impostores receberam o castigo que merecem, pela arma pacífica da democracia — o voto, dado conscientemente pelo eleitorado que tanto ludibriaram, com promessas de uma era de grandes realizações, promessas irizadas que estouraram como bôlhus de sabão soltas por crianças vadias.

A grande obra não está sendo conservada pelos atuais governantes, e causa-nos tristeza ver sinais evidentes de decadência aqui e acolá, quer em prédios públicos, como o cine-teatro Goiânia, quer pelas ruas, esburacadas, abandonadas, quer ainda nos jardins, onde a grama seca desaparece aos poucos e de onde as flores fugiram, espavoridas com o desleixo a que se viram atiradas.

Apesar do histerismo iconoclasta que varre todo o Estado, motivado por perseguições políticas e vandalismos de toda sorte, Goiânia aí está, com a soberba pujança de seu progresso, conseqüente da grande dose de patriotismo, de sacrifício e de abnegação que foi lançada nos seus alicerces indestrutíveis.

Figura 20: Reportagem comemorativa do sexto aniversário do Batismo Cultural de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

Baseando-se nas ideias de Armando de Godói (1933), a inauguração sugeria que o local abrigava, de fato, o “centro de cultura” que a cidade moderna poderia proporcionar. Rocha (2007, p.11) afirma que o Batismo Cultural contemplou “[...] dias de arte, de eventos na área de educação, de uma feira dos Estados que desafiava as condições de realização da época, e de uma especial liturgia para louvar e abençoar a anunciada consolidação de Goiânia, em todos os planos”. E que

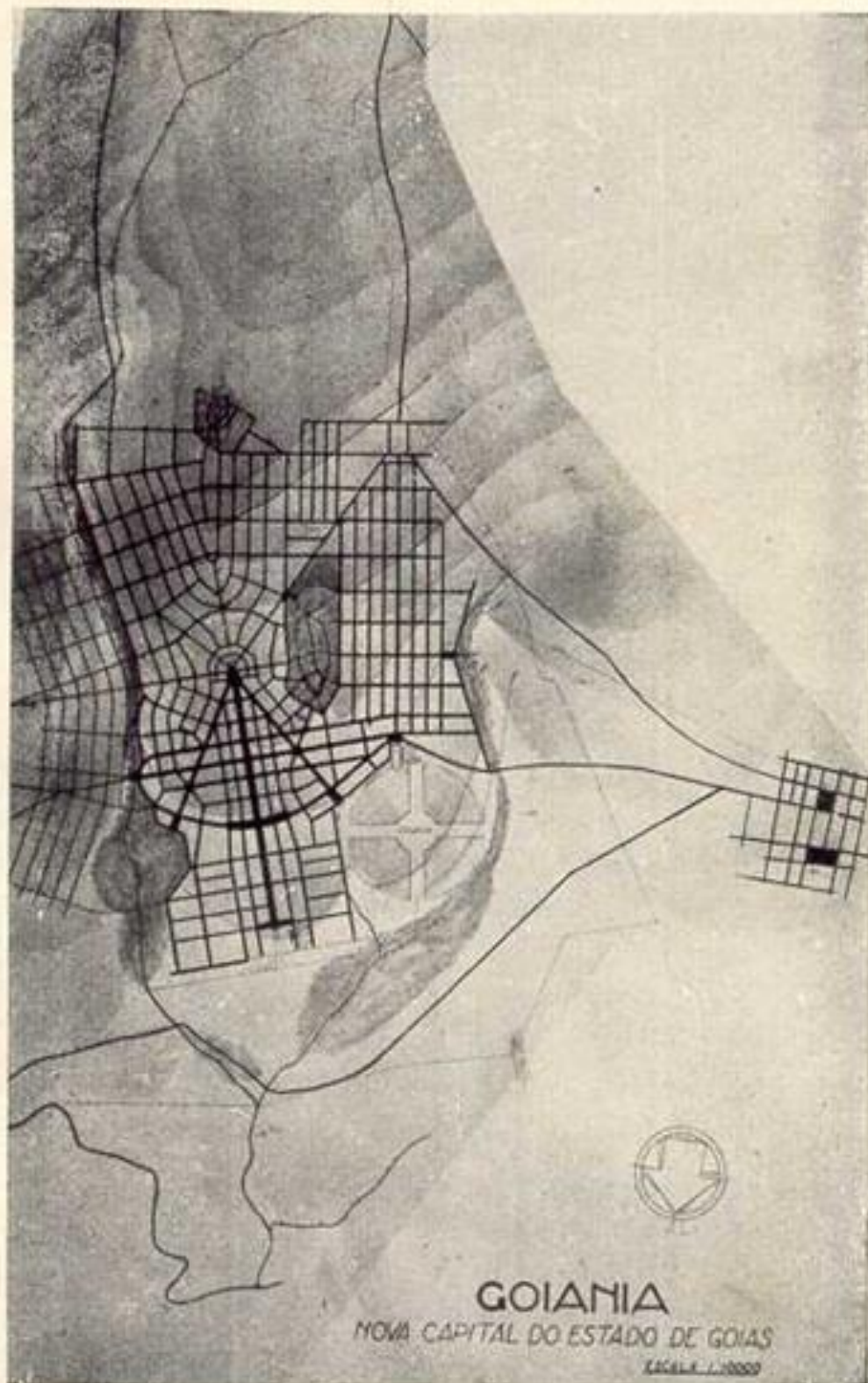
[...] até hoje alguns ainda questionam se o dia realmente histórico de Goiânia é o 24 de outubro ou o 5 de julho. A dimensão simbólica das duas datas escala o mesmo nível, com razões diferentes, mas semelhante grau de relevância política, social, histórica e cultural. O 24 de outubro de 1933 é a data da deflagração do esforço épico que iria materializar uma utopia; o 5 de julho de 1942 é a comprovação de que utopias são, muitas vezes, a antecipação de realidades. No 24 de outubro, a fé e a esperança dos pioneiros se combinaram muito bem para que, menos de nove anos depois, Goiânia abrisse as janelas para o Brasil e para o mundo. (ROCHA, 2007, p.11)

A utopia entendida como uma antecipação da realidade, mencionada por Rocha, relaciona-se com a afirmação do escritor Alberto Manguel (2013) de que a existência dos lugares na imaginação sempre precede sua existência no mundo. Dado que os projetos urbanos e arquitetônicos podem ser compreendidos como o intuito de materialização de ideias almeçadas (PESAVENTO, 2005), o processo de “ressignificação” que Goiânia desencadearia encontra forte respaldo no seu plano urbanístico.

Para Pesavento, arquitetos e urbanistas pensam o futuro por meio de projetos e de utopias do espaço, sugerindo que utopias urbanas, projetuais, arquitetônicas, sonhos de cidades ideais ou, até mesmo, o desejo de construir um mundo inteiramente outro, enquadram-se no sentido proposto por Walter Benjamin à utopia, que seria a

(...) libertação de energias criadoras que dão asas ao pensamento e revelam os sonhos de uma época. Mesmo que nunca saiam do papel, que não se tornem realidade, as utopias projetuais são testemunho de uma vontade, de uma intenção e de um desejo, todos históricos e datados, concebidos pelos homens de uma época. (PESAVENTO, 2005, p.114)

Elaborado pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima, entre 1932 e 1935, o plano para a cidade de Goiânia (Figura 21) é carregado de “conteúdo simbólico” e revelador dos “sonhos de uma época” (MELLO, 2006). Seu projeto se baseia no que o arquiteto se refere, por vezes, como “critério moderno” ou “tendências modernas”, evidenciando uma relação entre



PLANO PILOTO DA CIDADE. PROJETO DO URBANISTA
CORRÊA LIMA

Figura 21: Plano da Nova Capital de Goiás, Projeto de Atílio Corrêa Lima, elaborado entre 1932 e 1935. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

sua proposta para a nova capital com os estudos que realizou na França, no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris (IUUP), entres os anos 1927 e 1931⁹.

O objetivo do curso oferecido pela IUUP era ensinar e divulgar as novas ideias do urbanismo, “[...] concebidas naquele momento como uma verdadeira causa social” e com a intenção de construir cidades baseadas na fusão de ciência e arte (PIRES, 2009, p.84). Pires (2009) menciona as diversas experiências e o intenso debate acerca do urbanismo que ocorria naquele momento, como resultado dos problemas gerados pelo adensamento das cidades no século XIX:

As utopias, a criação do conceito de cidade-jardim, o discurso médico-higienista e a urgência de controlar um mundo urbano que se transformava ao ritmo alucinado de novas velocidades propiciaram um terreno fértil para a reflexão sobre a cidade. A contribuição singular do urbanismo francês deve-se à sua capacidade de formular uma síntese do que pertencia a seu tempo. (PIRES, 2009, p.93)

Sendo assim, o projeto de Goiânia é analisado como resultado de três aspectos principais: a monumentalidade, o zoneamento e as áreas verdes. O primeiro deles, refere-se à influência do urbanismo barroco. Argan (1973, p. 58-59) afirma que “[...] a cidade monumental é a cidade capital, e a grande criação histórica do barroco é a cidade capital do Estado moderno”¹⁰. Brandão (2006, p.143) complementa essa ideia afirmando que a capital é o centro de forças, sede do poder absoluto, que concentra em si o poder máximo governante, subordinando todo o território estatal e suas demais cidades, reduzidas a satélites sem vida própria.

A inspiração do barroco está presente nos traços do centro administrativo, “o principal motivo da cidade” (LIMA, 1942a, p.100) cuja característica é definida pelo desenho radial (Figura 22) e por grandes avenidas que convergem para os monumentos ou edifícios mais importantes, conferindo-lhe caráter monumental. A Praça Cívica é o ponto central, que abriga todos os edifícios públicos administrativos federais, estaduais e municipais. Ela determina o centro radial que estrutura o desenho da cidade e para onde convergem suas principais avenidas, a Araguaia, a Goiás – então, Pedro Ludovico – e a Tocantins. O conjunto referencia-

⁹ Para mais informações sobre a passagem de Atílio Côrrea Lima pelo curso do IUUP, consultar PIRES, 2009; e DINIZ, 2007.

¹⁰ O trecho trata-se de uma livre tradução da autora. Na versão consultada, em espanhol: “La ciudad monumental es la ciudad capital, y la gran creación histórica del barroco es la ciudad capital del Estado moderno.”

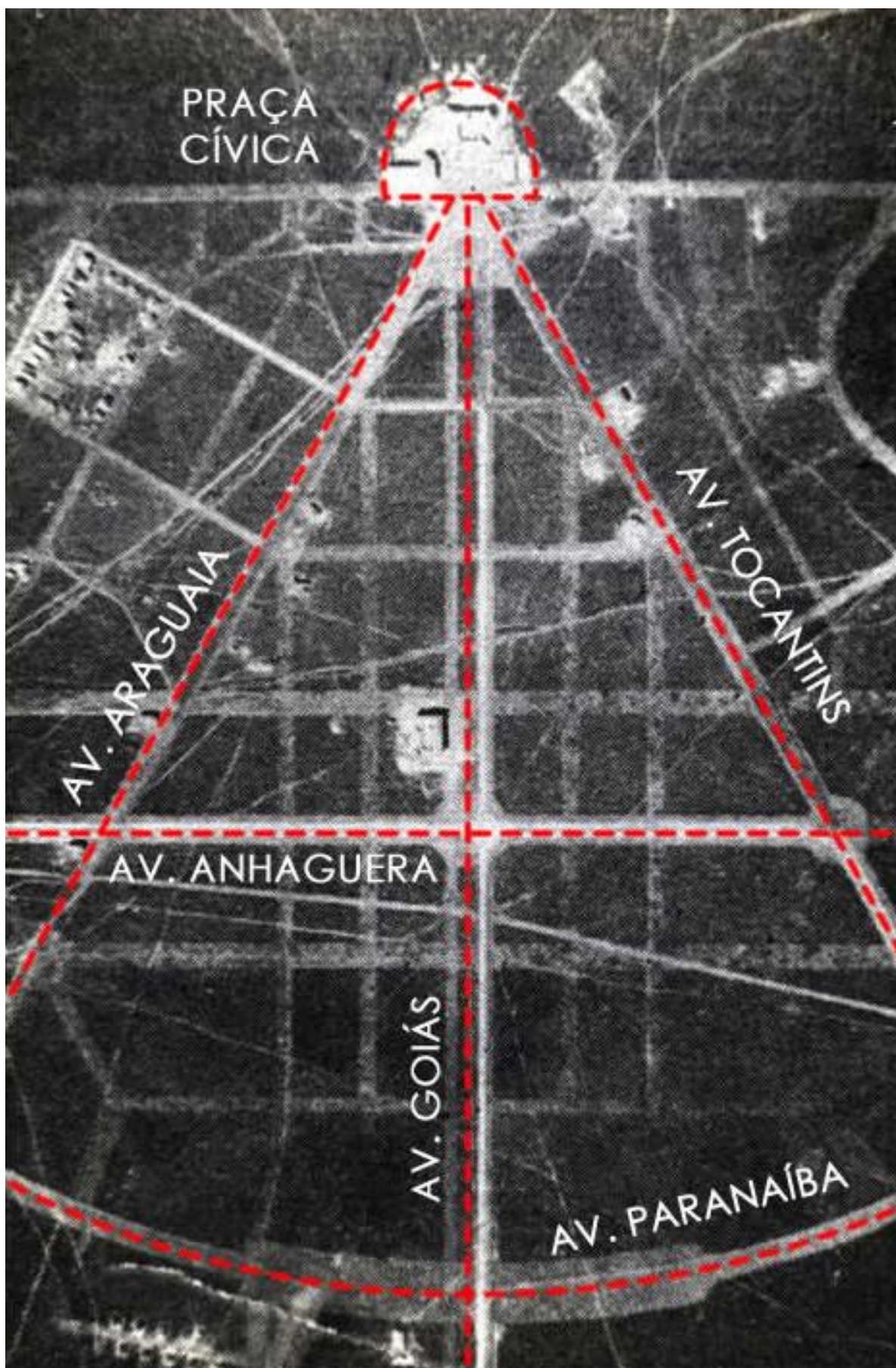


Figura 22: Foto aérea do início das obras da nova capital, de 1936. Em destaque, as principais avenidas do centro da cidade na forma do “pé de pato”. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016.

se na forma de *patê d'oise*, ou “pé de pato”, inspirado no desenho das cidades de Karlsruhe, Washington (Figuras 23 e 24) e no Palácio de Versailles, e Attilio Corrêa Lima afirma em seu relatório que

Quem atravessar a cidade ao longo da sua principal via comercial (avenida Anhanguera), verá sucessivamente três pontos de vista diversos ao cruzar as três grandes avenidas que convergem para aquele centro. Procuramos adotar o partido clássico de Versailles, Karlsruhe e Washington, genericamente chamado de “pate d'oise” pelo aspecto monumental e nobre, como merece a capital de um grande Estado (evidentemente que guardando as devidas proporções). (LIMA, 1942a, p.100)

Mello (2006, p.39) afirma que a escolha de Attilio C. Lima baseia-se numa estratégia muito conveniente para a criação de uma capital como Goiânia, em franco processo de afirmação política. Partindo-se dessa ideia, o arquiteto posiciona o Palácio do Governo de tal forma que ele é visível a partir de qualquer uma das três avenidas mencionadas, potencializando o seu sentido de “ponto de culminância”.

O segundo aspecto marcante do projeto refere-se ao zoneamento da capital (Figura 25). Corrêa Lima afirma que o traçado de Goiânia “[...] obedece, de uma maneira geral, à configuração do terreno, às necessidades do tráfego e ao zoneamento” (LIMA, 1942a, p.99), reiterando as fortes influências das propostas urbanísticas modernas. O arquiteto afirma fazer uso da topografia para dar ênfase ao centro cívico e seus aspectos monumentais mencionados, enquanto o tráfego está diretamente relacionado ao zoneamento, pois considera os usos que cada setor da cidade oferecerá para pensar os fluxos e travessias de veículos, como no caso da Avenida Paranaíba:

Ela foi projetada tendo em vista a necessidade que há de desviar o tráfego que atravessa a cidade com outro destino, evitando o acúmulo inútil no centro da cidade, constituindo na sua maioria de pesados veículos de carga. Este aliás, é um problema que prende muito a atenção dos urbanistas europeus no momento, a que os franceses chamam de *les voies d'évidement*. Como se vê, não é um problema fácil para as cidades com grande desenvolvimento. Contudo, no momento, a avenida Paranaíba não deixa de ter uma função bastante importante, ela é o acesso natural da estrada de rodagem para a zona industrial. (LIMA, 1942a, p.101)

A decisão pelo zoneamento da cidade procurou “satisfazer as tendências modernas”, a demarcação de zonas para usos determinados buscava organizar e facilitar “certos problemas

Figura 23: Plano da cidade alemã, Karlsruhe, fundada em 1715. Fonte: Site de Karlsruhe. Disponível em: < <https://www.karlsruhe.de/b1/stadtgeschichte/kurzestadtgeschichte.de> >

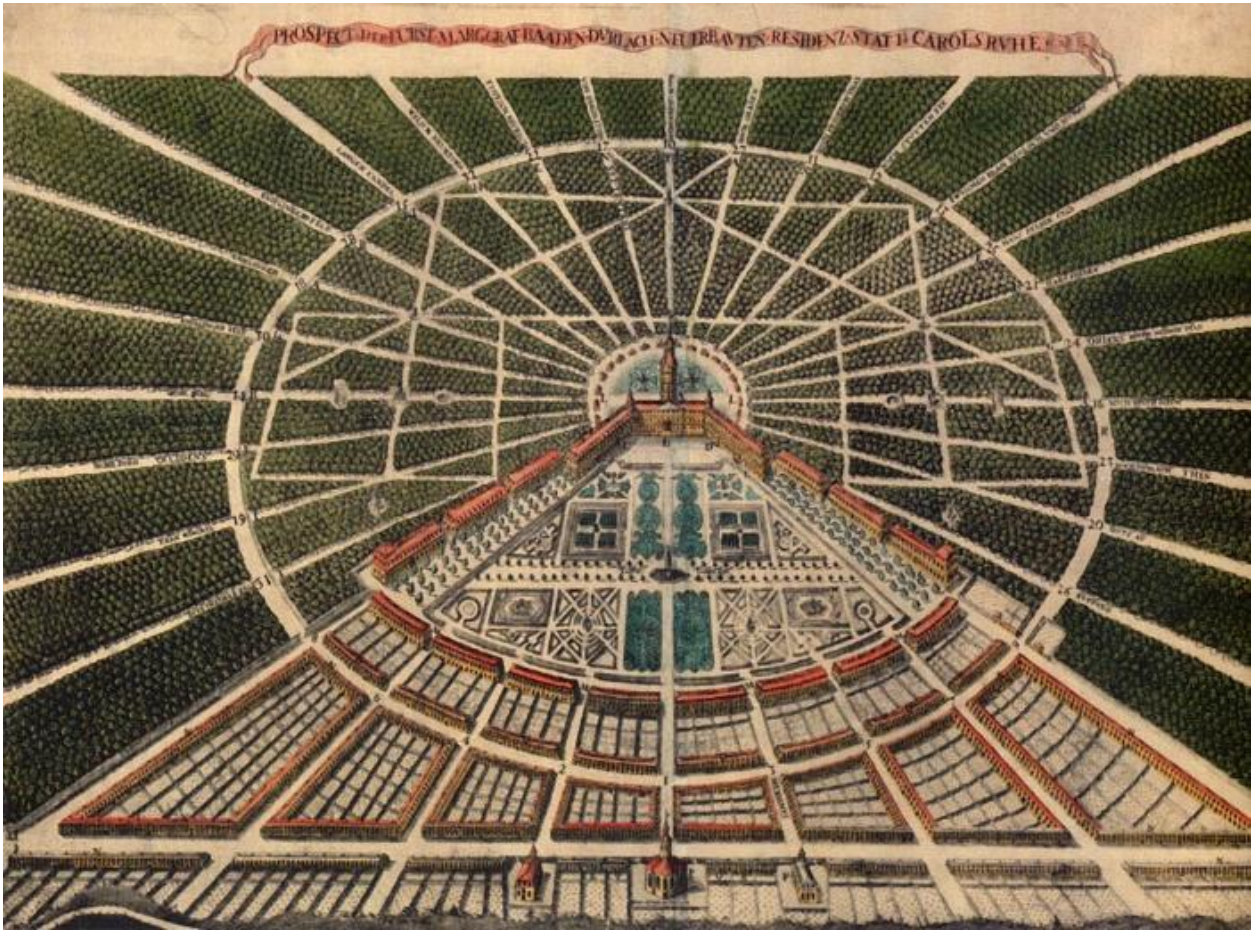


Figura 24: Plano do centro cívico da cidade de Washington, elaborado pelo arquiteto e engenheiro Peter Charles L'Enfant, em 1791, para o primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington. Fonte: Museum of the City. Disponível em: < <http://www.museumofthecity.org/project/lenfant-plan-of-washington-d-c/#> >

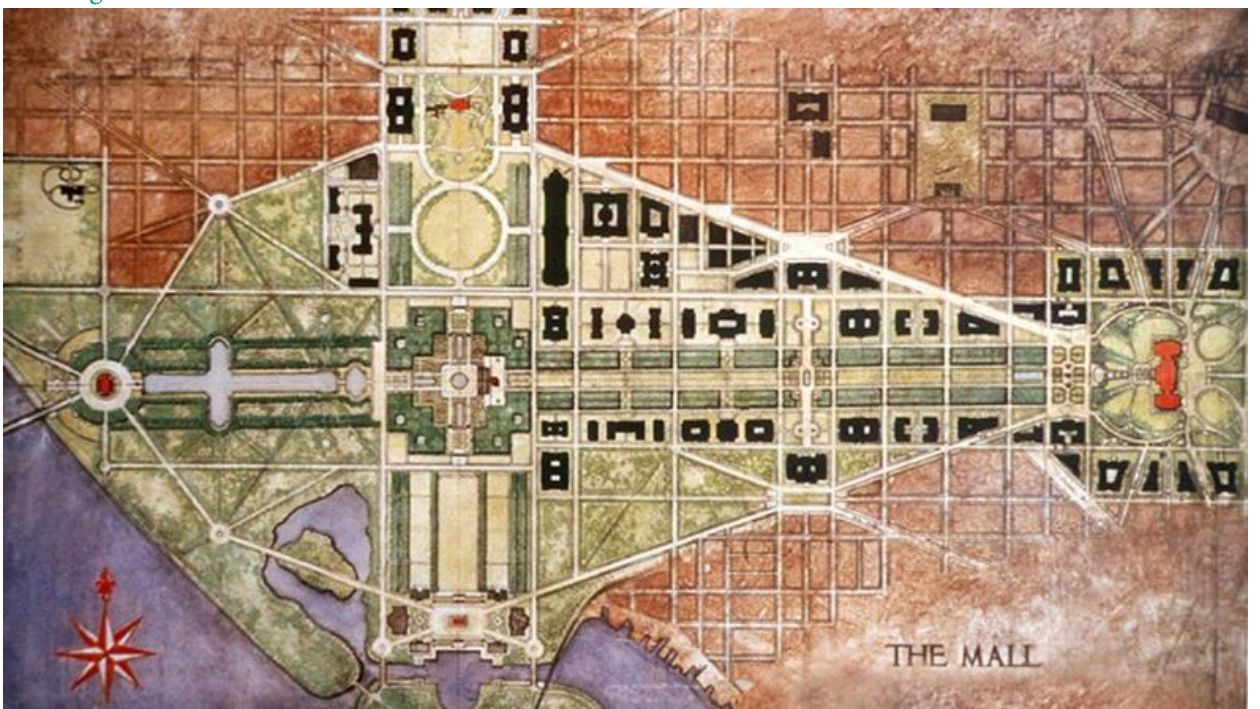




Figura 25: Zoneamento proposto por Atílio Corrêa Lima para a cidade de Goiânia.
 Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016.

técnicos, econômicos e sanitários”, além de demonstrar uma preocupação estética (Ibid., p.101-102). Corrêa Lima ressalta a facilidade para se estabelecer o zoneamento em uma nova cidade e, conseqüentemente, as responsabilidades de se fiscalizar as normas que regem o seu zoneamento (Idem). Ele reúne, em Goiânia, as características monumentais do urbanismo barroco com aspectos modernistas.

É interessante perceber que os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) têm início em 1928, e que, nesse momento, Côrrea Lima estudava na IUUP, pois é no contexto dos CIAM's que os arquitetos e urbanistas debateram as propostas modernistas e pensaram no zoneamento como uma solução para as cidades “[...] com o objetivo de atribuir a cada função e a cada indivíduo seu justo lugar” (IPHAN, 1995), como expressa a Carta de Atenas, redigida em 1933. No entanto, Corrêa Lima alerta que o “zoneamento não pode ser levado aos rigores extremos, como querem alguns profissionais, porque os excessos têm sempre efeito negativo” (LIMA, 1942a, p.102), mostrando-se disposto a uma revisão crítica das propostas em voga.

Além do zoneamento, o debate moderno também se voltava para as áreas verdes. Em seus escritos da década de 1920, Le Corbusier sugere que a cidade seja concebida como um grande parque e que a aglomeração urbana seja tratada como cidade verde (LE CORBUSIER in CHOAY, 2013, p.191). Desde então, o arquiteto já alertava para um problema que foi, posteriormente, retomado por Lima, em Goiânia: “As cidades atuais aumentam sua densidade às expensas de zonas ajardinadas que são o pulmão da cidade. A cidade nova deve aumentar sua densidade aumentando consideravelmente suas superfícies plantadas” (Idem, p.193).

Nesse sentido, Côrrea Lima afirma que, por se tratar da formação de uma nova cidade, a preservação da natureza foi tratada como uma prioridade (LIMA, 1942a, p.106), provendo a cidade com os padrões sanitários estabelecidos para a época. O projeto determinava que, de um total de 1.082 hectares projetados, 162 hectares seriam destinados aos espaços livres, tomando como tal, não apenas os parques e as praças, mas as vias públicas ajardinadas, as áreas destinadas aos esportes e *playgrounds*. A taxa representa 14,97% da área total, o que significaria uma proporção de 308 habitantes para cada hectare de área verde, levando-se em conta que a cidade atingiria o máximo previsto no projeto de cinquenta mil habitantes. O

arquiteto sugere que, numa possível expansão da cidade, seu entorno teria terras suficientes para que outras áreas verdes fossem criadas, mantendo-se os níveis de salubridade almejados.

Os espaços livres seriam utilizados para o lazer e embelezamento urbano, mas além do caráter estético que confeririam, buscava-se estabelecer um ambiente beneficiado por “reservas de oxigênio” (LIMA, 1942a, p.105). Optou-se por preservar certas áreas já beneficiadas pelos recursos naturais, considerando-se que as mesmas apresentavam uma estreita relação das áreas verdes nativas com os cursos d’água, garantindo-se, de um modo eficaz, a pureza da água que abasteceria a cidade.

A preocupação com o desmatamento dessas áreas, considerando-se a possibilidade do crescimento desordenado da cidade, como já havia acusado Le Corbusier, fez com que Corrêa Lima demarcasse no projeto as reservas ambientais cujos usos futuros destinavam-se à implantação de parques ou bosques:

Será inevitável, dentro em breve, a especulação desenfreada, em torno da venda de terras. (...) É preciso, portanto, que desde já fiquem bem estabelecidas as reservas. Embora só muito mais tarde possa a administração transformar essas matas em parques, nem por isso poderá dispor delas para outros fins que não os previstos. (LIMA, 1942a, p.106)

Segundo essa lógica, ele definiu o Parque dos Buritis:

O buritizal, localizado na extremidade da Rua 26, será transformado em pequeno parque. Para isso será necessário drená-lo convenientemente, conduzindo as águas pelo *talweg*, em canal descoberto tirando partido deste para os efeitos de pequenos lagos decorativos. Este parque que denominamos dos Buritis se estenderá por faixas ao longo do *talweg* e medirá 50 metros para cada lado deste, no mínimo, formando o que os americanos denominam de Park-way. (LIMA, 1942a, p. 51).

A proposta de Corrêa Lima consistia na elaboração de um parque que salvaguardasse a área verde, o curso hídrico que passava pelo local, o Córrego dos Buritis, e proporcionasse lazer e embelezamento para a cidade. Pelas mesmas razões, encontram-se no projeto os parques Botafogo e Paineira e dois longos *park-ways* margeando os córregos Botafogo e Capim Puba, conforme ilustra a Figura 1, que formariam o grande cinturão verde ao redor de Goiânia, delimitando o território sobre o qual a cidade se desenvolveria. O Parque dos Buritis seria um pequeno parque, com 40 hectares, o equivalente a 400.000m², um espaço livre, inalienável, cujo uso como área de lazer e de preservação ambiental não poderia ser alterado.

Para esse parque, Atílio C. Lima elaborou um esboço (Figura 26) inspirado nos parques ingleses no qual define os percursos, as áreas verdes e os lagos. No entanto, não se teve acesso a desenhos mais detalhados para o local e, em 1937, Côrrea Lima desligou-se do cargo de arquiteto e construtor de Goiânia. Substituído por Armando Augusto de Godói, engenheiro da prefeitura do Rio de Janeiro, o plano piloto da nova capital sofreu algumas alterações (Figura 27). Se antes o projeto apresentava um traçado de caráter regular, baseado nos “critérios modernos”, as alterações realizadas por Godói ainda apresentaram características modernas, mas dessa vez inspiradas na cidade de Radburn (Figura 28), construída em 1929 em Nova Jersey, nos Estados Unidos, com base nas ideias de Ebenezer Howard para as cidades-jardins.

O modelo das cidades-jardins foi elaborado como resposta ao contexto de transformação da Revolução Industrial que se caracterizou pelo acelerado aumento demográfico e pela mecanização dos processos produtivos. Esse novo cenário se configurou a partir da extrema densidade urbana, pois as cidades não se expandiram fisicamente e passou a existir uma crescente demanda por habitação, por equipamentos e infraestrutura urbana. A preocupação com questões referentes à qualidade de vida como sanitarismo, salubridade, rede de esgoto, água, tornou-se recorrente (CHOAY, 2013, p. 3-4). A proposta de Howard com as cidades-jardins era demonstrar que existiam alternativas para os ambientes urbanos que não passavam pela alta densidade populacional nem pela insalubridade.

Na verdade não existem, como se afirma constantemente, só duas possibilidades – a vida na cidade e a vida no campo. Há uma terceira solução, na qual todas as vantagens da vida mais ativa na cidade e toda a beleza e as delícias do campo podem estar combinadas de um modo perfeito (HOWARD apud CHOAY, 1979, p.220).

Considerando-se que as obras para a nova capital já haviam sido iniciadas com base no projeto de Côrrea Lima, as alterações propostas por Godói foram limitadas às condições impostas pelo canteiro de obras da nova capital e concentraram-se, portanto, no Setor Sul, indicado pelo zoneamento como a Zona Residencial Suburbana. Com exceção do Parque Paineiras, localizado no bairro, as áreas verdes foram mantidas, mas se antes elas eram exclusividade das vias públicas arborizadas, dos *park-ways* e dos parques, agora elas também passariam a permear todo o Setor Sul.



Figura 26: Proposta de Atília Corrêa Lima para o, então, Parque dos Buritis. Fonte: DINIZ, 2007.

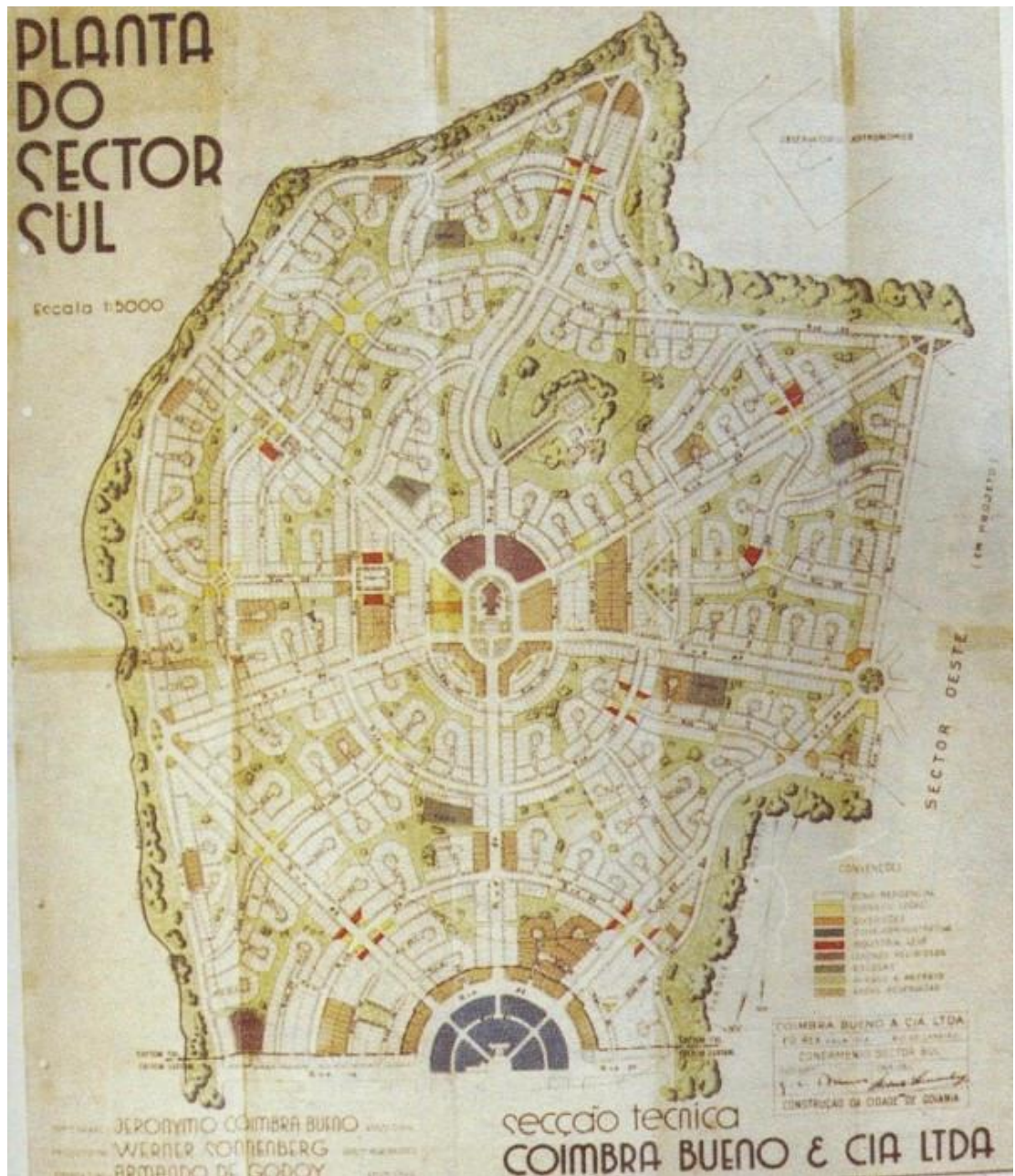


Figura 27: Projeto do Setor Sul, elaborado por Armando de Godói. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.



Figura 28: Projeto da cidade de Radburn, em Nova Jersey, nos Estados Unidos, elaborado por Clarence Stein e Henry Wright, de 1929. Fonte: Site da Associação de Radburn. Disponível em: < <http://www.radburn.org/>>.

O bairro, de caráter residencial, era formado por inúmeros *cul de sacs*, ou vielas, como ficaram popularmente conhecidos, por onde se teria acesso motorizado ao fundo das residências que se voltariam para jardins internos destinados ao lazer e à convivência. Previa-se nesses recantos a construção de escolas e quadras esportivas. Procurou-se ao máximo separar o fluxo de pedestres do de automóveis. Na prática, o funcionamento inverteu-se. O resultado é que os jardins internos ficaram subaproveitados ou totalmente abandonados (MELLO, 2006, p.42)

Para Mello, a intenção de Godói era conciliar o antagonismo cidade-sertão sobre o qual a cidade se fundou e proporcionar “[...] uma assimilação mais suave da experiência de se viver em uma capital moderna” (ibid., p. 45), a partir da ponte entre cidade e campo que a proposta de cidade-jardim proporcionava. No entanto, a autora sugere que a força da tradição prevaleceu e o que poderia ser uma nova forma de morar na nova capital moderna tornou-se apenas uma “implantação um pouco diferente da maneira habitual de emparelhar as residências” (Idem).

2.2. Ocupações e intervenções no buritizal

Nas décadas de 1930 e 1940, a cidade estava se formando, o cerrado, natural da região, era a vegetação predominante no local, somado às matas das margens dos córregos que correspondiam às áreas destinadas aos futuros parques da capital. O primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, entusiasmado com as possibilidades da nova cidade que surgia, preocupou-se bastante com sua aparência e desenvolvimento (AMMA, 2008b) e iniciou a arborização e o arruamento da capital, à medida que os primeiros setores surgiram.

Num depoimento sobre os primeiros anos da cidade, Amaury Menezes¹¹ narra que

As primeiras ruas foram abertas e revestidas de cascalho, mas, como praticamente não existia tráfego de veículos, os pedestres criavam dentro do cerrado rasteiro os seus atalhos, que na época denominávamos trilheiros. Goiânia era uma cidade que se caracterizava pelos trilheiros. As frutas típicas do cerrado, como gabioba, fruta de ema e guapeva podiam ser colhidas e saboreadas pelos pedestres que transitavam pelas trilhas, e só encontrávamos pequenas manchas de matas nas nascentes e nas margens dos córregos (MENEZES in AMMA, 2008b, p.20)

¹¹ José Amaury de Menezes nasceu em 25 de julho de 1930, na cidade de Luziânia, no interior de Goiás, e mudou-se para Goiânia em 1936. É artista plástico, foi professor na Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás entre 1962 e 1986 e é membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia de Letras e Artes do Planalto.

De acordo com o histórico da arborização da capital apresentado no Plano Diretor de Arborização Urbana de Goiânia (AMMA, 2008b), as diretrizes determinadas por Corrêa Lima para a implantação de avenidas com canteiros centrais e calçadas arborizadas começaram a ser implantadas na década de 1940 (Figura 29). Como a flora do cerrado não era valorizada em função de padrões estéticos e culturais, definidos pelas cidades do leste do país, optou-se pela utilização de espécies exóticas, como os flamboyants de floração vermelha e amarela nas Avenidas Tocantins e Araguaia, e, posteriormente, nas Ruas 3, 16, 18, 20 e Avenida Paranaíba, e o ficus na Praça Cívica e na Av. Goiás (Ibid., p.14).

Apesar desses esforços em estabelecer uma nova capital moderna, os depoimentos sobre os primeiros anos de Goiânia apontam o pessimismo com relação ao seu crescimento e desenvolvimento. Menezes (2008, p.21) afirma que mesmo para os pioneiros mais entusiasmados, Goiânia não chegaria a crescer o suficiente para ter seus bairros ligados a Campinas (Figura 25), cidade que já existia há mais de um século quando Goiânia começou a ser construída e que oferecia serviços e insumos para a nova capital que iniciava. A ideia de que Campinas deixaria de ser uma cidade para ser um bairro de Goiânia parecia uma utopia. Até mesmo a ideia de que Goiânia alcançaria os cinquenta mil habitantes, inicialmente previstos para ocupar o plano de Corrêa Lima, parecia exagerada.

Além disso, os discursos de capital moderna não condiziam com a realidade cotidiana dos moradores que lidaram, constantemente, com falta de água e energia, por várias épocas consecutivas, denunciada nos jornais da década de 1940 (Figura 30), e que vão se prolongar até a década de 1960, de acordo com os jornais da cidade. Jacira Veiga Jardim (AMMA, 2008b, p.22), que se mudou para Goiânia em 1937, relata que “[...] na Rua 4 não tinha asfalto, faltava luz e havia poeira em quantidade, porque ainda estavam abrindo canaletas de esgoto”.

A falta de estrutura se relacionava ainda aos costumes rurais trazidos para a capital. O Sr. Osiris¹², que se mudou para Goiânia aos 5 anos de idade, em 1933, afirmou ser bastante comum naqueles primeiros anos, deparar-se com Pedro Ludovico Teixeira percorrendo a cidade a cavalo. Uma ideia muito distinta daquela apresentada no projeto de Atílio Corrêa

¹² Osiris José da Silva nasceu no dia 21 de agosto de 1928, e é filho do Sr. Delmiro Paulino da Silva, operário que trabalhou na construção de Goiânia e que hoje nomeia a Praça Delmiro Paulino da Silva localizada no cruzamento da Avenida 136 com a Rua 90, no Setor Marista. Seu relato foi concedido na tarde do dia 23 de abril de 2016.

Figura 29: Foto da Avenida Goiás em 1945. Fonte: Museu da Imagem e do Som.

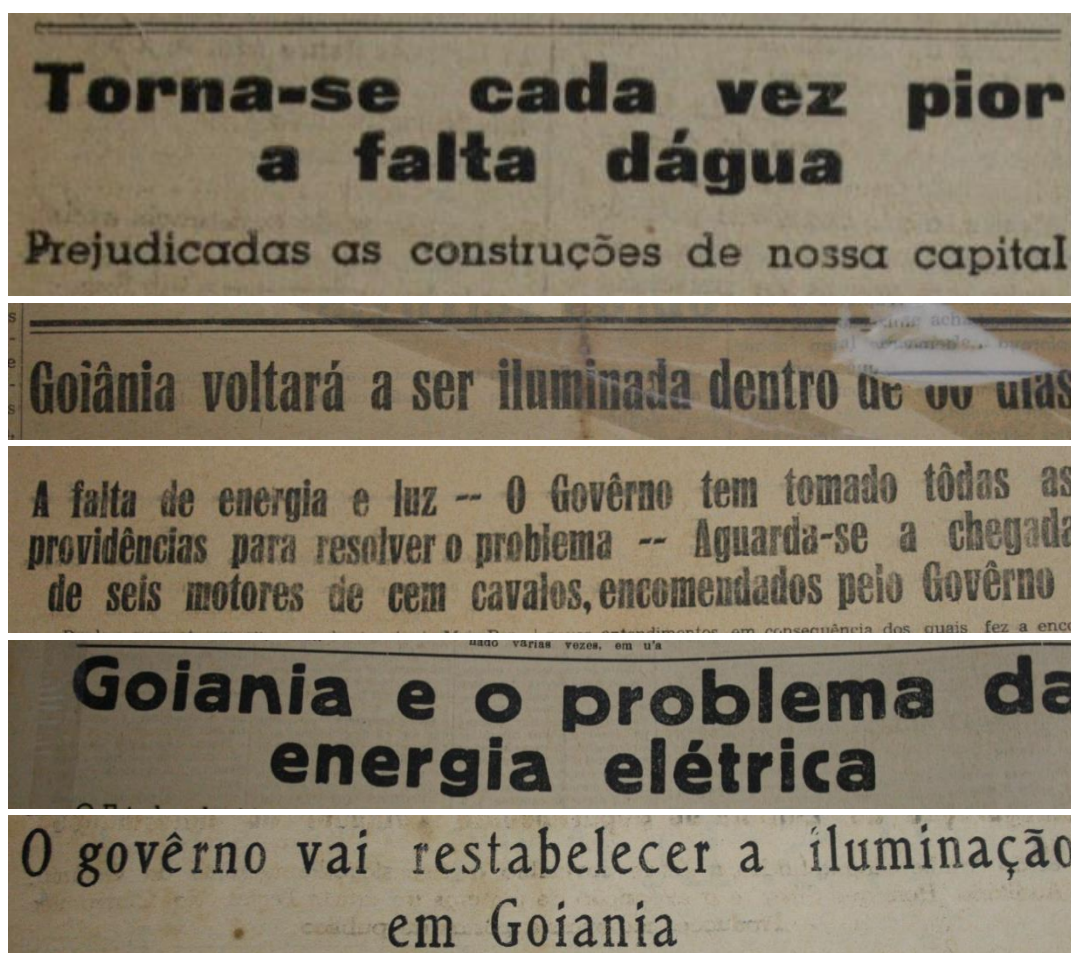


Figura 30: Manchetes do jornal O Social, respectivamente, de outubro de 1948, maio, julho, setembro e outubro de 1945. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

Lima que contava com largas avenidas e buscava atender “[...] às necessidades do tráfego” (LIMA, 1942a, p.99).

O buritizal, como era conhecida a região do atual Bosque dos Buritis, por ser uma região alagadiça (Figura 31) e com uma densa vegetação, era frequentado pelos moradores da cidade para passeios exploratórios, pequenas caçadas e pescarias de lambaris, cascudos e papateras (O Popular, 1977). As crianças nadavam no córrego cuja nascente nascia no atual Clube dos Oficiais, ele se estendia no sentido norte, passando pelo Ateneu Dom Bosco e Jôquei Clube, até a Santa Casa, onde hoje está localizado o Centro de Cultura e Convenções. Naquela nascente, a formação natural de um pequeno lago proporcionava, para os jovens e adolescentes da época, momentos de lazer e exercícios de natação. Isso antes da conclusão do Lago das Rosas (MENEZES in AMMA, 2007, p.20).

No geral, os espaços livres da cidade, previamente definidos como parques, foram, de fato, reservados para tais fins. Entretanto, Ribeiro (2004) afirma que o governo acompanhou a expansão da cidade e preocupou-se com as determinações do projeto apenas nos primeiros anos de sua construção. No final da década de 1940 e início de 1950, a cidade passou por um processo de degradação ambiental com a retirada abusiva da cobertura vegetal. A pressão de particulares para a liberação de parcelamentos de terras resultou na deficiência de áreas verdes, muitas delas foram reduzidas a pequenas praças implantadas, inúmeras vezes, sem respeito aos limites dos cursos hídricos. Streglio (2012, p.35) aponta que, na década de 1980, menos de 6% da cobertura vegetal total da cidade correspondia à vegetação nativa, anterior ao início das obras de Goiânia.

Mesmo as matas ciliares, essenciais a preservação dos cursos d'água, eram raras e, quando existentes, apresentavam um elevado nível de degradação. Havia apenas resquícios de cobertura vegetal original, formando manchas com dimensões variadas até o máximo de 400 hectares, que apareciam com maior frequência no quadrante nordeste do município, em virtude provavelmente das características do terreno da região, de relevo acidentado, impróprio ao uso urbano (RIBEIRO, 2004, p. 101-102).

O Setor Oeste é um exemplo característico dessa situação. Localizado no entorno imediato do Bosque dos Buritis, o bairro deveria ser implantado somente após a década de

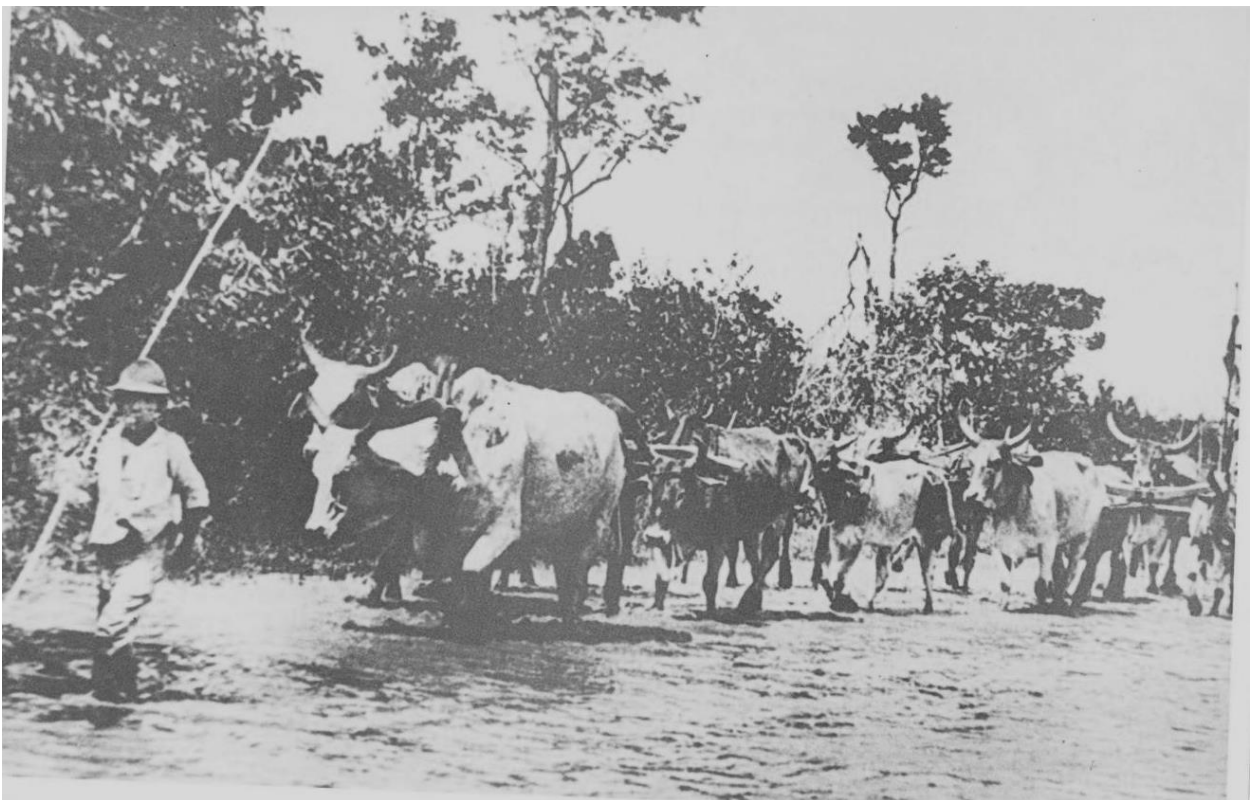
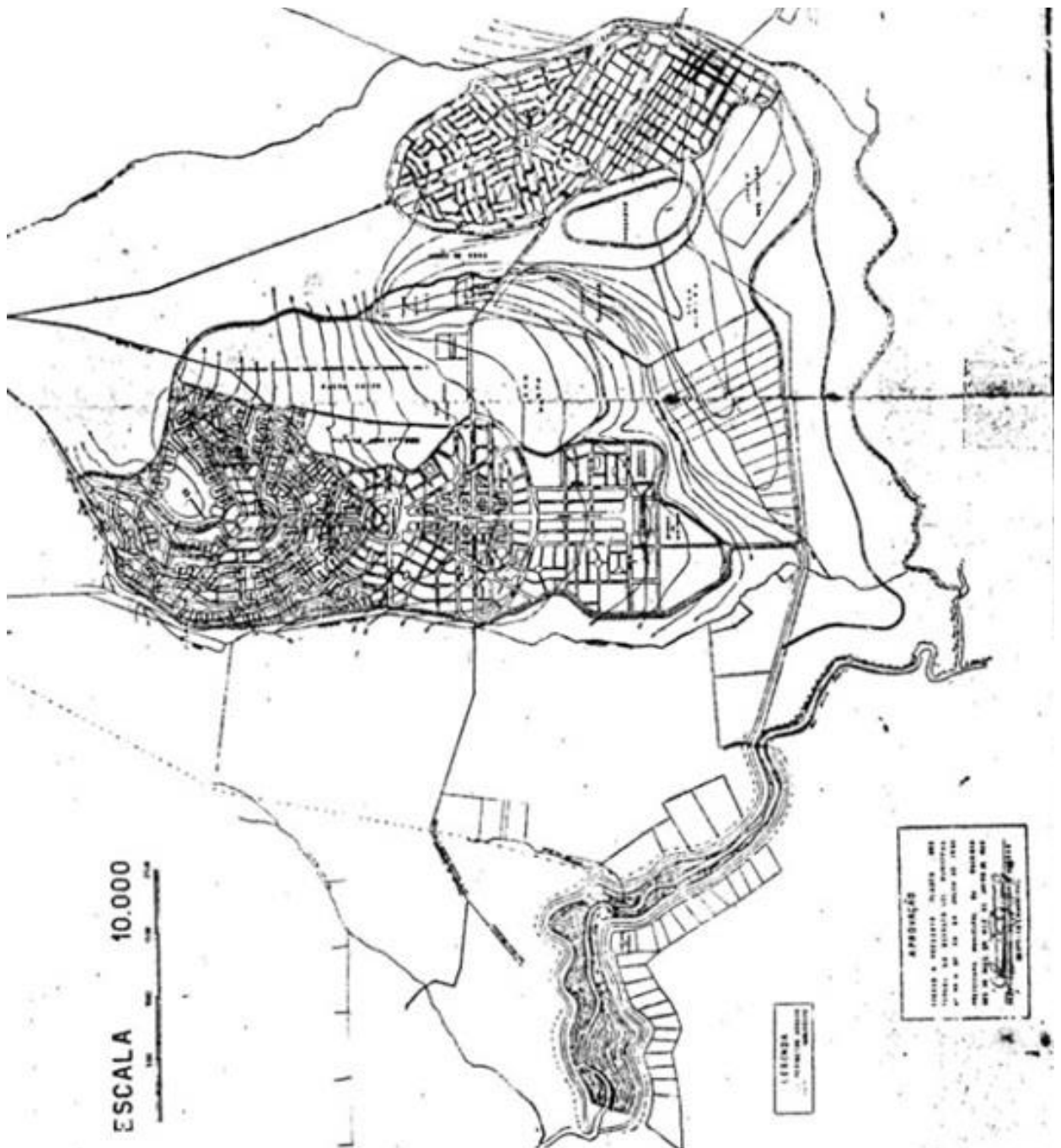


Figura 31: Alameda dos Buritis em 1935, aproximadamente, onde atualmente se localiza a Assembleia Legislativa. Fonte: Projeto Álbum, O Popular.

Figura 32: Plano de Urbanização de Goiânia. Planta Geral de Orientação, aprovada pelo Decreto-Lei nº 90-A, de 1938. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.



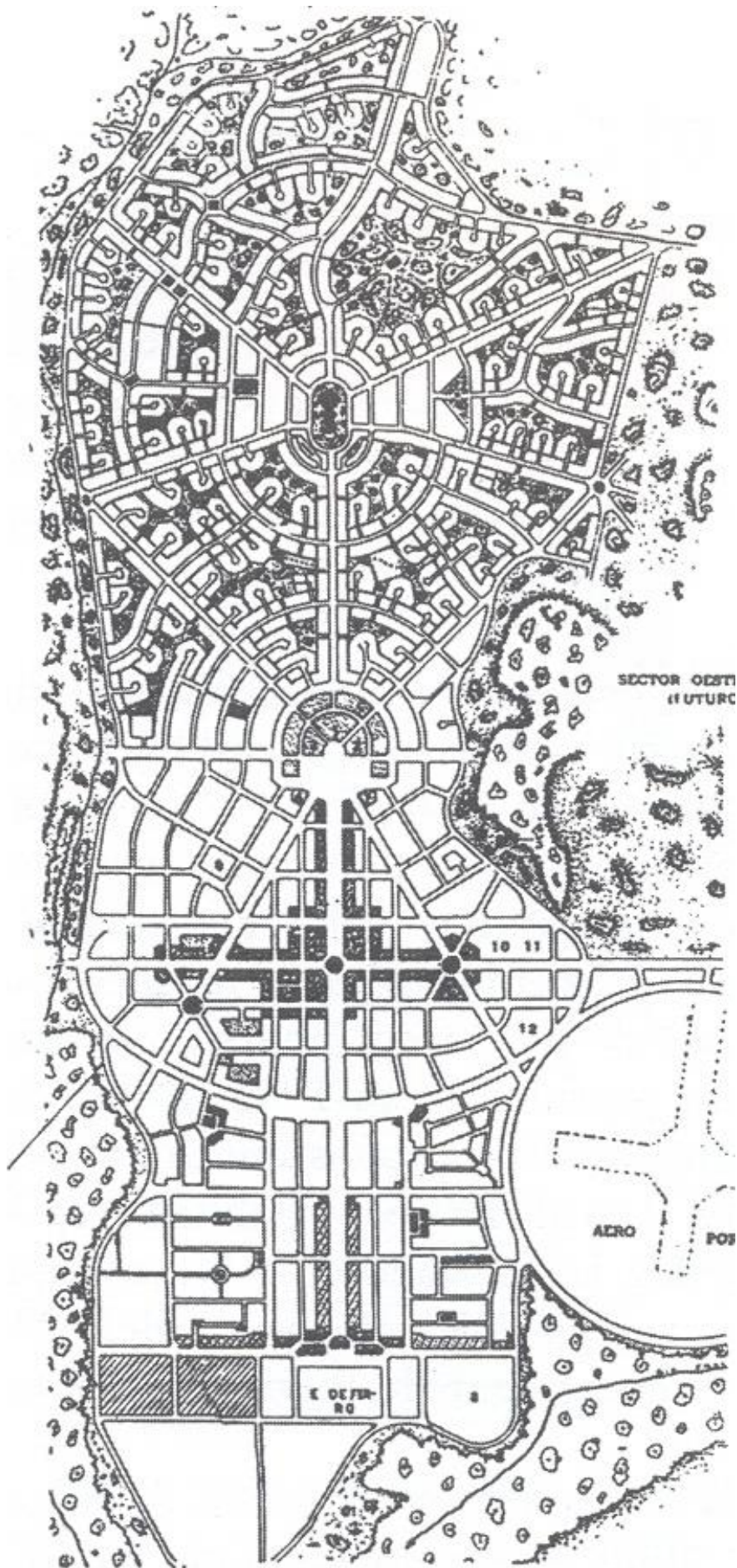


Figura 33: Detalhe dos Setores Central, Sul e Norte do Plano de Urbanização de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

1950, quando, previa-se que a cidade construída já estaria adensada o suficiente para exigir a demanda de novos loteamentos. O plano aprovado em 1938 (Figuras 32 e 33) determinava que o projeto do Setor Oeste seria definido através de concurso nacional (Figura 34) com o objetivo de

atrair a atenção dos técnicos e dos urbanistas do país, para a evolução do plano de Goiânia, suscitar o interesse pela sua realização, com a larga propaganda que então se faria, procedendo-se, por assim dizer, a um verdadeiro congresso do urbanismo no Brasil Central, que poderia revêr a execução das obras que tivessem sido feitas, e lembrar correções ou sugestões para aperfeiçoamento e melhor aplicação do Plano Geral. (ALVARES, 1942, p.170)

Todavia, esse concurso não aconteceu e, em 1940, os técnicos do Estado responsabilizaram-se pela elaboração do projeto do Setor Oeste, aprovado em 1947 (Figura 35), contrariando as orientações do Decreto-Lei 90-A. Sua configuração parece basear-se nos aspectos estabelecidos por Côrrea Lima. O bairro caracteriza-se pelo cruzamento de duas grandes avenidas com canteiros centrais arborizados, a Avenida Assis Chateaubriand, no sentido leste/oeste e a antiga Avenida “E”, atual Avenida República do Líbano, no sentido norte/sul, ao longo desta última, ainda foram implantadas praças com tamanhos e formatos diversos. No geral, o desenho do bairro é formado pela malha quadriculada como o desenho elaborado por Lima também determinava, no entanto, esse projeto mais recente apresenta algumas inconstâncias na quadrícula em função do desenho do Lago das Rosas, implantado onde, anteriormente, seria o *park-way* do córrego Capim Puba e do encontro do desenho do Setor Oeste com o Setor Sul pela Avenida D e pela região já ocupada por Campinas.

É interesse desta pesquisa entender a razão da consolidação do Lago das Rosas (Figuras 36, 37, 38 e 39) como parque urbano antes do Bosque dos Buritis, considerando que este último localiza-se muito mais próximo do centro da cidade. Em 1937, diretores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro sugeriram que fosse implantado o Horto Florestal de Goiânia nas matas à margem do córrego Capim Puba. Posteriormente, em 1941, foi fundado o Balneário Lago das Rosas, que se tornou um clube popular com o objetivo de proporcionar lazer à população de Goiânia (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2013). Além do

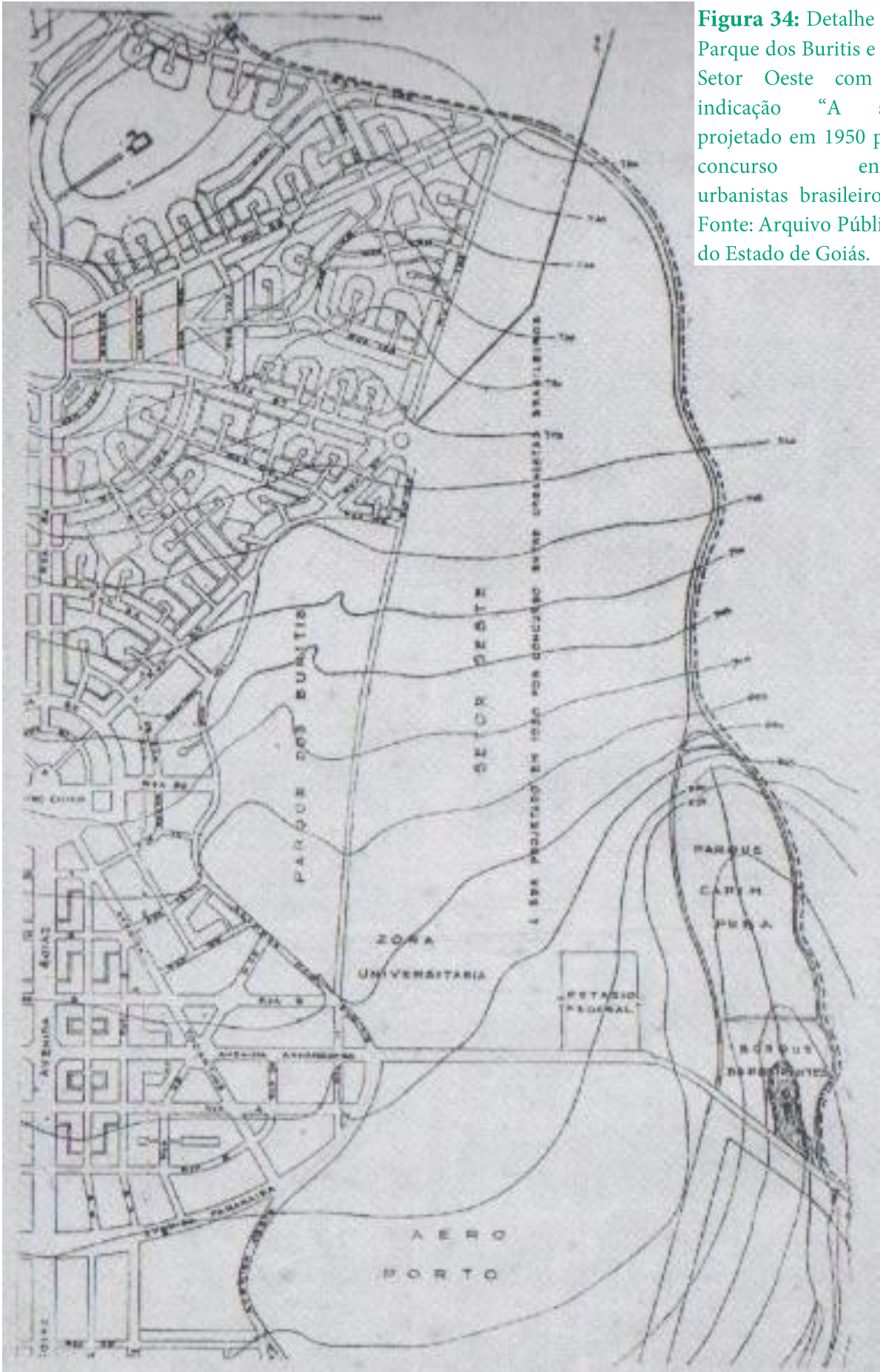


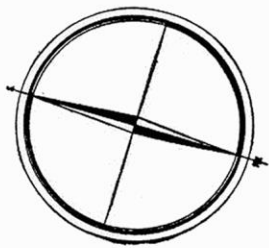
Figura 34: Detalhe do Parque dos Buritis e do Setor Oeste com a indicação “A ser projetado em 1950 por concurso entre urbanistas brasileiros”. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

GOIÂNIA

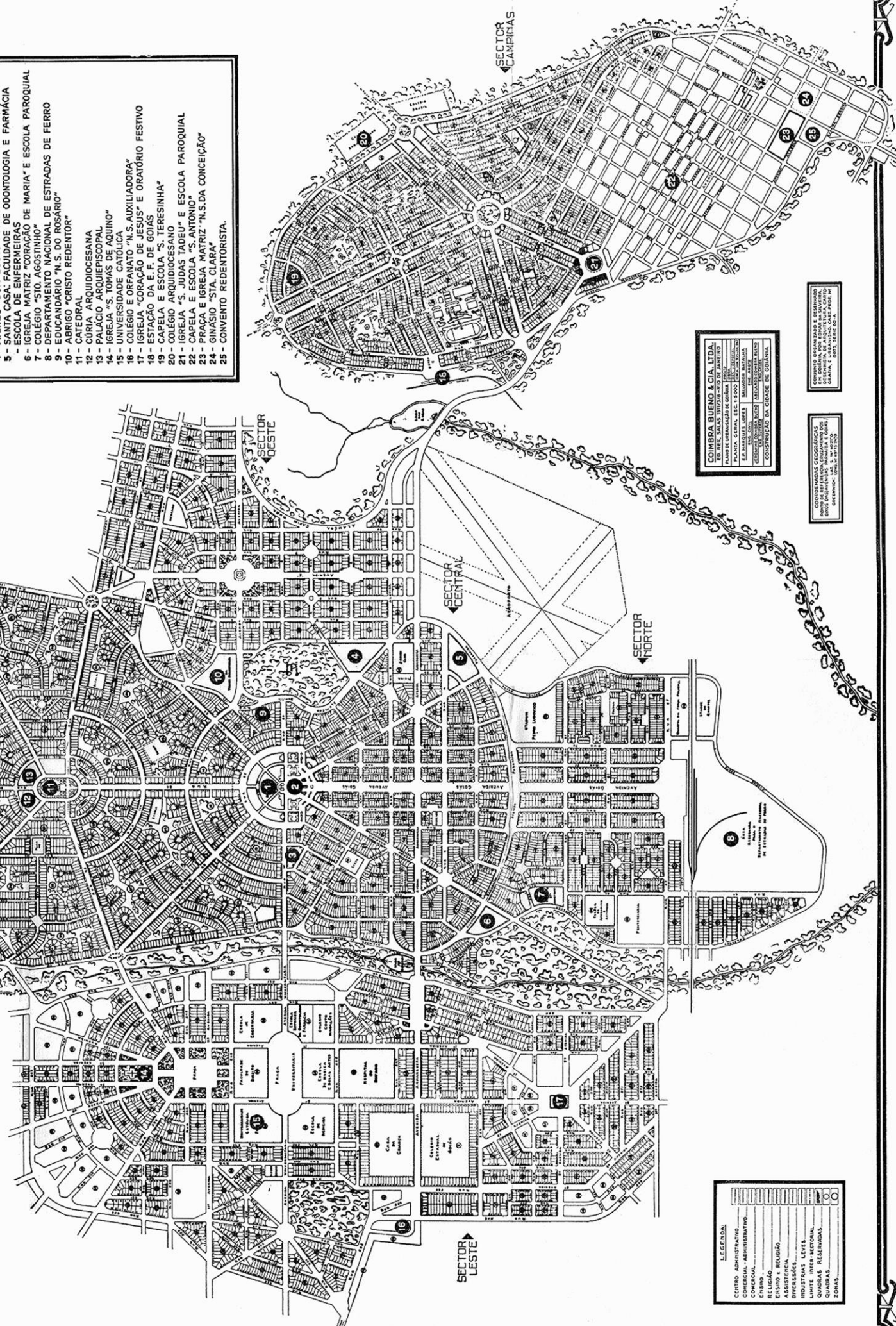
PLANTA GERAL DE URBANIZAÇÃO



ESCALA - 1:5000



- 1 - PALÁCIO DAS ESMERALDAS* E GOVERNO DO ESTADO
- 2 - CENTRO CÍVICO E EDIFÍCIOS FEDERAIS E ESTADUAIS
- 3 - IGREJA MATRIZ "N.S. AUXILIADORA" (CATEDRAL PROVISÓRIA)
- 4 - ATENEU "DOM BOSCO", COLÉGIO E ESCOLA DE COMÉRCIO
- 5 - SANTA CASA, FACULDADE DE ODONTOLOGIA E FARMÁCIA
- 6 - ESCOLA DE ENFERMEIRAS
- 7 - IGREJA MATRIZ "COROAÇÃO DE MARIA" E ESCOLA PAROQUIAL
- 8 - COLÉGIO "S. AGOSTINHO"
- 9 - DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES E ESTRADAS DE FERRO
- 10 - DEPARTAMENTO DE SANEAMENTO "S. ROSÁRIO"
- 11 - ABRIGO "CRISTO REDENTOR"
- 12 - CATEDRAL
- 13 - CURIA ARQUIDIOCESANA
- 14 - PALÁCIO ARQUIDIOCESANO
- 15 - IGREJA "S. TOMAS DE AQUINO"
- 16 - UNIVERSIDADE CATÓLICA
- 17 - COLÉGIO E ORFANATO "N.S. AUXILIADORA"
- 18 - IGREJA "COROAÇÃO DE JESUS" E ORATÓRIO FESTIVO
- 19 - ESTAÇÃO DA E. F. DE GOIÁS
- 20 - CAPELA E ESCOLA "S. TERESINHA"
- 21 - COLÉGIO ARQUIDIOCESANO
- 22 - IGREJA "S. JUDAS TADEU" E ESCOLA PAROQUIAL
- 23 - CAPELA E ESCOLA "S. ANTONIO"
- 24 - PRAÇA E IGREJA MATRIZ "N.S. DA CONCEIÇÃO"
- 25 - GINÁSIO "S. CLARA"
- 26 - CONVENTO REDENTORISTA.



COIMBRA BUENO & CIA. LTDA.
 EN. REG. S. 10.000/77 - R. DE JANEIRO
 100 - AV. BRASIL, 100 - S. J. - GOIÂNIA - GOIÁS
 E. A. ANTONIO LOPES - ADMINISTRADOR GERAL
 RECONHECIDO EM REG. Nº 10.000/77
 CONTABILIZADO NA CANTINA DE GOIÂNIA

COIMBRA BUENO & CIA. LTDA.
 EN. REG. S. 10.000/77 - R. DE JANEIRO
 100 - AV. BRASIL, 100 - S. J. - GOIÂNIA - GOIÁS
 E. A. ANTONIO LOPES - ADMINISTRADOR GERAL
 RECONHECIDO EM REG. Nº 10.000/77
 CONTABILIZADO NA CANTINA DE GOIÂNIA

COIMBRA BUENO & CIA. LTDA.
 EN. REG. S. 10.000/77 - R. DE JANEIRO
 100 - AV. BRASIL, 100 - S. J. - GOIÂNIA - GOIÁS
 E. A. ANTONIO LOPES - ADMINISTRADOR GERAL
 RECONHECIDO EM REG. Nº 10.000/77
 CONTABILIZADO NA CANTINA DE GOIÂNIA

LEGENDA:

[Symbol]	CENTRO ADMINISTRATIVO
[Symbol]	COMERCIAL - ADMINISTRATIVO
[Symbol]	COMERCIAL
[Symbol]	CRISTO
[Symbol]	ESPIRITO E RELIGIÃO
[Symbol]	ASSISTÊNCIA
[Symbol]	DIVERSIDADE
[Symbol]	UNITE INTER-SECTORIAL
[Symbol]	QUADRAS RESERVADAS
[Symbol]	QUADRAS
[Symbol]	ZONAS

Figura 35: Planta Geral de Urbanização, de 1947. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

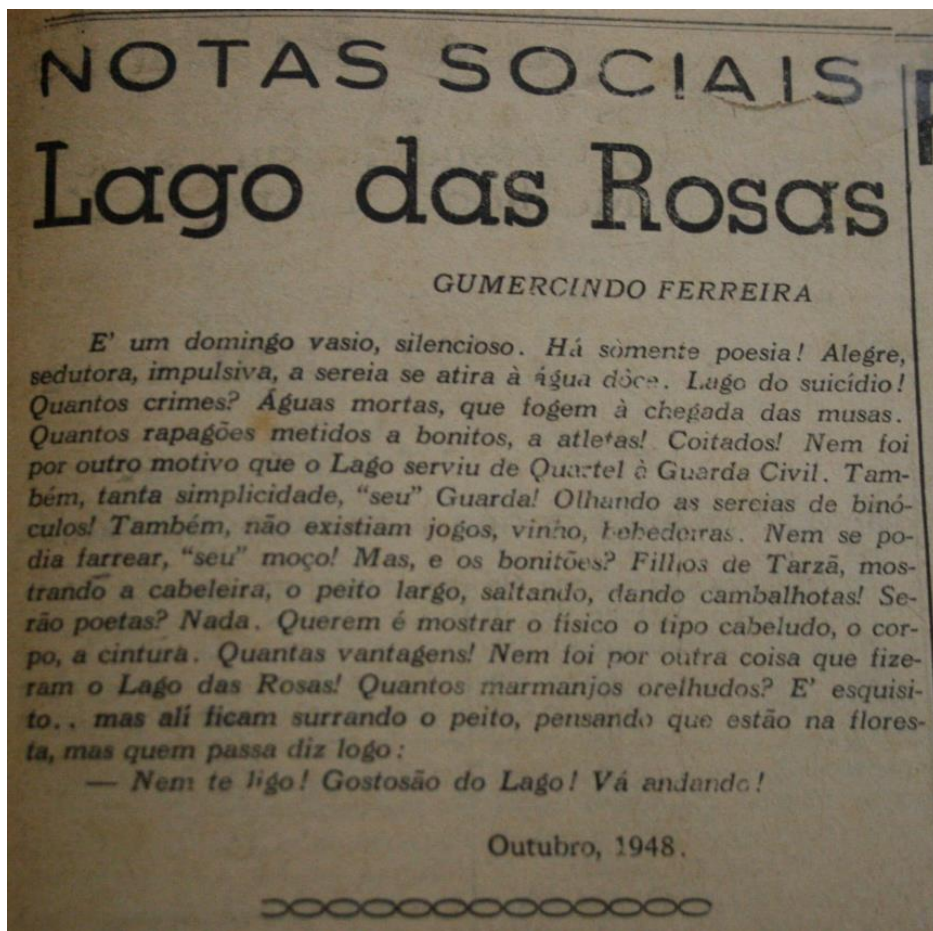


Figura 37: Nota publicada no jornal O Social em 26 de outubro de 1946. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

Figura 36: Lago das Rosas em 1950. Foto: Hélio de Oliveira.



Figura 38: Trampolim do Lago das Rosas em 1953. Foto: Hélio de Oliveira.



Figura 39: Lago das Rosas em 1955. Foto: Hélio de Oliveira.

trampolim e das muretas construídas no local, havia dois prédios para uso dos visitantes: o Castelinho, ocupado pelos estudantes em ações políticas, e outro, que funcionava como bar e boate. Em 1956, o Horto foi transformado no Jardim Zoológico de Goiânia e, no final dos anos 60, o banho passou a ser proibido ali, em função dos casos de afogamento.

A resposta para a questão colocada relaciona-se à forte dependência que Goiânia possuía de Campinas nos seus primeiros anos. Como uma cidade que surgia “num lugar no fim do mundo”, Campinas fornecia serviços, produtos e materiais para o desenvolvimento e crescimento da nova capital ainda em formação. Em função da linha férrea, a região norte de Goiânia também se consolidou mais rápido que a região sul, conseqüentemente, a Avenida Anhanguera, que conectava as cidades, contava com maior movimento.

Enquanto isso, a implantação do Setor Oeste (Figuras 40 e 41), no início da década de 1950, foi um dos fatores responsáveis pela redução de, aproximadamente, 70% da área demarcada para o Bosque dos Buritis (Figura 42) no projeto piloto de Goiânia (AMMA, 2008a). Em diferentes proporções, o mesmo ocorre com o Lago das Rosas e com as demais áreas verdes da capital. Naquele momento, o Bosque teve grande parte de suas espécies vegetais extirpadas em função da demarcação de loteamentos e da implantação de edifícios (JÚNIOR, 1996), além da utilização das árvores como fonte de matéria-prima para a construção dos novos edifícios ou da abertura das vias da cidade.

Anteriormente, na década de 1940, o Governo do Estado havia doado áreas que estavam definidas no projeto como integrantes do Bosque para a construção dos colégios Atheneu Dom Bosco (Figura 43) e Externato São José. Posteriormente, na década de 1950, o Abrigo dos Velhos foi construído no local onde atualmente se encontra o Fórum de Goiânia. Além disso, o Bosque dos Buritis perdeu ainda mais área verde para a construção da nova sede da Assembleia Legislativa (Figura 44), iniciada na década de 1950 e finalizada em 1963. Não se sabe o motivo da implantação desse edifício no local, observa-se, no entanto, que, na década de 1950, o Bosque não estava consolidado como um parque urbano e podia ser visto e identificado apenas como uma área vazia (Figura 45) disponível para futuras ocupações.

Um importante exemplar da arquitetura modernista em Goiânia, o edifício da Assembleia está localizado na porção noroeste do Bosque, conformando um platô sobre o



Figura 41: Vista aérea de Goiânia anterior à implantação dos Setores Sul e Oeste. Fonte: SEPLAM.

Figura 40: Vista aérea de Goiânia no início da implantação dos Setores Sul e Oeste. Fonte: SEPLAM.



Figura 42: Ilustração apresentando a diferença entre a área destinada para o Bosque dos Buritis no plano urbanístico elaborado por Attílio Corrêa Lima e a área ocupada pelo parque atualmente. Fonte: AMMA, 2008.

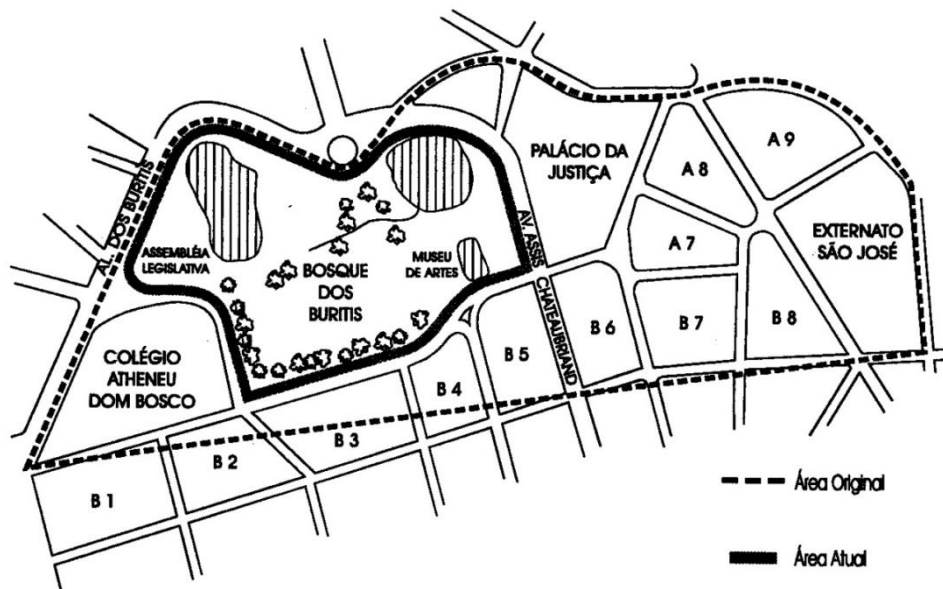


Figura 43: Construção da Igreja Dom Bosco, na década de 1950. Foto: Hélio de Oliveira.



Figura 44: Transformações do edifício da Assembleia Legislativa. Intervenção da autora, 2017.

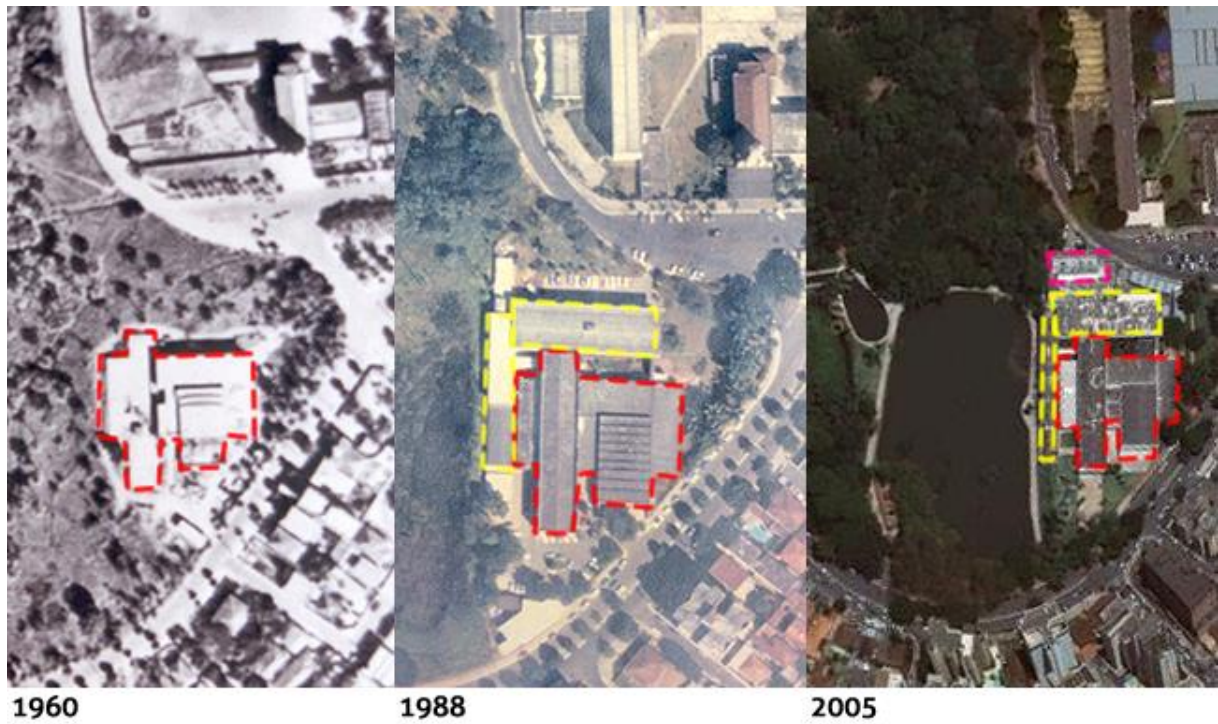


Figura 45: Área do Bosque dos Buritis próxima ao local onde está edificada a Assembléia Legislativa, vendo ao fundo o Colégio e Igreja Ateneu Dom Bosco na década de 1950. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

qual se assenta o projeto de Eurico de Godói e Elder Rocha Lima. As influências dos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier são facilmente identificadas, percebendo-se a presença de: pilotis, planta livre, fachada livre, janela em fita e terraço-jardim, presente no projeto, mas não executado¹³.

Desde 2006, uma nova sede para Assembleia Legislativa está em construção em Goiânia, próxima ao Paço Municipal (Notícias da Assembleia Legislativa, 2013), no Park Lozandes, em uma área de mais de 40 mil metros quadrados. Como a área do Bosque dos Buritis pertence ao município de Goiânia e a Assembleia Legislativa é um órgão do Estado de Goiás, uma permuta de terrenos foi realizada entre as duas esferas da administração pública, devolvendo-se à municipalidade o direito sobre a área pública. Com isso, o edifício deverá ser reincorporado aos equipamentos públicos municipais. O prefeito Paulo Garcia afirmou que seria dada “[...] a destinação compatível com a área de preservação, de memória ambiental de Goiânia, porque assim foi pensada aquela área como um parque, uma área de preservação, de convivência, onde as pessoas possam usufruir de forma fraternal e democrática, de um espaço social que é público e que é para todos” (Jornal A Redação, 2013).

De acordo com o arquiteto Elder Rocha Lima, seu projeto para a Assembleia foi muito modificado já no momento da execução. Além disso, em 1979, o edifício foi ampliado com a construção de um novo pavilhão para atender à demanda de funcionários que aumentou rapidamente, e, posteriormente, em 2003, mais um anexo de dois pavimentos foi construído, configuração que permanece atualmente. Para Rocha Lima, esta série de anexos “tumularam o edifício”, e a implantação deles é “desastrosa, ficando cheio de acréscimos, descaracterizando completamente o edifício” (OLIVEIRA, 1990), além de ocupar o que seria área verde.

Na década de 1960, determinadas apropriações do entorno do Bosque dos Buritis contribuíram para a degradação de sua área verde. Uma delas foi a instalação de uma feira livre, que, junto aos moradores das imediações, despejavam lixo ou realizavam queimadas nos capinzais do Bosque (O Popular, 1977). A Prefeitura estimulou ainda a instalação de moradia

¹³ Informação obtida com a arquiteta Simone Borges que possui as plantas do projeto para Assembleia Legislativa elaboradas por Eurico de Godói e Elder Rocha Lima.

de três famílias no interior do Bosque para evitar que o local fosse depredado, uma das famílias implantou uma floricultura no local que lá permaneceu por 22 anos e foi retirada na administração do prefeito Índio Artiaga (1979-1982).

Nesse período, a canalização do córrego dos Buritis foi iniciada com o objetivo de proteger o curso hídrico da poluição e viabilizar a construção de edifícios ao longo do seu percurso, visto que a cidade crescia rapidamente. Por volta de 1968, na administração do prefeito Iris Rezende, a canalização foi concluída e vários edifícios foram construídos sobre seu leito (MENDONÇA, 1986).

Posteriormente, o Governo doou mais uma área do Bosque dos Buritis, localizada em frente ao Abrigo dos Velhos, para a construção de um colégio de freiras, a área que lhe foi destinada foi desmatada e cercada (Figuras 46 e 47), no entanto, o colégio nunca foi construído. Nos anos 1970, foi instalado, no interior do parque, um edifício onde seria implantado o Hospital dos Funcionários, que, não sendo instalado, recebeu a sede da Superintendência das Obras de Pavimentação Asfáltica da Capital (PAVICAP), responsável por asfaltar uma extensa área do entorno do edifício para a implantação de um estacionamento para os funcionários do local. Um edifício da COMURG¹⁴ também foi construído no interior do Bosque, esse servia de almoxarifado para os funcionários responsáveis pela limpeza do local e de seu entorno, além disso, construiu-se um depósito de material de iluminação pública (O Popular, 1977).

A situação geral da área envolvia o desmatamento da área verde com queimadas, o corte de árvores para a obtenção de lenha, trilheiros no interior do parque utilizados por pedestres e por veículos e, o local que anteriormente era conhecido como buritizal, contava apenas com algumas unidades da árvore. O córrego estava resumido a um “[...] fino e entulhado fio d’água imunda” (Idem). O crescimento e verticalização do Setor Oeste, no fim da década de 1970 (OLIVEIRA; PEIXOTO, 2009, p. 61), e a conseqüente consolidação do entorno imediato do Bosque chamaram a atenção para seu estado de degradação. Nesse período, algumas matérias de jornal com manchetes como “É agora ou nunca” (O Popular,

¹⁴ Durante a pesquisa não se encontrou os anos em que foram instalados os edifícios da PAVICAP e da COMURG dentro da área do Bosque dos Buritis.



Figura 46: Vista aérea do Setor Oeste na década de 1960. Foto: Hélio de Oliveira.



Figura 47: Vista aérea do Setor Oeste na década de 1960. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.

1978) e “Mais uma vez prometem” (O Popular, 1977) alertaram para a falta de atenção que foi dada para o local e colocaram em pauta a necessidade de intervenção e cuidados da área.

A administração do prefeito Hélio Mauro Umbelino Lôbo (1978-1979) se interessou pela preservação de edifícios e estruturas históricas da cidade, como o coreto da Praça Cívica, a cruz da atual Praça Comendador Germano Roriz, ou Praça do Cruzeiro, no Setor Sul, e o Bosque dos Buritis. Sua administração propôs a execução de um projeto paisagístico, de autoria de Fernando Chacel (Figura 48), visando à recuperação do Bosque dos Buritis.

Fernando Magalhães Chacel (1931-2011) se formou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1953. Entre 1952 e 1953 foi estagiário de Roberto Burle Marx e ficou encarregado da pintura de desenhos que seriam expostos, em Washington, nos Estados Unidos. Chacel afirma que nesse momento seu lado artístico foi despertado e ele se interessou pelo ofício de paisagista (BARBOSA, 2004). Desde então, foram mais de cinquenta anos de carreira, com projetos em várias cidades brasileiras, palestras internacionais e atividades docentes.

A ideia por trás de seus trabalhos envolve a noção de que preservação e urbanização são duas forças antagônicas:

A urbanização tende a ser um processo dinâmico, a urbanização tem como premissa um forte dinamismo. Ela é agressiva em todos os sentidos até pela busca e pela conquista de terras para urbanizar. A minha experiência mostra que o mesmo pai de família que quer toda a infra-estrutura urbana – fruto desta agressividade que mencionei – ao seu lado de forma bastante confortável como a residência, a escola, o hospital, também reclama da ausência de espaços livres públicos, de praças e parques. Pois os espaços livres urbanos são sempre ameaçados pela sua passividade, isto é: ele está ali, intocado e sem nada construído. E ao olhar agressivo e ativo da urbanização que quer sempre conquistar mais terras, estes espaços serão os primeiros a serem ameaçados pela agressividade deste processo, como já mencionei. É, de fato, uma luta muito difícil.(CHACEL in BARBOSA, 2004, p.3).

Essa ideia é muito bem exemplificada no caso do Bosque dos Buritis que, “ameaçado por sua passividade”, perdeu extensas áreas ao longo dos anos em função do crescimento da cidade. A proposta de Chacel buscava, portanto, a recuperação de alguns princípios de Atílio Corrêa Lima quanto à preservação da mata ciliar e incorporava o tratamento paisagístico e urbanístico necessário para seu uso como parque urbano. Além da preservação, também

Figura 48: Projeto paisagístico do Bosque dos Buritis elaborado pelo arquiteto e paisagista Fernando Chacel em 1978. Fonte: SEPLAM.



foram propostos a calçada externa para *cooper* e calçada interna para passeio, com desenho claramente inspirado pelos trabalhos de Burle Marx, o plantio de árvores, a instalação de mobiliário e de um *playground*, o tratamento do córrego e a criação de um lago no centro do parque (CHACEL, 1978).

Paralelo a esse projeto seguia-se outro, coordenado pelo Instituto Municipal de Planejamento, que previa a construção de um equipamento cultural no interior do Bosque: a Casa da Cultura. A implantação desse edifício foi questionada pela imprensa e por entidades ambientais que alertavam para a maior depredação do Bosque (O Popular, 1978). Em geral, as preocupações com as áreas verdes da cidade aumentavam e esse debate pode ser compreendido, como sugere Serpa (2014, p. 118), pelo entendimento de que a natureza opõe-se às ações de processos sociais, econômicos e políticos. Para muitos usuários dos espaços públicos urbanos, a “natureza” é compreendida como “natureza pura” ou “intocada”, determinada como algo inconciliável com a experiência humana, e, nesse sentido, a intervenção no Bosque, com a implantação da Casa da Cultura e de áreas para estacionamentos, apresentava-se depreciativa.

A intenção era criar um museu dedicado à cultura indígena goiana juntamente com um miniparque com o mesmo tema, “[...] que se tornaria, assim, uma das poucas referências culturais indígenas encontradas na Capital do Estado [...]”, acreditava-se que “[...] uma obra desse tipo se constituiria numa atração cultural e turística para a cidade, tão desprovida de atrativos dessa espécie [...]” (O Popular, 1978). O memorial descritivo do projeto analisava o Parque Bosque dos Buritis, como mencionado no documento, como um espaço urbano que possuía, naquele momento,

as qualidades de um espaço urbano privilegiado por sua posição, por sua beleza intrínseca e pelo seu valor como elemento da trama urbana para os habitantes de Goiânia. Dessa forma qualquer intervenção urbanístico-paisagístico nesse espaço livre deverá ser conduzida com determinadas limitações resultantes da presença de elementos a serem resguardados para que o Parque, em sua nova formulação, não venha a sofrer uma involução qualitativa (CHACEL, 1978, p.2).

Chacel considerou o edifício da Assembleia Legislativa¹⁵ um elemento estranho ao parque, isolando-o com a proposta de instalação de alambrados, e sugeria seu deslocamento possibilitando a reincorporação da área. Considerou, no entanto, a Casa da Cultura, um edifício de grande importância para a cidade por sua função cultural. Além disso, seu projeto passava por uma detalhada análise da topografia do Bosque, na tentativa de evitar ao máximo a movimentação de terra para preservar a vegetação existente. Seu objetivo era oferecer para a cidade “[...] a estrutura de um parque citadino, pela sua integração na trama urbana de Goiânia contemporânea” (CHACEL, 1978, p.7).

Para tanto são previstos trabalhos construtivos, cuja execução deverá fundamentalmente, ser conduzida abstendo-se de prolongar sua intervenção além do estritamente necessário para não comprometer um valor que cabe resguardar a qualquer custo – sua ambiência própria. A cidade de Goiânia guardará, assim, o privilégio, dentre a maioria das capitais brasileiras de gozar da presença em seu centro urbano de uma área amenitiva de alto valor paisagístico e com possibilidade de múltiplos usos em benefício do conforto e do equilíbrio de seus habitantes.(Idem)

A execução do projeto proposto foi dividida em quatro etapas. Na primeira delas foram implantados o calçadão externo e os alambrados ao redor do parque, mas um relatório sobre o Bosque, elaborado em 1980 pelo Instituto de Planejamento Municipal de Goiânia (IPLAN), já informava sobre a necessidade de recuperação do alambrado danificado por usuários do parque que o percorriam desrespeitando as áreas determinadas, a fim de reduzir as distâncias.

Na segunda etapa, previa-se a execução do calçadão interno de pedra portuguesa e a instalação de meio fio para separar os percursos das áreas verdes. Essa etapa teve apenas 30% das obras concluídas. Na terceira etapa, seriam implantados os sanitários que tiveram apenas as escavações e fundações executadas, as pontes - apenas uma delas foi construída - , a casa do zelador, da qual fez-se a fundação; o trabalho de alvenaria, a estrutura e a cobertura, os estacionamentos e o *playground* não foram executados.

Na quarta e última etapa, estavam previstos a construção de um lago, o replantio de árvores e a construção de bancos, que até 1980 não haviam sido executados. Por fim, as obras da Casa da Cultura foram suspensas e a área que ela ocuparia ficou sem uma função

¹⁵ Refere-se ao conjunto de edifícios que compõem a Assembleia Legislativa do Estado de Goiás datada de 1950, do qual fazem parte o edifício principal, projetado por Eurico de Godói e Elder Rocha Lima, com feições modernistas, e todos os anexos do entorno.

determinada (IPLAN, 1980). Iniciaram-se a terraplanagem e a execução das fundações do edifício, mas passados alguns meses, a imprensa, que passou a ser referir ao local como o “buraco da cultura”, já denunciava a paralisação das obras por falta de pagamento às empreiteiras responsáveis pela sua execução (O Popular, 1979).

2.3. Bosque dos Buritis: replantio e formação do local “mais aprazível da cidade”

Após a paralisação das obras, a área ficou novamente abandonada (Figuras 49, 50 e 51) e os serviços de melhoria do local foram perdidos por falta de manutenção. Em 1980, já se denunciava que o parque havia se tornado um ponto de marginalidade, de consumo de drogas, de encontros sexuais, de despejo de lixo, depósito de entulhos de obras do entorno e descarte de produtos das duas feiras livres que ocorriam no seu entorno (O Popular, 1980). Além da retirada da vegetação, que permanecia e era ignorada pela tentativa anterior de replantio de mudas, denunciavam-se também os atentados contra a fauna realizados pelos “[...] meninos, com seus estilingues, que diariamente vão à caça dos pássaros ou em busca de aventuras ‘dentro da selva’” (O Popular, 1980).

No entanto, em 1981, uma importante intervenção foi feita no Bosque dos Buritis com o estabelecimento do Museu de Arte de Goiânia (MAG), criado em 1970, e do Centro Livre de Artes (CLA), criado em 1975, como Escola de Música do Município, no edifício anteriormente ocupado pela PAVICAP. Lá passou a funcionar o Centro Municipal de Cultura, que abrigava as duas instituições e que buscava reunir diversas atividades artístico-culturais da cidade de Goiânia (PROTÁSIO, .2009, p. 35). Tanto o MAG, como o CLA, funcionavam na Praça Universitária até então.

Além disso, no local que se denominava o “buraco da cultura” foi construído um lago (Figura 52), aproveitando as várias nascentes ali presentes e a escavação para o que teria sido o edifício da Casa da Cultura. Afirma-se que a execução desse projeto foi abandonada pois, naquele momento, o Governo Estadual optou por concretizar as obras do Estádio Serra Dourada e do Autódromo Internacional de Goiânia (O Popular, 1988). Houve uma tentativa

Figura 49: Imagem aérea da década de 1970 apresentando as ocupações do Bosque dos Buritis. Fonte: SEPLAM.



Figura 50: Corte de árvores do Bosque dos Buritis, em 1988. Foto: Álvaro Soares. Fonte: SEPLAM.

Figura 51: Corte de árvores do Bosque dos Buritis, em 1988. Foto: Álvaro Soares. Fonte: SEPLAM.



Figura 52: Imagem aérea de 1988 apresentando as ocupações do Bosque dos Buritis. Fonte: SEPLAM.

de implantação do projeto em 1988, mas por falta de recursos financeiros, somada às resistências da Associação dos Protetores do Bosque, o projeto foi arquivado (DIÁRIO DA MANHÃ, 1994).

Posteriormente, numa tentativa de reverter a situação em que o parque se encontrava e dar continuidade às melhorias no local, o IPLAN propôs uma nova intervenção no Bosque com o objetivo de transformá-lo

num centro de cultura e lazer de Goiânia onde se realizariam atividades criativas no seu interior e ao ar livre e ainda dotá-lo de área de recreação

ativa, para atender a população geral, e de modo especial aquelas pessoas que já frequentam o Museu de Arte e a área do lago (IPLAN, 1986).

A ideia da nova proposta consistia em

Abandonar de vez o projeto paisagístico do arquiteto Fernando Chacel, que complementava a Casa da Cultura. Reurbanizar a área em questão, adequando-a à realidade econômica atual, dotando-as de *playgrounds*, bancos, anfiteatro, bar, sanitários, recebendo estes equipamentos um acabamento mais rústico (madeira, pedra etc) e mais adequado ao caráter do bosque.

Reformar e ampliar o prédio do Centro de Cultura, adequando-o às atividades existentes e as programadas para funcionar exclusivamente com o objetivo de estimular o desenvolvimento cultural e artístico constituindo-se em importante centro de pesquisas e desenvolvimento da criatividade em suas mais variadas formas: atividades referentes a artes plásticas, pesquisa de som, luz e movimento, cerâmica, escultura em geral, composição, teatro, expressão corporal etc.

Tratar paisagisticamente a área do Bosque recuperando a mata e sua cobertura vegetal, evitando intervenções que tirem o caráter da vegetação autóctone (IPLAN, 1986).

Entendia-se que, para se alcançar os objetivos do que era proposto, seria necessário remover do interior do Bosque todas as ocupações que não se relacionavam com um “centro de cultura e lazer”, como a Sede e o depósito da COMURG, o canteiro de obras responsável pelas atividades anteriores e as feiras livres que ocorriam no entorno do local.

Uma matéria publicada no Jornal O Popular, no dia 23 de setembro de 1986, intitulada “Bosque dos Buritis será recuperado e preservado”, reiterava a proposta do IPLAN e afirmava ainda que, além do Bosque, outras áreas verdes da cidade – o Jardim Botânico e o Bosque do Botafogo -, passariam por reformas. A matéria fazia referência à Festa Anual das Árvores, ocorrida no local dois dias antes da publicação, e menciona a presença da Associação dos Protetores do Bosque dos Buritis (APBB), presidida por Waldomiro Bariani Ortêncio que, na

ocasião, proferiu um discurso (Figura 53) alertando para as más condições em que o Bosque se encontrava.

Bariani Ortêncio, como é mais conhecido, é pesquisador, folclorista, escritor e compositor com grandes contribuições no que se refere à divulgação da cultura goiana. Como presidente da APBB, fundada em 1986, Bariani Ortêncio contribuiu diretamente com cuidados ao Bosque, fosse com denúncias de sua situação, fosse debatendo as intervenções propostas para o local. Na matéria “SOS para salvar o Bosque dos Buritis” (ORTÊNCIO, 1987), o autor denunciou a falta de cuidados com o local, suas águas poluídas, a ação dos garis que, na tentativa de manter o local limpo, varriam parte das folhas que caíam no solo, reduzindo seus nutrientes.

[...] facões e machados amolados dos curandeiros , raizeiros e doutores água-fria, descascam minhas árvores, impedindo que a seiva as alimente, matando-a aos poucos, agonia lenta, tornando-a espectros sem folhas, sem flores, sem frutos. Depois é o tombo fatal, o tiro de misericórdia que o vento lhes dá.(ORTÊNCIO, 1987)

Mencionou ainda as calçadas internas de pedra portuguesas que foram se soltando e, uma vez que já não estavam em bom estado, passaram a ser arrancadas para que o calçamento de outros locais fosse consertado. Bariani Ortêncio sugeriu que o Bosque não seria cuidado por se tratar de uma área “valorizadíssima para lotear”. Mas depois de publicada a matéria que denunciava a situação, a prefeitura publicou uma resposta intitulada “Bosque dos Buritis: SOS já foi atendido” na qual afirmava que a Secretaria do Meio Ambiente fazia visitas diariamente ao local, que o trabalho de plantio de mudas estava sendo feito e que as águas do local estavam sendo despoluídas.

O Professor José Ângelo Rizzo também teve papel fundamental na manutenção e valorização das áreas verdes da cidade. Rizzo é farmacêutico, biólogo, botânico conhecido nacional e internacionalmente, e livre-docente e professor emérito pela Universidade Federal de Goiás. Fundou a primeira sociedade ecológica do Estado de Goiás, a Sociedade de Defesa dos Recursos Naturais (SODERNA), e os estudos realizados por essa sociedade afirmaram, em 1988, que as áreas verdes da cidade estavam em risco e que o Bosque dos Buritis era a área em pior situação na região central da cidade. Como consequência, Rizzo solicitou que a Faculdade

Bariani Ortencio

Bem-vindos todos neste 21 de setembro, à nossa casa. Autoridades, senhoras e senhores. Sim, esta é a nossa casa ecológica. Eu gostaria que ela estivesse arrumada, em ordem, para recebê-los, mas infelizmente a nossa casa está relegada. Relegada ao desprezo, ao abandono, ao desencanto. E não há maior desencanto do que o abandono. Apesar de tudo a nossa casa parece alegre, que os pássaros estão cantando, as abelhas, zunindo, procuram o nectar de algumas flores escapadas do vandalismo, alguns casais de namorados ainda engraçam o nosso Bosque. Mas os pássaros cantam triste, as árvores estão chorando, como vocês podem ver naquele jacarandá ali e lá, mais embaixo, aquele pau-terra. Estão chorando mesmo, com lágrimas copiosas, fartas e abundantes. Dizem que é o prenúncio de chuvas, ~~abundantes~~ de um inverno com muita água. Mas estas árvores tentam, com a sua seiva, irrigar o Bosque, dar vida às outras árvores, ato sublime de quem ainda reserva alguma força e quer dar de si ao próximo. É coisa que deve ser imitada pelo ser humano. Delapidar um patrimônio público é crime tão quanto relegá-lo. E um bosque, principalmente dentro da cidade, no coração da cidade, ao lado do palácio do Governo, é mais que um patrimônio público. É uma dádiva de Deus, é a presença da Natureza, a presença de Deus, que Deus é a própria Natureza. Nos primórdios de Goiânia havia o Departamento de Áreas a serem doadas, áreas imensas e livres dentro da campina ondulante. Não se justificou derrubar, pôr abaixo árvores deste Bosque para construir a Igreja e o Colégio D. Bosco. Em seguida, entrar, devastar o centro do Bosque para implantar a construção da Assembléia Legislativa. Posteriormente, a implantação de um departamento da Comurg com centenas de garis e também o Museu Municipal de Artes de Goiânia. E, recentemente, com o protesto da população e da Imprensa, a prepotência governamental devassou mais árvores, e construiu uma agência bancária oficial ao lado de nascentes d'água, crime esse condenado por lei da Ecologia. Agora foram as enervantes moto-serras, mas no começo era o batido compassado e triste do machado destruidor, batido melancólico, levado pelo vento até os ouvidos dos palacianos, que a distância é de somente 400 metros. Precisamos dar um jeito na coisa. Sabemos que sem dinheiro nada se faz. Mas tudo se arruma, principalmente com boa vontade. Até dinheiro se consegue, nem que fôr colocando o chapéu à coleta pública, que o nosso povo é caridoso e tapa os olhos e os ouvidos, não se interessa em saber para onde vai o seu dinheiro. O problema, o real problema, está no homem. A carência de homens próbos, de homens que assumem os cargos com capacidade administrativa, com humanidade e, principalmente com honestidade. Por que gastar bilhões numa campanha eleitoral se o cargo eletivo é um emprego remunerado como outro qualquer? De onde sai esse dinheiro? Como se dará o seu retorno aos cofres de

origem? Esperamos que esta verba de 13 milhões destinada aos bosques de Goiânia seja devidamente empregada. Mas nós, da Associação dos Protetores do Bosque dos Buritis e do Conselho de Defesa da Cidade, estaremos atentos, estaremos rentes, iremos fiscalizar centavo por centavo. A verba é apenas consoladora, não é bastante para os benefícios mais urgentes para este Bosque para o Bosque do Jardim Botânico e o Bosque do Botafogo.

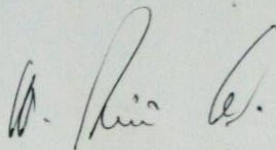


Figura 53: Discurso proferido por Bariani Ortencio no Bosque dos Buritis, em comemoração à Festa Anual das Árvores. Fonte: Acervo do Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortencio.

de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG) criasse a disciplina Direito Ambiental para que as áreas verdes da cidade fossem protegidas.

Ângelo Rizzo realizou estudos sobre a flora goiana e há anos denuncia a devastação dos recursos florestais de Goiânia, “faz-se urgente a tomada de medidas [...] para criar uma consciência ecológica na comunidade, [...] a expansão imobiliária e o uso indevido do solo provocaram a perda e as gerações futuras correm o risco de não conhecer o meio ambiente onde viverão” (RIZZO in O POPULAR, 1988).

Mesmo com as denúncias que eram feitas constantemente, as reclamações gerais permaneciam com relação ao Bosque. Em 1991, a derrubada de árvores do Bosque ainda era mencionada nos jornais como sendo constante, e a imprensa referiu-se ao local como “cemitério ecológico”, numa matéria intitulada “Bosque dos Buritis caminha para a morte” (Idem). As reclamações relativas aos casos de violência e vandalismo também continuavam, a polícia foi colocada no local e estudava, ainda, a ideia de fechar os portões do parque às 20h e reabri-lo somente às 7h para evitar que, no período noturno, ele fosse ocupado por usuários de drogas e moradores de rua (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991).

As denúncias e solicitações, somadas ao crescente interesse das administrações municipais, resultaram em diversas mudanças na estrutura física do local na década de 1990. A administração do prefeito Nion Albernaz (1989-1992) procurou “[...] tornar mais bela e atrativa a principal área verde do centro de Goiânia” (O POPULAR, 1991). Para isso, a Companhia de Obras e Habitação do Município de Goiânia (COMOB) determinou intervenções no local em etapas distintas: uma de cunho mais técnico e outra diretamente voltada para cuidados das áreas verdes.

Na primeira etapa, foi instalado um jato d’água com alcance de aproximadamente 60 metros de altura no lago (Figura 54) – o mais alto da América do Sul e o segundo maior da América Latina - e previa-se a despoluição do córrego dos Buritis. Essa etapa tinha por objetivo transformar o Bosque dos Butiris num “[...] importante local para o desenvolvimento do turismo, do lazer e da recreação”, além de

[...] possibilitar a prática de eventos musicais e outras formas artísticas, em ambientes fechados ou ao ar livre, num recanto de paz, beleza e tranquilidade [...] ao murmúrio das águas descendo em cascatas iluminadas ou subindo,

Figura 54: Vista de cima do Tribunal da Justiça do jato d'água instalado no lago do Bosque dos Buritis, em 1995. Foto: Kátia do Carmo de Paiva. Fonte: SEPLAM.



buscando os céus e caindo em forma de cortina que ao sabor dos ventos balançam, ora para um lado, ora para outro tangindo as velhas copas dos velhos buritis – símbolos maiores do bosque (O POPULAR, 1991)

Na segunda etapa, estabeleceu-se que seria feito um levantamento completo da infraestrutura do Bosque: lagos, iluminação, calçamento dos percursos, cercas, redes de águas pluviais, e de esgoto existentes no interior do parque e nas ruas e avenidas que o cercam. E, a partir desse levantamento, faria-se um projeto de intervenção de acordo com as necessidades mais evidentes.

As intervenções começaram a surtir efeito. Encontram-se relatos de 1992 de que havia grande movimento no Bosque de pessoas que “[...] querem fugir da rotina caseira de uma tarde de domingo em casa vendo televisão” e que iam ao parque realizar piqueniques em família (DIÁRIO DA MANHÃ, 1992). As referências ao Bosque envolviam denominações como “novo centro de lazer para os goianienses”, “nova coqueluche da população” e “novo cartão postal da cidade” (Idem). O “Domingo no Bosque”, programa implantado pela Secretaria de Cultura, constituía-se por oficinas de artes para crianças, apresentações musicais e de dança, e passou a ser um dos atrativos do local.

Em outubro de 1992, uma matéria do Jornal O Popular intitulada “Bosque dos Buritis conquista goianienses e muda paisagem”, afirmou que, desde de 1989, o local havia passado por uma completa reforma que o transformou no “verdadeiro pulmão verde”, numa “réplica de oásis urbano”, e considerou que “[...] o amor pelo Bosque é uma realidade nos corações de todos que conhecem e já visitaram a área e a consciência ecológica é mais que evidente na grande maioria da população”. A matéria afirmou ainda que o Bosque seria o “mais novo atrativo para turistas em Goiânia”, mas mencionou, num tom nostálgico, o fato de existirem no local apenas 24 exemplares da árvore que dá o nome ao parque.

Em 1993, Darci Accorci foi eleito prefeito de Goiânia e atribuiu o *slogan* “uma cidade ecologicamente correta” à sua administração. A partir da análise de área verde por número de habitantes, afirmava-se que Goiânia era uma das cidades brasileiras que mais havia investido na qualidade de vida da sua população com intervenções nos parques públicos e áreas verdes da cidade (GUIMARÃES, 2010, p. 52).

Ainda nesse governo, em 1994, o Decreto nº 2.109 de 13 de setembro efetivou o tombamento do Bosque dos Buritis como Patrimônio Ambiental Municipal (Figura 55) juntamente com as áreas verdes do Bosque do Botafogo, Jardim Botânico, Cabeceira do Areião e Lago das Rosas. O tombamento resultou do intuito de preservá-las impedindo novos desmatamentos e, no caso específico do Bosque dos Buritis, evitou que mais edifícios fossem construídos no local. Além disso, o tombamento dessas áreas verdes centrais reforçava o discurso ambiental da gestão pública.

Na sequência, a administração do prefeito eleito, Nion Albernaz (1997-2000), adotou o *slogan* “cidade das flores” e determinou que a limpeza e o visual da cidade seriam a prioridade de sua gestão. Walmir Santos Aguiar, ex-diretor da Diretoria de Parques e Jardins de Goiânia, afirmou que esses objetivos vinculavam-se a uma vontade de transformar a cidade para o turista, esclarecendo que, por essa razão, as intervenções realizadas concentravam-se na áreas centrais da cidade.

Veja bem, havia uma preocupação em deixar a cidade bonita. Por quê? Porque, quando o turista vem, quando o executivo vem, quando acontecem os congressos na cidade, todo esse pessoal que vem de fora, eles andam mais no centro, mais nas áreas centrais da cidade, raramente acontece de uma pessoa vir no congresso e sair, ir para Vila Mutirão, ir lá para o Parque Atheneu. Normalmente eles não vão. Então a gente passou a ter uma preocupação, uma filosofia de dar um tratamento no centro. Um centro bem dilatado, não o centrinho só da cidade. Então, nós esticamos até aonde a gente pôde. Veja você, a avenida da saída de Guapó é uma avenida larga, muito grande, que a gente deu um tratamento nela. A saída ali, o Jardim Guanabara; nós fizemos lá na Vila Mutirão, em frente à Maternidade Nascido Cidadão, uma praça muito grande. [...] Então, o objetivo na época era realmente dar assistência, dar uma manutenção maior no centro. À medida que a gente ia terminando a gente ia afastando para a periferia, logicamente com a preocupação de atender aquela população mais carente, tal, mas até onde a gente podia, com os limites que a gente tinha [...] (apud OLIVEIRA, 2005, p.73).

Apesar da exclusividade das áreas centrais, as intervenções modificaram os aspectos da cidade e, para Walmir Aguiar, chegaram a se tornar um símbolo e uma marca registrada:

Quando se fala em Goiânia, hoje, fala-se ‘Goiânia a cidade das flores’. Então, eu acho que é uma marca registrada, como se tem em algumas cidades: Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa; Goiânia, a cidade das flores, é uma marca, que não pode deixar. Então, qualquer governo que assumir, [...] tem que manter. Não tem como querer apagar essa imagem que é da cidade. Isso já é uma marca registrada (apud OLIVEIRA, 2005, p.70).

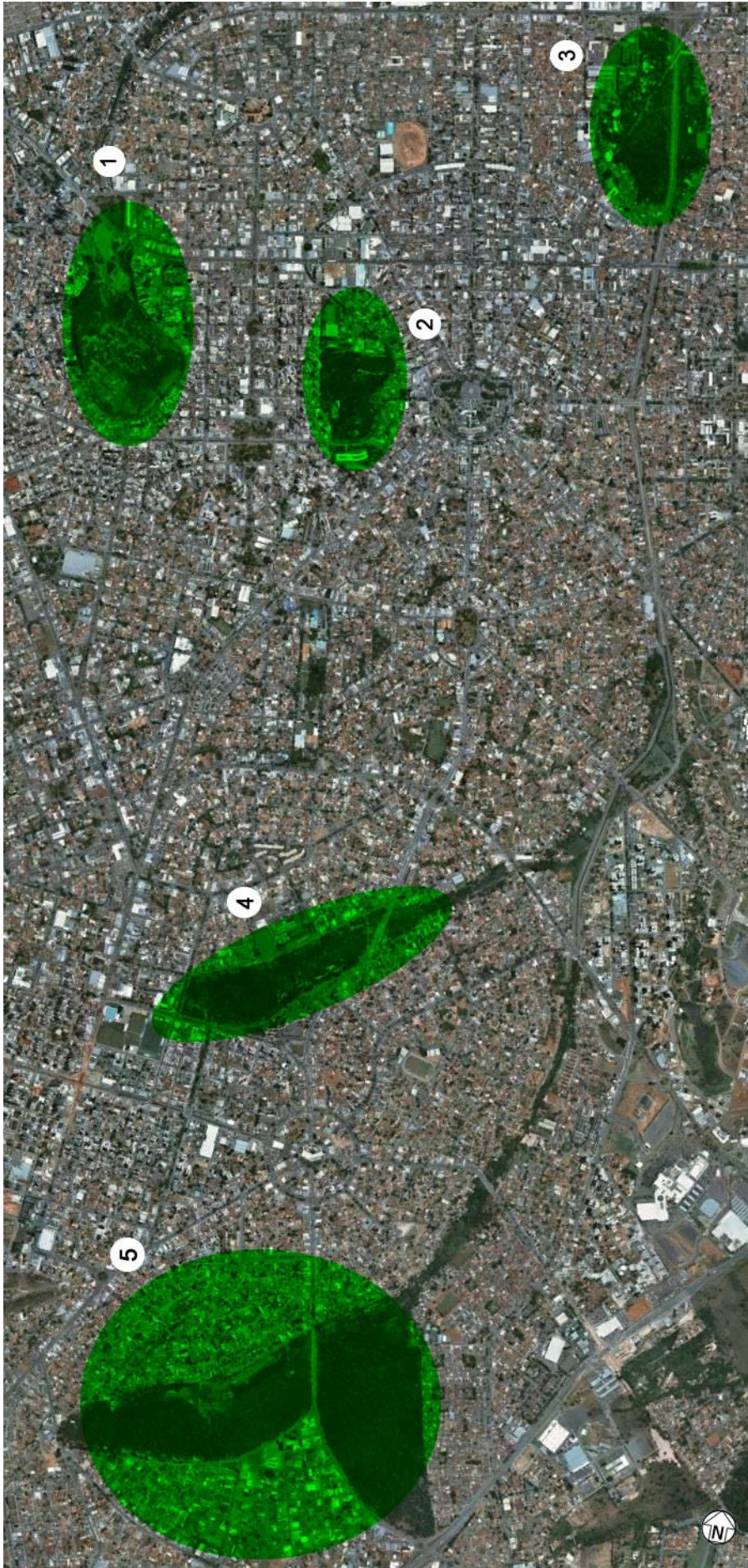


Figura 55: Áreas tombadas pelo Decreto nº 2.109 – 1. Lago das Rosas, 2. Bosque dos Buritis, 3. Bosque do Botafogo, 4. Cabeceira do Areião, 5. Jardim Botânico. Imagem: Google Earth. Intervenção da autora, 2016.

Com o enfoque dado para as áreas verdes e arborização da cidade, e com a tentativa de se criar uma imagem de Goiânia vinculada a elas, o Bosque passou a ser uma opção de lazer da cidade bastante frequentada e afirmava-se que, em 1997, recebia uma média de cinco mil visitantes diariamente e só perdia para o Parque Mutirama e para o Jardim Zoológico em número de usuários por dia (DIÁRIO DA MANHÃ, 1997).

Posteriormente, no ano de 1999, um concurso organizado pela Secretaria de Turismo e pelo Banco Itaú intitulado “Eleja Goiânia – a cidade que mora no seu coração”, escolheu o Bosque como o lugar mais aprazível de Goiânia, numa disputa que incluía o Parque Vaca Brava (segundo colocado), a antiga Estação Ferroviária (terceira colocada), o Monumento às Três Raças (quarto colocado) e a Praça Cívica (última colocada). O prefeito Nion Albernaz afirmou que, apesar de não ser o símbolo oficial da cidade, a escolha pela própria população representava o sentimento que se tinha pelo local (DIÁRIO DA MANHÃ, 1999). Em 2005, o Bosque dos Buritis saiu novamente vencedor num outro concurso promovido pelo Banco Itaú.

Desde então, a configuração da área alterou-se pouco (Figura 56), tornando-se um bem precioso para o discurso ambiental, inferindo sua relevância como área de Especial Interesse Histórico e Cultural, conforme consta nos relatórios de elaboração do Plano Integrado de Desenvolvimento de Goiânia (SEPLAM, 1992). Observa-se que a preocupação com relação à preservação do Bosque dos Buritis é recente, considerando-se que o local foi quase todo desmatado e atualmente possui uma densa vegetação, fruto de replantios (Figura 57). Manter o local como área verde relaciona-se à criação da imagem de uma “cidade verde”, “cidade ecologicamente correta” ou “das flores”.

Em 2005, para manter maior controle e manutenção do Bosque, a Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA) elaborou o Plano de Manejo da área, um instrumento de planejamento e gestão. Nele foram estabelecidas diretrizes com o objetivo de promover a recuperação das áreas alteradas pelas atividades humanas, proteger as nascentes do córrego dos Buritis, recuperar e conservar o ambiente, no que diz respeito ao solo, vegetação e água, facilitar e promover a pesquisa científica e o monitoramento da área como forma de se conhecer melhor os recursos naturais protegidos, incentivar projetos artísticos e culturais,

Figura 56: Vista do Bosque dos Buritis na década de 1990. Fonte: SEPLAM.



Figura 57: Análise da ocupação do Bosque dos Buritis nas décadas de 1960 (sup. à eq.), 1980 (sup. à dir.), 1990 (inf. à eq.) e 2000 (inf. à dir.), respectivamente. Acervo da autora, 2016.

possibilitar oportunidades para recreação e turismo e promover o encontro da população urbana com a natureza (AMMA, 2005, p. 104).

Para que esses objetivos fossem atingidos, o Plano de Manejo definiu uma divisão do Bosque em quatro zonas determinadas de acordo com o estado de conservação que se encontravam e com o manejo que suportavam ou necessitavam (AMMA, 2005, p.105). São elas: a Zona de Preservação Integral, a Zona de Uso Intensivo, a Zona de Uso Restrito e a Zona de Recuperação (Figura 58).

Com base no Plano de Manejo, em 2008, o Bosque dos Buritis passou por uma última intervenção proposta pela administração do prefeito Iris Rezende. O objetivo desse projeto era reaver a área, “[...] salvaguardando seus aspectos originais e integrando as mais diversas atividades ali desenvolvidas como forma de obter uma vivência equilibrada e integrada ao meio ambiente [...]” (AMMA, 2008, p. 16). Além disso, buscou-se integrar os elementos que compõem a paisagem do local (vegetação, água e edificações) para “[...] formá-los, suavizá-los e integrá-los [...]” de maneira que ficassem “[...] mais visível o natural, considerando sempre que há entre a vida orgânica e a construção, pontos de contato de inegável valor histórico [...]” (AMMA, 2008, p.16).

Existia a intenção de requalificação arquitetônica e adequações ambientais com o intuito de revalorização da relação do parque com a cidade e, para alcançar tais objetivos, algumas ações foram definidas: captação da água das nascentes do Córrego Buritis, renovação da água dos lagos, recomposição florística e paisagística, reforma dos caminhos internos, da pista de caminhada, das trilhas interpretativas, dos equipamentos de convivência e de serviços.

A intervenção foi responsável pela reforma das calçadas, o alambrado foi substituído por uma mureta, o paisagismo foi melhorado, o mobiliário foi todo renovado (Figura 59). Apesar da afirmação com relação às intenções de maximizar os usos culturais oferecidos pelo Bosque, verificou-se que os edifícios tiveram apenas suas fachadas reformadas, prevalecendo ações alinhadas ao discurso ambiental, reafirmando a imagem do cinturão verde. A parte voltada para o Setor Oeste recebeu tratamento apenas de adequação do acesso dos edifícios, que continuam subutilizados, não atendem adequadamente ao programa e atividades culturais que abrigam e não garantem seu pleno funcionamento.



Figura 58: Áreas definidas no zoneamento determinado pelo Plano de Manejo.
Acervo da autora, 2016.



1. CENTRO LIVRE DE ARTES



14. MAG



11. CIRCUITO DAS ÁGUAS



13. ORQUIDÁRIO



2. LAGO VERDE



12. CENTRO DO VISITANTE



3. GINÁSTICA



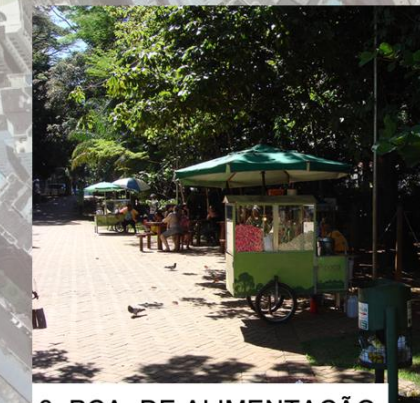
4. LAGO DA FONTE



5. MONUMENTO DA PAZ



6. ACESSO PRINCIPAL



8. PÇA. DE ALIMENTAÇÃO



7. PLAYGROUND



9. LAGO DAS ILHAS
10. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



Figura 59: Mapa ilustrativo indicando os principais pontos dos Bosque e seu aspecto após a reforma realizada em 2008. Acervo da autora, 2016.

Essa última intervenção fez parte de um programa de metas da última administração municipal (2008-2012), que envolveu, entre outras, a intervenção no Lago das Rosas e no Parque Mutirama. Suas propostas relativas às questões ambientais tinham o foco na preservação dos recursos naturais, especialmente os hídricos. O plano municipal resultou na implantação de 22 bosques e parques na cidade, tornando-se referência nacional em termos de “preservação ambiental” (GUIMARÃES, 2010, p. 62), como discurso e promoção da administração pública. No entanto, as diferenças entre a infra-estrutura dos parques da periferia e daqueles localizados nas regiões centrais são notáveis.

Atualmente a AMMA apresenta um levantamento de 191 unidades de conservação em toda a cidade e a administração pública denominou Goiânia como a “capital verde do Brasil”. Em 2007, divulgava-se que a cidade contava com 94 metros quadrados de áreas verdes – como praças, jardins e áreas particulares – por morador, superando Curitiba (referência nacional em arborização). Ressalta-se que a comparação de Goiânia estendia-se a importantes cidades globais como Nova Iorque, Londres e Paris. (CUNHA, 2008). Essa imagem de Goiânia foi reiterada pelo título de capital brasileira com melhor índice de qualidade de vida recebido, naquele mesmo ano, pelo Instituto Brasil América (DIÁRIO DA MANHÃ, 2007), que relacionava a qualidade de vida à quantidade de área verde da cidade.

De acordo com Silva e Almeida (2013, p. 8), os investimentos na implantação de áreas verdes e na criação de parques são cada vez maiores na cidade e a construção de alguns desses foi financiada por incorporadores e construtoras, empresas particulares, em regime de compensação ambiental¹⁶, como ocorreu, por exemplo, com o Parque Flamboyant e o Parque Cascavel, ambos localizados em regiões de grande valorização imobiliária da capital. As empresas¹⁷ responsáveis assinaram um Termo de Compromisso Ambiental com a AMMA, que determinava o repasse de cerca de 300 mil reais para realizar obras no Parque Flamboyant e custear parte da implantação do Bosque Índia Diacuí, no Conjunto Aruanã I.

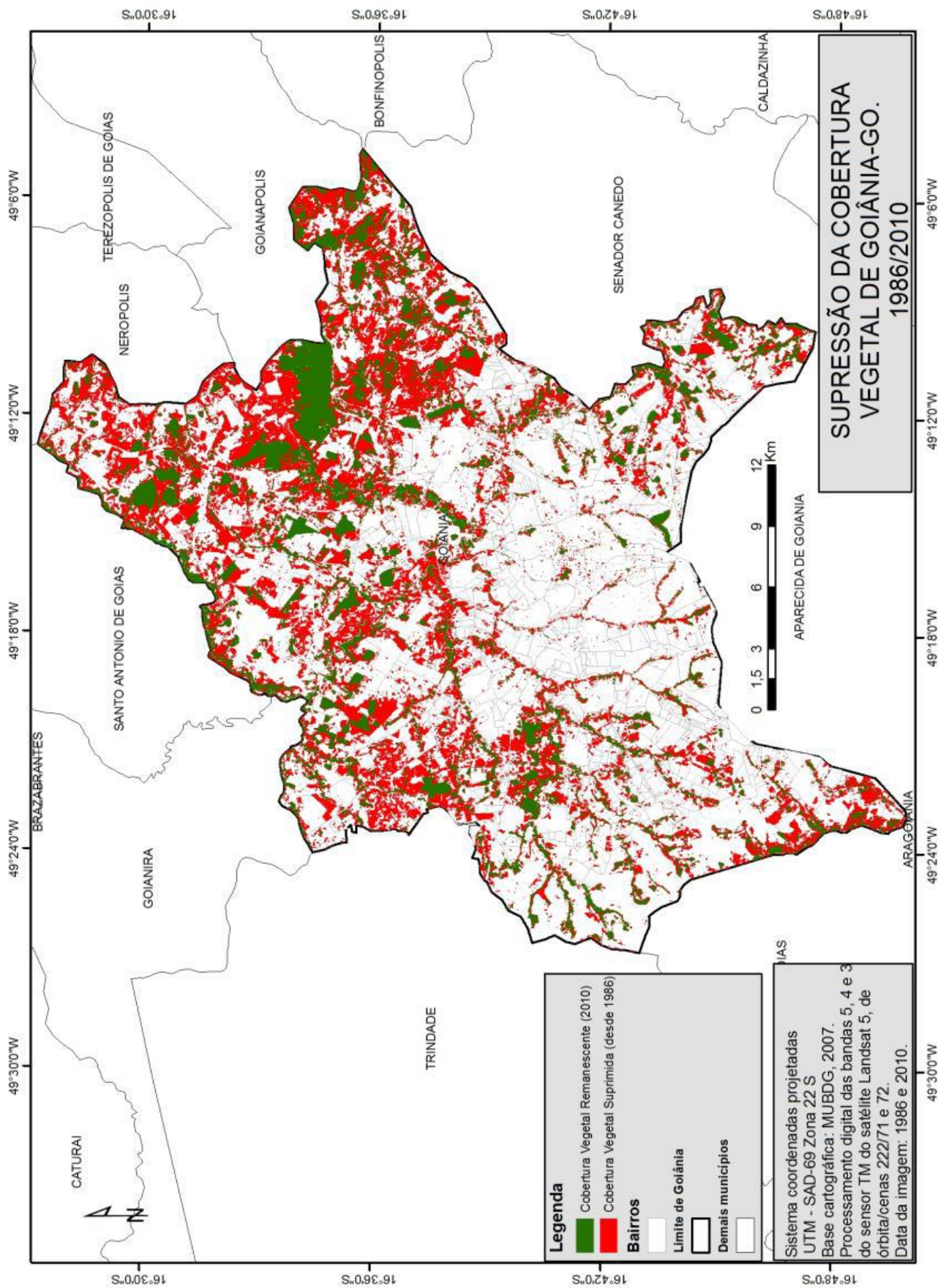
¹⁶ “[...] a compensação ambiental é um mecanismo para contrabalançar os possíveis impactos sofridos pelo meio ambiente, identificados no processo de licenciamento ambiental, no momento da implantação de empreendimentos. Por meio de recursos provenientes da compensação ambiental, o município dispõe de um instrumento econômico para viabilizar o financiamento, a implantação e a manutenção de unidades de conservação, em montante não inferior a 0,5% dos custos totais dos empreendimentos de significativo impacto ambiental” (SILVA; ALMEIDA, 2013, p. 9).

¹⁷ TC -Inpar, EBM Construtora e Incorporadora, Construtora Campos / Even S.A, Prumus Construções e Empreendimentos Ltda, Toctao Engenharia Ltda e Gafisa S.A (Idem).

Nesses casos, a prefeitura afirma que todas as partes envolvidas se beneficiam com a compensação ambiental: a empresa construtora ganha ao agregar valor ao empreendimento realizado próximo a um parque, a população obtém mais uma área verde e de lazer para utilizar e contemplar, e a prefeitura pode oferecer mais um parque para a população, garantindo a melhoria da qualidade de vida do município, sem despesas para os cofres públicos.

Streglio (2012, p.15) afirma que o processo de urbanização da nova capital reduziu sua vegetação natural em torno de 47,3% (Figura 60) e que, “[...]apesar das recentes iniciativas de proteção dos recursos naturais e da política de reforma e criação de parques urbanos, característica das últimas gestões municipais, nas duas últimas décadas, a redução de áreas verdes na cidade de Goiânia continua avançando” (Idem). No entanto, a criação de imagens de Goiânia vinculadas às áreas verdes e a sua valorização pelo mercado imobiliário associam-se para alimentar o atual modelo de expansão urbana que cria novos bairros no entorno de novos parques, unidades de conservação ou grandes equipamentos urbanos.

Figura 60: Mapa apresentando as áreas verdes da cidade em 1986 (em vermelho) e em 2010 (em verde). Fonte: STREGLIO, 2012.



3.1. O Bosque da “cidade mais verde do Brasil”

Rosa Kliass, importante paisagista brasileira, definiu os parques urbanos como “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação” (1993, p. 19). Apresentou-se, no Capítulo 1, a maneira como esses espaços são carregados de conteúdo simbólico e são representações de crenças e valores. Analisou-se, primeiramente, os jardins que até então não eram áreas públicas mas espaços que, em geral, representavam uma posição de poder e destaque social, ou sentidos religiosos e mitológicos associados ao paraíso ou ao poder de divindades. E, posteriormente, retomando à Revolução Industrial, os parques começaram a surgir e assumir o sentido dos espaços públicos definido por Kliass (1993), naquele momento associados à higienização e à qualidade de vida do ambiente urbano.

Pode-se considerar que, associado ao uso de recreação determinado por Kliass, está um outro de parque urbano como “antídoto” ao ritmo intenso da vida na cidade, exposto por Serpa (2014, p.82). O autor afirma que

A necessidade de natureza nunca foi tão evidente, colocando os parques públicos no centro das novas problemáticas urbanas, e tornando o uso de “áreas verdes” um direito de todos os cidadãos. Em seu aspecto material, o parque público é mais do que nunca um “espaço de natureza” em ruptura com os “espaços minerais”, o ambiente construído e os ritmos urbanos. [...] Hoje, não se fala mais em “curar” as doenças da classe operária; se as preocupações higienistas perduram, elas assumem novas formas, aquelas do “bem-estar” do “se sentir bem”. [...] Esses espaços de natureza [...] representam o antídoto para os ritmos urbanos, o stress e a poluição. (Idem).

Na história da cidade de Goiânia, os parques urbanos surgiram com base nas questões higienistas, o objetivo era proporcionar ar puro e conservar as reservas hídricas da nova capital. Os usos de recreação e embelezamento da cidade já haviam sido expostos e, aos poucos, novos sentidos foram agregados a esses espaços. É com base na leitura do Angelo Serpa (2014) que esses novos usos são debatidos a partir de quatro categorias¹⁸: acessibilidade, valorização imobiliária, visibilidade, e turismo e espetacularização.

¹⁸ No livro “O espaço público na cidade contemporânea” (2014), Angelo Serpa divide o debate referente ao espaço público em nove capítulos, dentre eles, oito apresentam categorias de análise para discutir o tema proposto. Nesta pesquisa, apenas quatro deles são abordados, escolhidos de acordo com a relevância no debate do caso específico do Bosque dos Buritis e dos parques de Goiânia.

No primeiro ponto, a acessibilidade nos parques urbanos, o autor aborda a desigualdade presente no processo de apropriação desses locais, entendidos, muitas vezes, como mercadorias de consumo para a minoria da sociedade. De acordo com o autor, essa categoria não se refere apenas ao acesso físico, uma vez que o que está em discussão é um espaço público e, portanto de acesso irrestrito, mas refere-se também ao acesso simbólico, uma vez que, em geral, nota-se uma “[...]apropriação seletiva e diferenciada de espaços, que, em tese, seriam – ou deveriam ser – acessíveis a todos” (SERPA, 2014, p.16).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o Bosque dos Buritis apresenta algumas características peculiares com relação aos seus usuários. O Plano de Manejo, elaborado em 2005, apresenta um levantamento da ocupação do parque com resultados que apontam para uma apropriação de um público bastante diversificado no local (AMMA, 2005). Para a realização desse levantamento, 263 pessoas foram entrevistadas, entre elas 137 homens e 126 mulheres, 48% do total frequenta o parque no período matutino, 49% no período vespertino e 3% no período noturno. A maioria dos entrevistados frequenta o local esporadicamente (39,54%), 26,96% frequenta de duas a três vezes por semana e 26,62%, todos os dias.

Outro índice importante levantado pelo Plano de Manejo (2005, p.19) diz respeito à proximidade da residência do usuário com o parque: 51,33% não mora próximo ao parque, contra 42,59% de habitantes do entorno. A maioria do público que frequenta o Bosque tem entre 31 e 60 anos de idade, e 19,01% recebe entre um e dois salários mínimos, 34,22% recebem entre dois e quatro, 22,05% recebem entre quatro e oito salários mínimos e 17,87%, acima de 8 salários, o restante não respondeu à pergunta.

Numa pesquisa sobre o Parque Flamboyant, parque localizado na região sul da cidade, no ano de 2004, Guimarães (2010, p.152) aponta que a maioria dos seus usuários (55%) possuem renda familiar acima de seis salários mínimos, com 10% que recebem entre um e três salários e 35% que recebem de quatro a seis. 35% frequentam o local todos os dias, 15%, apenas nos finais de semana e 50%, de duas a três vezes na semana. Além disso, a pesquisa apontou que metade das pessoas moram no bairro, enquanto a outra metade mora no seu entorno.

A partir da comparação entre esses dados e as características de cada um dos bairros que abrigam o Bosque (Setor Oeste e Central) e o Parque Flamboyant (Jardim Goiás), é

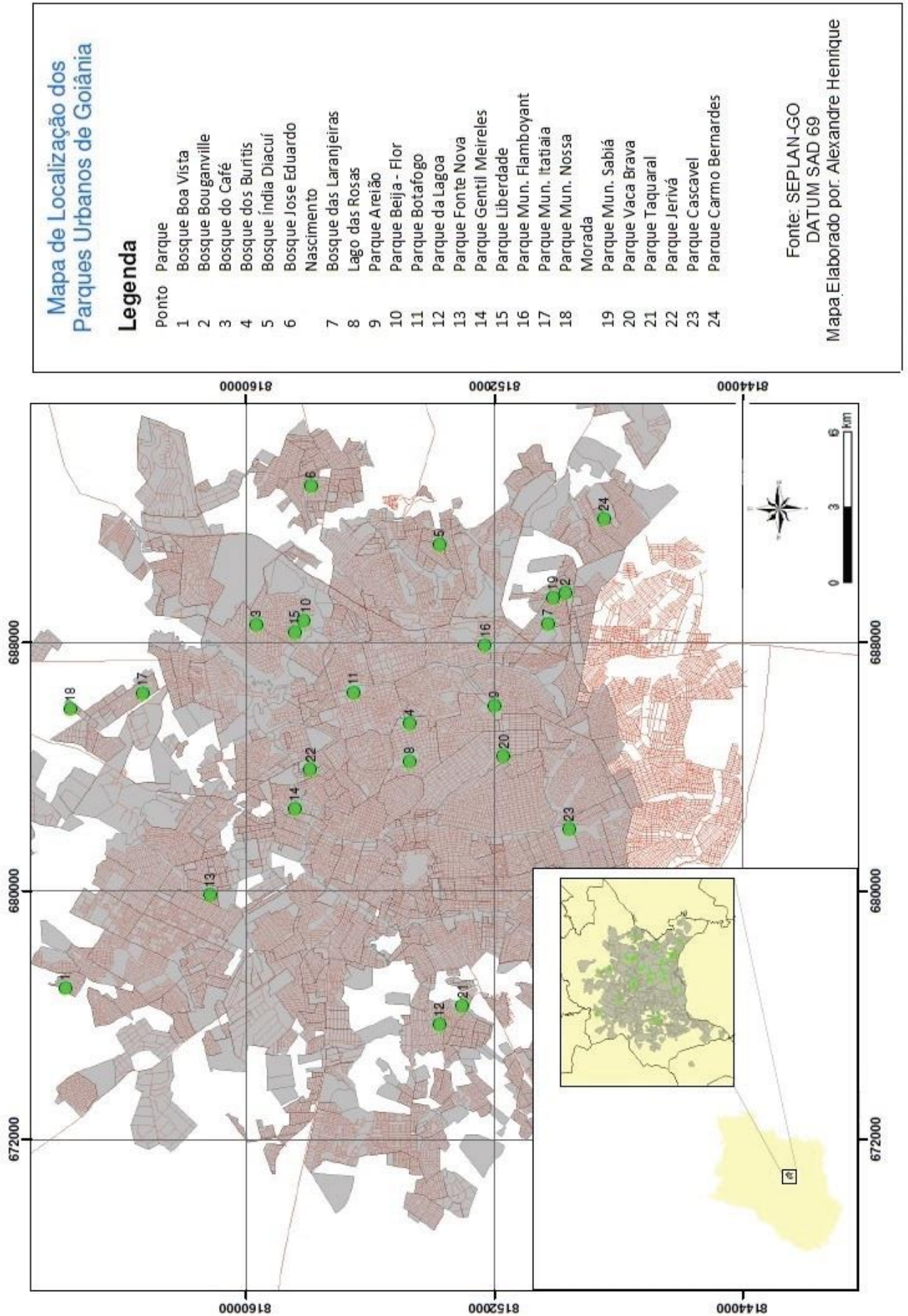
possível reforçar a ideia de que, ao contrário da maioria dos parques urbanos com acesso restrito a determinadas classes sociais, o Bosque dos Buritis conta com um público diversificado. De modo geral, os dois parques são mais frequentados no período diurno, no entanto, o Bosque apontou que a maioria de seus usuários o frequentam esporadicamente, enquanto no Parque Flamboyant a maioria dos usuários o frequenta todos os dias ou com a regularidade de duas ou três vezes na semana. A frequência de uso pode se relacionar com a proximidade da habitação de seus usuários, e, quando relacionados à renda familiar, percebemos que os salários dos usuários do Parque Flamboyant apontam para uma grande maioria de público com renda acima de quatro salários mínimos, por outro lado, no Bosque, 53,23% recebem abaixo disso, enquanto 39,92% recebem acima desse montante.

É possível inferir que o Bosque dos Buritis conta com a vantagem de estar localizado próximo ao centro da cidade, com acesso facilitado pelo transporte público e que, apesar de ter o entorno imediato predominantemente ocupado por habitações, aponta para usos comerciais e de serviços no seu entorno próximo, fator que colabora com a variedade de usuários. Por outro lado, a quantidade de visitantes que não habitam o entorno do local, pode apontar para o fato dos parques públicos de Goiânia estarem concentrados na sua região central. Apesar da administração pública informar que Goiânia possui 32 parques, apenas a minoria deles conta com infraestrutura para receber visitantes ou não possui a mesma estrutura e cuidado dos parques mais centrais (Figura 61).

Esse fator indica outra categoria debatida por Serpa e que se refere à valorização imobiliária. Nessa análise, o autor debate sobre os parques urbanos como elementos de segregação social e utiliza um método de investigação que consiste na qualificação do local em que os parques estão implantados dentro da escala metropolitana. Segue-se então, a comparação da valorização do solo urbano no entorno próximo do parque e das demais áreas da região metropolitana, para se demonstrar a descontinuidade gerada pelos parques na cidade (SERPA, 2014, p.10).

Já foi mencionada a maneira como o Bosque dos Buritis pode ser compreendido como um modelo de expansão de Goiânia em uma estreita relação estabelecida entre a implantação de parques e a valorização imobiliária. Inúmeros exemplos reforçam essa ideia – Parque Vaca

Figura 61: Localização dos parques da cidade de Goiânia. Fonte: SEPLAN.



Brava, Parque Areião, Parque Cascavel, Parque Flamboyant, etc – e, mais recentemente, o projeto de implantação do Parque Cerrado (Figura 62) comprova a atualidade da questão. Esse novo parque é previsto para ser inaugurado em 2020 e está localizado no bairro Parque Lozandes, onde se localiza o edifício da Prefeitura Municipal e no qual se concentram os condomínios Alphaville¹⁹, Jardins e Portal do Sol.

A divulgação de um edifício habitacional nessa região, o EuroPark Residencial, utiliza a própria valorização imobiliária para divulgar o imóvel, afirmando com o *slogan* “um parque muda tudo” (EUROAMÉRICA INCORPORAÇÕES, 2015) que a implantação de parques urbanos eleva o preço dos imóveis (Figuras 63 e 64), “aumenta a sofisticação” do local, leva “shoppings, gastronomia e cria novos cartões postais na cidade” (Idem). A propaganda aponta que as transformações nos bairros, depois que os parques ou melhoras foram implantados, levaram serviços de alto padrão, “lojas de marcas de grife” (Idem) para as regiões, abrindo espaço para o crescimento da cidade, uma vez que são nesses locais que se concentram “o alto poder aquisitivo” (Idem) da cidade.

A incorporadora afirma que

[...] acredita no poder da mudança de um parque, por isso, trouxe para o Bairro Lozandes o maior e melhor empreendimento que Goiânia já viu. Ao lado do maior parque da cidade, o Parque do Cerrado, e com um inédito parque privativo, o EuroPark vai mudar a forma como você enxerga qualidade de vida. (EUROAMÉRICA INCORPORAÇÕES, 2015)

Observa-se, portanto, a maneira como o mercado imobiliário se apropria dos parques urbanos para promover a verticalização – e proporcionar “vistas privilegiadas” -, gerar especulação imobiliária (Figura 65) e atuar de forma seletiva em determinadas áreas da cidade que resultam na segregação (RESENDE, 2011, p.5). Consequentemente, o acesso aos parques públicos se torna simbolicamente restrito, pois uma condicionante social é imposta, uma vez que esses passam a receber, majoritariamente, a população de classe mais alta, como no caso apresentado do Parque Flamboyant.

A valorização dessas áreas, em função da implantação dos parques, é um dos fatores responsáveis pelo deslocamento das classes populares para a periferia, que permanece sem

¹⁹ Para mais informações sobre a empresa Alphaville Urbanismo S.A., verificar a tese “Alphaville e a (des)construção da cidade no Brasil” (SILVA, Carolina P. C. da., 2017).

Figura 62: Imagem de divulgação da localização do Parque Cerrado. Fonte: Site de divulgação do EuroPark Residencial.



Figura 63: Imagem da propaganda do EuroPark Residencial apontando que o “Bosque dos Buritis mudou o centro de Goiânia”, a partir de uma montagem em que o entorno do Bosque não apresenta construções. Fonte: Ideall Imóveis.



Figura 64: Imagem da propaganda do EuroPark Residencial apontando a valorização dos imóveis do entorno do Bosque dos Buritis entre os anos de 2004 e 2014. Fonte: Ideall Imóveis.



Figura 65: Imagem apresentando a valorização dos imóveis localizados no entorno dos principais parques da cidade de Goiânia. Fonte: Site de divulgação do EuroPark Residencial.

parques urbanos com infraestrutura adequada. Esse ponto refere-se à “visibilidade”, terceira categoria de análise de Serpa (2014), sobre a qual o autor afirma que “[...] todos os parques públicos representam alegorias do tempo e dos poderes que os conceberam” (Ibid., p.10).

A partir dessa constatação, pode-se analisar o contexto em que o Bosque dos Buritis começou a se consolidar como parque urbano nas décadas de 1960 e 1970. Naquele momento, Goiânia teve um rápido crescimento em função da inauguração de Brasília, o que acarretou numa crescente demanda por habitação. De acordo com Ribeiro (2004, p. 73), essa foi uma das razões que fizeram com que “[...] projetos periféricos, aqui entendidos como as áreas verdes de preservação, recreação e lazer, principalmente aquelas que se localizavam no entorno das cidades e que não se relacionavam diretamente com a lógica da produção, fossem abandonados” (Idem). A autora afirma ainda que

[...] em Goiânia, só foram implantados em parte aquelas áreas que: se situavam bem próximas à zona urbana, e que logo foram abraçadas por ela, como é o caso do zoológico; as de utilidade pública, o cemitério, por exemplo [...]. As demais foram tragadas e descaracterizadas ao longo dos anos. (Ibid., p. 74)

A decisão por implantar parques e praças apenas nas áreas mais centrais, relaciona-se diretamente com a questão da visibilidade, e ganhou ainda mais força na década de 1990, quando a cidade do Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, e os debates ambientais foram colocados em pauta. Em consonância com os discursos ecológicos, os parques urbanos passaram a ser objeto de interesse do governo do prefeito Darci Acorssi (1993-1996), que assumiu o *slogan* “cidade ecologicamente correta” como mote para sua administração (SILVA, 2012, p.119).

Martins Júnior (1996, p. 81), então Secretário Municipal de Meio Ambiente, afirmou que, para a concretização do que era proposto – transformar Goiânia numa cidade ecologicamente correta -, retomaram-se as propostas para os espaços livres do projeto elaborado por Atílio Corrêa Lima.

Goiânia nasceu para ser uma metrópole modelo, aglutinadora do desenvolvimento da região Centro-Oeste. Uma cidade concebida em meio à natureza, envolta por densas e ricas matas, planejada pra permitir que o ambiente construído se harmonizasse com os recursos naturais. [...] Uma cidade ecológica, pois as reservas naturais sensíveis à degradação, como

nascentes, margens de córregos, matas, veredas, cerrados e buritizais foram destinadas a parques e bosques para sua preservação e uso público (Idem).

Aliando-se discursos, realizações e força publicitária, Goiânia acabou conquistando, em 1996, o título de cidade ecologicamente correta outorgado pela Sociedade Brasileira para Valorização do Meio Ambiente, em conjunto com outras cento e quinze entidades ambientais, no 3º Encontro Mundial de Ecologia Urbana, realizado em Campinas, São Paulo, no mês de Janeiro de 1995 (GUIMARÃES, 2010, p.52).

As administrações municipais seguintes também aderiram à utilização dos *slogans* que colaboraram para a criação da imagem de Goiânia como a “capital verde do Brasil”, título utilizado hoje para se referir à cidade. A última categoria debatida, “turismo e espetacularização”, aborda justamente a questão da criação de imagens e de propostas de planejamento que desencadeiam reinvenções das cidades tendo em vista seu consumo turístico. Serpa (2014, p. 107) afirma que essa categoria diz respeito à “[...] cidade das requalificações e revitalizações urbanas, cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares-espetáculo” (Idem).

O termo “espetacularização”, ao qual Serpa (2014) faz referência, diz respeito à obra de “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord (2003). Nesse livro, o autor apresenta uma sociedade do espetáculo na qual tudo gira em torno do consumo de mercadorias e produtos divulgados como essenciais pelas indústrias. Debord afirma que “[...] o espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem” (Ibid., p. 27). Sendo assim, ele “[...] é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Tudo isso é perfeitamente visível com relação à mercadoria, pois nada mais se vê senão ela: o mundo visível é o seu mundo” (Ibid, p. 32).

E sobre o processo associado às cidades contemporâneas, Paola Berenstein Jacques estabelece que sua espetacularização é

[...] indissociável das estratégias de marketing ou mesmo do que se chama *branding* (construção de marcas), que buscam construir uma nova imagem para as cidades contemporâneas de modo a lhes garantir um lugar na geopolítica das redes globalizadas de cidades turísticas e culturais. (JACQUES, 2009).

Em Goiânia, as tentativas de criação de uma imagem definidora de sua identidade urbana, muitas vezes, visaram "atualizar" a cidade à semelhança de inúmeras capitais que almejavam ser incluídas em destinos turísticos. Não cabe referir-se à Goiânia como uma cidade que busca uma inserção numa escala global, mas é essencial considerar sua publicidade para elevá-la num ranking de cidades competitivas no contexto nacional. O Capítulo 2 expõe esta situação a partir da fala de Walmir Santos Aguiar, ex-diretor da Diretoria de Parques e Jardins de Goiânia, na administração do prefeito Nion Albernaz, na década de 1990, quando Aguiar mencionou a preocupação com o embelezamento da cidade para os turistas.

Na formulação das imagens de Goiânia como “cidade verde”, “cidade das flores”, o Bosque dos Buritis tem sido importante protagonista, uma vez que dentro dessa lógica de espetacularização das cidades, os espaços públicos são “[...] vistos como estratégicos para a construção e a promoção de imagens de marca consensuais, ou seja, são pensados enquanto peças publicitárias, para consumo imediato” (JACQUES, 2009). Nesse sentido, o Bosque dos Buritis não pode ser excluído dessa análise, uma vez que passou por diversas intervenções que contribuíram com a criação de uma imagem da cidade e que o definiram como o cartão-postal de Goiânia.

A compreensão das categorias *acessibilidade*, *valorização imobiliária*, *visibilidade e turismo e espetacularização*, explicita processos de transformação dos espaços livres, e da cidade de modo geral, que contribuem para a análise seguinte. A investigação do Bosque dos Buritis que habita o imaginário de quem o “vê de camarote” e daqueles que caminham pelo local, busca desvendar as diferenças ou aproximações presentes nas formas de percepção, identificação e atribuição de significados dadas por quem vê e por quem caminha no Bosque, uma vez que cada uma dessas experiências estabelece uma relação específica com as categorias analisadas.

3.2. O Bosque visto “de camarote”

A primeira das análises propostas busca a relação que os moradores do entorno – dos apartamentos mais altos –, que desfrutam de uma vista privilegiada do Bosque, estabelecem

com a paisagem. Essa ideia associa-se à noção de *voyeur* de Michel de Certeau que subia até o último andar do World Trade Center para observar a cidade de Nova Iorque e questionava:

[...] onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos. Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até ao domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. (CERTEAU, 2014, p. 157-158)

Nesse sentido, Certeau afirma que o que *voyeur* tem sob os olhos é uma representação, “[...] em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas” (Ibid., p.158) , uma vez que não envolve a relação com os “praticantes ordinários da cidade”, os caminhantes, que fazem parte da análise do segundo tópico. O que interessa, nesse caso, é a relação com a paisagem entendida como “[...] representação que resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente” (GOMES, 2001, p.56), compreendendo-se, portanto, que a paisagem é um produto subjetivo.

No entanto, Gomes (2001, p.57) menciona a possibilidade de gestação de uma paisagem coletiva que depende da “[...] capacidade de convencimento e sensibilização cultural e evocativa do agente impulsionador que cria e reproduz sua representação em larga escala”. E para a investigação dessa paisagem coletiva do Bosque dos Buritis, realizou-se entrevistas com 16 moradores do entorno imediato do parque, o foco concentrou-se na Rua 1 que contorna o Bosque pelo lado do Setor Oeste. O objetivo das entrevistas foi captar, na fala dos *voyeurs*, a maneira como eles percebem, identificam e atribuem significados ao parque visto de suas varandas, seus “camarotes”. É importante ressaltar que a utilização do termo “camarote” diz respeito à exclusividade da vista, faz referência à uma posição privilegiada e à qual apenas uma determinada parcela dos moradores de Goiânia conseguem ter acesso.

No entanto, de todos os 16 comentários, apenas um deles menciona o privilégio de poder contemplar o Bosque da varanda. No geral, o foco dos comentários concentram-se no bem-estar e na tranquilidade que o momento dedicado à olhar a paisagem proporciona. Além

disso, foi mencionado o fato de se poder aproveitar a beleza do Bosque simultaneamente ao conforto da própria casa.

“Sempre fico na varanda, aqui bate sol pela manhã e eu escolhi esse andar porque, mesmo sentada, eu tenho toda a vista do parque na altura dos olhos, como se fosse um quintal. Eu não preciso ficar em pé no parapeito da varanda para ver a vista. Me sinto privilegiada de ter a vista do parque e traz uma sensação de prazer e bem-estar, porque o verde traz essa sensação muito gostosa. Eu tenho o conforto da minha casa mais a vista do parque, é como se a nossa casa estivesse dentro do parque e o parque fosse meu quintal.”
(Depoimento 1, APÊNDICE A)

É interessante observar como a paisagem passa a ser compreendida como uma parte da própria casa, o “quintal”. Infere-se que não é necessário estar fisicamente presente no local para que a relação com ele seja estabelecida, a relação é com a paisagem e com a forma como ela passa a fazer parte do apartamento (Figura 66). Numa análise sobre a casa – entendendo a casa como o local onde se habita -, Bachelard a apresenta como

[...] uma força que integra pensamentos, lembranças e sonhos. Ela é a matéria que enleva uma história individual. Sem ela, o ser humano seria permanentemente um estrangeiro. Sem a experiência nos espaços da casa, sem a experiência de habitar um canto do mundo, o homem seria um ser disperso, sem lugar, sem integração entre corpo e alma. Assim, nas experiências do espaço da casa, memória e imaginação se confundem, e nossas lembranças de intimidade ganham novas tonalidades ao envolverem-se com o presente. A casa abriga os primeiros devaneios, permitindo, então, que o homem vá alhures, sem medo. Se ele encontrou um abrigo no mundo, será capaz de reconfortar-se na solidão, construindo imaginariamente uma muralha segura em locais desprotegidos e desconhecidos. Por outro lado, sem a estrutura da função de habitar, os mais grossos muros são ineficazes para protegê-lo, fazendo-o duvidar incessantemente de que está em lugar seguro. A imagem da casa sempre concentra o poder de afastar os perigos existentes nas contingências para multiplicar as noções de continuidade entre o ser e o mundo. Ela protege o homem ao se opor às intempéries, à barbárie, às surpresas que o mundo oferece, constituindo-se como um primeiro universo. (PARENTE, 2009, p.81)

Se a casa é entendida como abrigo, como o local que possibilita ao homem se preparar para lidar com as incertezas do mundo exterior, a apropriação da vista do Bosque como uma extensão da casa gera interpretações interessantes. No primeiro depoimento, verifica-se a expansão do apartamento com o acréscimo do quintal para aproximar-se da vegetação, do natural, que é associado ao bem-estar e à tranquilidade. O fato de se estar no alto reforça as noções de calma, uma vez que se afasta dos barulhos e inseguranças relacionadas aos espaços urbanos, como também explicita este comentário:

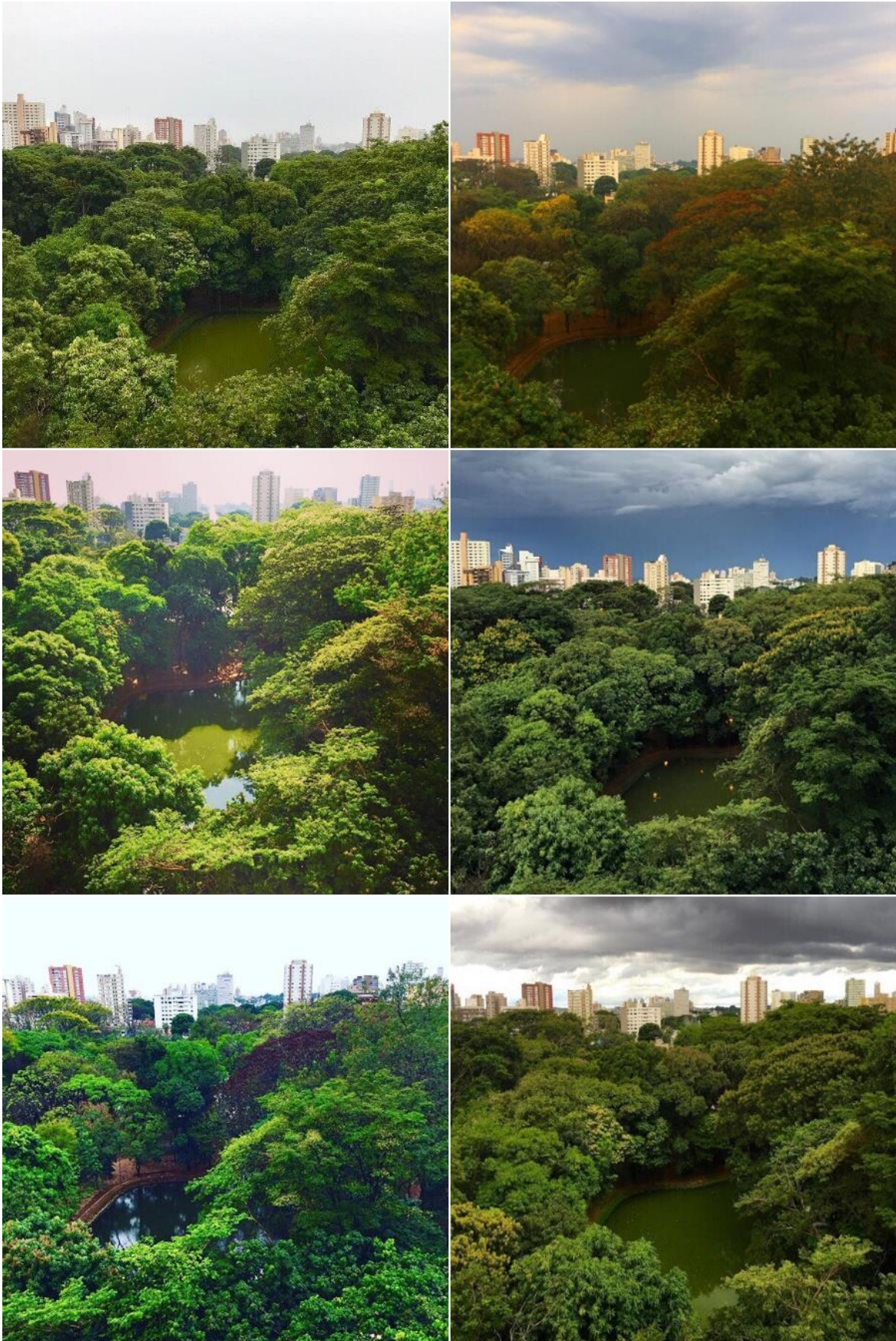


Figura 66: Imagens do Bosque dos Buritis tiradas em diferentes dias por uma das entrevistadas e publicada em sua rede social. Fonte: Instagram.

“Todos os dias eu contemplo o Bosque, acho ele lindo! E é muito raro eu descer, só de vez em quando eu passeio por lá. Quando eu olho o Bosque eu sinto muita paz, na verdade, o verde que é lindo, misturado com a água também, me traz muita paz. Eu gosto de caminhar por lá no verão, que é época de chuva e fica tudo verde, mais bonito. Mas caminhando eu sinto a presença de muitas pessoas passeando com os *pets*, com os filhos, isso também é muito bom, eu adoro, mas não me transmite a paz e a calma, eu sinto mais a agitação, a animação das pessoas.” (Depoimento 6, APÊNDICE A)

Outro comentário reforça esta ideia:

“Essa vista é maravilhosa, olha a beleza da natureza, só acho uma pena que a cidade se intrometa ali no fundo, porque daqui a gente não tem o barulho dos carros, a confusão, a sujeira...aqui eu estou no alto então eu posso só contemplar tudo isso, acho que a paz é maior, é a tranquilidade de ver o verde no meio da selva de pedras.” (Depoimento 4, APÊNDICE A)

Mas, se em um depoimento o apartamento pode ser expandido com a apropriação da vista que se torna o quintal, em outro, a posição de altura parece ser oferecer liberdade, mesmo se tratando o espaço fechado do apartamento:

“Sempre acordo e dou uma olhada lá. Adoro, dá uma paz, uma calma, vou na varanda e olho o tempo todo aquela vegetação, parece me dar energia para passar o dia. Sou uma apreciadora de apartamentos por causa disso. Me sinto livre em apartamento, e não aprisionada como as pessoas falam, justamente pela paisagem. Eu prefiro a paisagem do parque porque passa uma tranquilidade, mas se eu posso ver a cidade, eu acho bom também, eu estou de cima e posso apreciar tudo.” (Depoimento 7, APÊNDICE A)

A sensação de liberdade pode ser mais bem compreendida se analisada a partir da posição que o *voyeur* ocupa. Do alto pode-se sentir o poder de dominação sobre o que se vê reforçado ainda pela falta de interferência que comumente ocorre no meio das multidões. A citação de Certeau reitera essa ideia mencionando o prazer que o homem sente ao “ver o conjunto, de superar, de totalizar” o espaço urbano (CERTEAU, 2014, p. 157-158).

Outro ponto observado nos depoimentos refere-se à relação que se estabelece com a natureza, baseada nos seus sentidos simbólicos e mitológicos, observados no breve histórico dos parques e jardins apresentado no Capítulo 1. Há muito tempo os homens percebem e atribuem significados aos espaços verdes e à natureza. Verifica-se a atribuição de uma carga simbólica que, ainda hoje, identifica esses espaços como locais que permitem a introspecção e a calma. Essas ideias podem ser identificadas nos textos bíblicos que descrevem o Éden, nos

jardins persas e gregos dedicados às divindades, no *hortus conclusus* medieval e até nos parques da era industrial, no qual se buscava a fuga do caos urbano.

Essa carga simbólica pode ser identificada no comentário que atribui sentido divino à paisagem contemplada:

“Quase todo dia eu venho aqui, nem que seja por um minuto só. Imagina, eu abro a cortina e o Bosque está ali! Eu fico olhando essa natureza exuberante e fico pensando que, na verdade, essas coisas aqui não importam, as coisas materiais, sabe? Isso não importa... Olha a imensidão do céu, olha a beleza da natureza, é isso que importa de verdade. Isso que é a vida, isso que aproxima a gente de Deus.” (Depoimento 8, APÊNDICE A)

Outro comentário menciona a vista do Bosque como um fator que contribui para o fortalecimento pessoal:

“Geralmente à tarde eu fico na varanda e gosto de olhar o verde, contemplar o céu e o sol indo embora. Nesses momentos eu me sinto mais feliz, mais fortalecida, parece que olhar a natureza faz isso com a gente. Não sei se é a idade, mas isso está se tornando um hábito e parece que, nos dias que eu não tenho tanto tempo, eu sinto falta de ficar na varanda olhando o parque.” (Depoimento 10, APÊNDICE A)

Uma única entrevistada não fez relação direta da vista da varanda com alguma sensação específica ou estabeleceu relações simbólicas vinculadas a poderes místicos ou divinos. Seu comentário envolveu a observação da paisagem de um ponto de vista estético, que menciona a transformação das cores e dos tons das vegetações e da água do Bosque.

“Eu sempre olho, olho para ver se está diferente, no sentido do clima, das cores. Eu sempre vou lá, às vezes olho mais que outras vezes, e sempre vou olhar para ver como está porque o clima muda as cores, às vezes está sol, às vezes chovendo, tem nuvem. não tem...ai muda as cores da água. Sempre espero ver alguma coisa legal, mas no geral não tem uma mudança interessante, mas acho que isso é normal quando você olha uma mesma paisagem muitas vezes. Mas eu gosto muito de ver o céu de lá, como o Bosque está em primeiro plano, a cidade lá trás e o céu, sabe? Para mim é uma visão diferente de Goiânia porque eu sempre estive acostumada a ver só prédios, e de lá eu tenho uma visão de distância que me permite ver os planos. E ver a cidade dessa forma, com o parque e a cidade só atrás é muito diferente do que ver a cidade só de baixo. Eu só entendi onde o Bosque estava, e onde fica o Setor Oeste e o Centro, depois que olhei por cima, antes eu não entendia isso direito também, me ajudou a ter uma noção espacial da cidade. A visão que eu tenho por cima é bem do poço [Do lago verde?]. Isso, e às vezes ele está bonito, às vezes parece que está sujo, é como eu falei, a paisagem muda. [Esse olhar voltado para as cores e planos seria direcionado pela fotografia?] Acho que tem a ver sim, mas às vezes vou só para olhar e percebo isso das cores.” (Depoimento 13, APÊNDICE A)

É importante, nesse caso, mencionar que se trata de uma ilustradora e fotógrafa, pois esse fator profissional indica um olhar especializado, denominado por Pesavento (1995, p.283) como o olhar dos “leitores especiais da cidade”, entre os quais estão os poetas, romancistas, cronistas, pintores da cidade. Esses “leitores especiais” possuiriam habilitações culturais, profissionais e estéticas que os dotariam de um olhar refinado, sensível e arguto, em oposição à leitura realizada pelos “cidadãos comuns”, ou seja, a massa da população citadina que não conta com conhecimentos técnicos específicos, mas, ainda assim, é dotada de sensibilidade, como se verificou nos depoimentos.

Observa-se, portanto, que o Bosque, visto “de camarote”, representa o quintal do apartamento, uma extensão da casa capaz de assumir um sentido divino que se aproxima do paraíso perdido o qual se tenta buscar. Nota-se que esse paraíso se faz presente no espaço da casa, na intimidade, no conforto do lar, que fornece a segurança e um espaço de identificação do homem que lhe dá a segurança necessária para explorar o exterior. O distanciamento físico com o Bosque também é um ponto importante, uma vez que, como discutiu Certeau (2014), possibilita uma posição de domínio de “ver o todo” e separa o *voyeur* da multidão e do caos.

O conforto e a segurança da casa podem ser colocadas em oposição à vulnerabilidade de se estar na multidão, de se estar “embaixo”. Os comentários reforçaram o sentido simbólico do parque como espaço que transmite calma que se associa aos sentidos da casa discutidos por Bachelard. A paz e a tranquilidade transmitidas pelo verde se relacionam, portanto, a essa posição confortável, segura e privilegiada.

Para finalizar, pode-se estabelecer uma distinção entre os comentários das “pessoas comuns” e o comentário da “leitora especial da cidade”, determinando uma diferença de sensibilidade no olhar e nos aspectos que chamam a atenção de uns e outros.

3.3. O Bosque dos caminhantes

Por fim, investigou-se o imaginário dos caminhantes do Bosque, daqueles que se relacionam com o Bosque “debaixo” (CERTEAU, 2001). Para tal, o local foi frequentado ao longo de uma semana, em dezembro de 2016, tomando-se o cuidado de visitá-lo em horários

diversificados em função das alterações de público que poderia haver entre os períodos do dia e, além disso, observando-se a possível alteração de público entre os dias úteis e finais de semana. No total, foram coletados 52 comentários ou breves depoimentos e acredita-se que os depoimentos dessa parcela de caminhantes são capazes de representar os significados que os usuários do Bosque lhe atribuem. Além disso, observou-se as atividades realizadas pelos usuários com intuito de verificar a proximidade entre as ações desenvolvidas no local e o que foi dito sobre ele.

Depois de coletados, os comentários foram organizados de acordo com aquilo que evidenciavam e três tipos de comentários foram detectados: aqueles que exaltam o local por oferecer espaço para reflexão, meditação, contato com a natureza e pelas possibilidades de passeio que oferece, aqueles que mencionam o estado de abandono em que o Bosque se encontra e aqueles que o exaltam por proporcionar a prática de esporte. Sendo assim, determinou-se três tipos de caminhantes distintos: os caminhantes contempladores e admiradores, os caminhantes nostálgicos e os caminhantes esportistas.

Dos 52 comentários e depoimentos coletados, 39 deles foram pronunciados por caminhantes contempladores e admiradores do Bosque. Esses comentários afirmam, em geral, que o contato com a natureza possibilita momentos de tranquilidade, paz e serenidade, e duas colocações são recorrentes na fala desses caminhantes: a primeira delas ressalta uma oposição entre área verde, natureza *versus* ambiente urbano, e a segunda colocação caracteriza o parque como uma representação de um lugar ideal como o paraíso descrito nos textos bíblicos. Apesar da possibilidade de relação entre as duas ideias colocadas pelos caminhantes, o teor dos comentários possibilitou inferir que a segunda envolve um sentido religioso para o Bosque, enquanto a primeira diz respeito apenas aos seus aspectos naturais.

Nessa oposição determinada entre ambiente natural e ambiente urbano, uma oposição binária é colocada: natureza é paz, tranquilidade e cidade é caos, barulho, sujeira. O Bosque se torna o local de refúgio para o estresse da vida cotidiana:

“Na cidade grande a gente tem muitos problemas, dificuldades... É muita correria, agitação, que consome muito a energia das pessoas, desgasta e estressa muito. Quando a gente vai num lugar que tem verde, tem muita árvore, a gente pode respirar o ar puro, ver a natureza, os lagos, os animais – os patos, passarinhos, macacos -, ver gente, andar, fazer uma caminhada, ou

só ficar meditando, refletindo sobre a vida. Por isso que nas grandes cidades tem que ter locais como o Bosque do Buritis para desestressar um pouco da loucura do dia-a-dia, do corre corre doido.” (Depoimento 2, APÊNDICE B)

Uma caminhante mencionou que: “Acho que no meio do caos urbano, eu encontrei uma estrutura magnífica e conservada, o Bosque é uma delícia, uma paz que a natureza proporciona para a gente” (Depoimento 3, APÊNDICE B). Os comentários que ressaltaram essa oposição, no geral, focaram na possibilidade de “respirar ar puro e limpo” (Depoimento 5, APÊNDICE B), aproveitar a temperatura amena no interior do Bosque, uma vez que, lá dentro “nem parece que está fazendo este calor todo na cidade” (Idem). Sobre isso, ainda, um caminhante mencionou: “O Bosque é o lugar perfeito! Eu amo esse lugar! Tudo aqui é lindo e quando venho aqui nem parece que tem um mundo lá fora quente demais...” (Depoimento 6, APÊNDICE B), enquanto outro afirmou: “Moro aqui do lado, aqui é mais um pulmão verde da nossa linda cidade!” (Depoimento 7, APÊNDICE B).

Esses caminhantes não estabelecem uma oposição que se concentra apenas na paisagem – natural *versus* construída -, mas observam também os aspectos climáticos e ambientais que as áreas verdes proporcionam, e esse conjunto de fatores possibilitaria, portanto, o momento de relaxamento (Figura 67): “Esse lugar é a serenidade em meio à loucura. É a natureza em meio ao caos. Acho que o Bosque é a vida mostrando superação, porque tem esse tanto de árvores aqui no meio desses prédios... É uma riqueza isso aqui!” (Depoimento 8, APÊNDICE B), ressaltando que a vida seria representada pelo natural e o fato dela existir no meio urbano seria a prova da superação mencionada, uma vez que as construções e o cenário urbano prevalece.

Entre essas observações, uma caminhante adicionou a possibilidade de visita ao Museu de Artes de Goiânia (MAG) como um dos fatores que, somados ao ambiente natural, proporcionariam um momento de paz: “O Bosque é um lugar excelente dentro da cidade para fugir da confusão e respirar. Eu caminho nas trilhas, sento perto dos lagos, me refresco tomando água de coco e aprecio a história e a arte, porque aqui ainda tem um museu” (Depoimento 9, APÊNDICE B).

Outros comentários identificados por esses caminhantes concentram-se na exaltação da beleza do parque, referem-se a ele como um lugar “maravilhoso”, “lindo”, “perfeito”,

Figura 67: Pessoas descansam no gramado do Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016.



Figura 68: Família caminhando no Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016.



Figura 69: Família passeando com bebê no Bosque dos Buritis.
Acervo da autora, 2016.

“excelente”, “tudo de bom” e exaltam seu aspecto físico, as qualidades estéticas que determinam o local e que foi um dos principais motivos que levaram aqueles caminhantes ali. Exaltam, como qualidade do parque, seu público familiar e de namorados, o cartão-postal da cidade como cenário para os eventos familiares ou encontros dos apaixonados, como uma caminhada ou um pic-nic (Figura 68 e 69): “O Bosque é meu lugar preferido na cidade. É excelente para passear com a família, caminhar, deixar as crianças brincarem no parquinho, comer pipoca. Ainda tem o barulho da água e os pássaros cantando para alegrar!” (Depoimento 11, APÊNDICE B); “Isso aqui é maravilhoso! O lugar ideal para passear com a família, encontrar os amigos, passear, fotografar, contemplar a natureza. Eu sempre recomendo uma visita aqui para todo mundo que vem a Goiânia, é o cartão-postal da cidade!” (Depoimento 12, APÊNDICE B).

Uma caminhante comentou:

“Eu não vi abandono aqui não [se opondo ao comentário do namorado], que nem as águas dos lago que ele disse que estão sujas...isso não é sujeira, é a natureza mesmo, são as folhas, os galhos, eles caem lá dentro... Acho que é maravilhoso, só que podia ter mais policiais. Tirando esse problema, o Bosque é lindo, tem muita árvore, aqui é fresco, tem o barulhinho da água correndo na cascata, tem os passarinhos cantando. É muito bom para vir com ele, a gente senta no banco, conversa, vê a natureza... Eu acho romântico.” (Depoimento 13, APÊNDICE B)

Esses comentários, por vezes, vinham acompanhados de comparações com outros parques da cidade, demarcando uma preferência pelo Bosque, expressando que este seria “o mais lindo de Goiânia”, “o melhor parque da cidade”, “meu parque favorito”: “Amo o Bosque! É um dos melhores parques de Goiânia, porque é bem localizado, é muito mais arborizado e tem vários lagos” (Depoimento 16, APÊNDICE B); “É perfeito! É o lugar mais bonito da cidade, eu fiz as fotos do meu *book* aqui e elas ficaram perfeitas porque esse lugar é maravilhoso!” (Depoimento 18, APÊNDICE B); “O Bosque é meu parque favorito, sem dúvida, esse parque é tão bonito que não dá nem para explicar” (Depoimento 21, APÊNDICE B).

A segunda questão mencionada abrange a maioria de todos os comentários registrados e envolve a representação do parque urbano como o paraíso terrestre. Os comentários fazem menção ao Bosque como “oásis”, “obra de Deus”, “paraíso no centro de Goiânia” e alguns

caminhantes mais jovens afirmaram ainda que o local tinha “*good vibes*”, fazendo menção às energias positivas que o local emanaria. Esses comentários fazem referência à paz e aos momentos de tranquilidade que o Bosque proporciona:

“Esse parque é um oásis no meio de Goiânia. Um lugar bem cuidado e preservado. Aqui a gente é acolhido pelo canto dos pássaros e pode relaxar observando os peixes nos lagos. Adoro esse lugar, ele é lindo! Gosto muito de vir aqui e descansar sentado embaixo das árvores! Transmite uma grande paz.” (Depoimento 23, APÊNDICE B)

Sobre a natureza ter o poder de transmitir isso, ainda foi mencionado:

“Nossa eu amo a natureza e esse lugar transmite toda a pureza e paz para quem visita aqui. No meio do centro da cidade, a gente tem a delícia da paz que a natureza dá. Eu (super) recomendo para quem precisa dar uma relaxada, porque aqui é cheio de animais curiosos, tem os macaquinhos, os pássaros.” (Depoimento 25, APÊNDICE B)

Alguns caminhantes afirmam que o local é uma obra divina: “Um lugar tão harmonioso, fantástico assim, é para quem sabe apreciar a natureza e as obras de Deus. O Bosque é acolhedor, permite apreciar a natureza e que traz uma paz interior” (Depoimento 28, APÊNDICE B); “Meu paraíso, esse lugar lindo, com essa paz, só pode ser obra do Senhor!” (Depoimento 30, APÊNDICE B).

A calma identificada na fala dos caminhantes ainda foi mencionada para se referir ao Bosque como espaço ideal para meditação, para leituras embaixo das árvores ou para se desenvolver o autoconhecimento: “O Bosque é um ótimo lugar para entrar em contato com a natureza, resfriar a mente e meditar” (Depoimento 33, APÊNDICE B); “O Bosque é bem arborizado, tranquilidade total! Eu fico aqui em contato com a natureza o tempo todo, então posso sentar na grama, debaixo das árvores e ler o dia todo. É bom demais!” (Depoimento 35, APÊNDICE B); “Aqui é um lugar onde podemos ficar perto da natureza, sentir o ar, o vento, escutar o barulho da água, sentir o cheiro da natureza...É um lugar lindo, dá muita paz, então é um bom lugar para caminhar e desenvolver o autoconhecimento” (Depoimento 38, APÊNDICE B).

Observa-se que esses comentários aproximam o Bosque da imagem que se tem do paraíso e reiteram a ideia de que o homem não estabelece com a natureza apenas uma relação de exploração, que objetiva seu esgotamento até a morte (SCHAMA, 1996, p.29). Os

caminhantes contemplativos retomam a ideia do Bosque como representação do Éden, “[...] um lugar onde, nas origens do mundo, vivia-se em estado de beatitude e inocência, mas que depois foi perdido” (ECO, 2013, p.145). A passagem pelo Bosque dos Buritis, de acordo com a fala dos caminhantes, eliminaria os problemas consequentes do caos urbano através do contato com a natureza e colocaria seus usuários num estágio de paz e tranquilidade, uma vez que estiveram em contato com a “obra divina”, com o “paraíso”.

O segundo tipo de caminhante identificado a partir dos comentários refere-se aos caminhantes nostálgicos. Essa denominação diz respeito à exaltação de um Bosque do passado que é sempre melhor que o Bosque do presente e à melancolia ao se referir aos problemas do local. No parque dos caminhantes nostálgicos, o local sempre poderia ser mais bonito do que está, os animais estão numa quantidade reduzida se comparados ao passado e os lagos estão mais secos ou mais sujos. Além disso, dessas questões que parecem apenas exaltar o Bosque do passado, algumas questões práticas com relação aos aspectos físicos do local foram mencionadas como, por exemplo, a falta de manutenção nas calçadas que dificultam as caminhadas e os passeios, e a falta de policiamento que torna o local perigoso.

Foram apenas dez depoimentos que expressaram esse sentimento com relação ao local e, em geral, eles iniciam com um elogio ao Bosque para depois desqualificá-lo: “Olha, o Bosque é muito bonito, mas está abandonado. Era para ser muito melhor, mas ninguém cuida, nem as pessoas, nem a Prefeitura... É o cartão-postal da cidade mas está abandonado” (Depoimento 40, APÊNDICE B); “O Bosque é maravilhoso mas ele perdeu sua beleza de verdade, ele está sujo, abandonado, está meio mal cuidado, né?!” (Depoimento 41, APÊNDICE B); “É um lugar maravilhoso, muito gostoso de passear, mas está abandonado, está sujo, o lago está fedido. Acho que o cartão-postal está em abandono” (Depoimento 42, APÊNDICE B).

Os comentários que exaltam o passado mencionam: “O Bosque está muito abandonado, dá uma tristeza de ver o parque assim porque ele já foi lindo! Agora a gente quase não vê os peixes, o lago está secando, está todo sujo... É um absurdo deixar o cartão-postal da cidade nesse estado... Nossa, é lamentável!” (Depoimento 43, APÊNDICE B); “Ai,



Figura 70: Esportistas praticando caminhada e corrida na pista de cooper do Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016.

aqui era muito bonito mas agora está assim, está perigoso, descuidado. O lugar que é o cartão-postal não podia estar desse jeito, nem apararam a grama, olha o jeito que está o mato!” (Depoimento 44, APÊNDICE B). Um único caminhante fez um comentário totalmente negativo, e, mesmo visitando o local com certa frequência, afirmou que o passeio não valia a pena: “Acho muito triste ver um local tão antigo da cidade, com história, com árvores antigas, tão abandonado. Aqui anda asism, sujo, perigoso...não vale a visita! Eu não sei como deixam esse lugar com tanto potencial largado desse jeito...” (Depoimento 45, APÊNDICE B).

Por fim, os caminhantes esportistas foram a minoria, com apenas três depoimentos dedicados exclusivamente à prática esportiva, sem mencionar qualidades estéticas ou atrativos naturais do local (Figura 70). No entanto, quase todos comentários também mencionaram depredações e falta de reparos da pista de *cooper* do exterior do local:

“Faço caminhada aqui há muitos anos e é cômodo para mim, porque moro aqui perto, do lado do Bosque dos Buritis. Mas tem algum tempo já que eu noto que ele está abandonado, Há muitos anos tenho notado que aqui anda meio abandonado, a pista está cheia de buracos, fica difícil caminhar ou correr de noite.” (Depoimento 50, APÊNDICE B)

Outro caminhante mencionou: “Eu venho aqui para caminhar quase todos os dias, tem mais de dez anos, mas estou achando que os gestores da cidade andam fazendo pouco caso do Bosque. Está tudo estragado e não tem policiamento, a pista aqui está destruída, não tem manutenção, não tem cuidado...” (Depoimento 51, APÊNDICE B).

Os caminhantes contempladores e admiradores do Bosque, por vezes, mencionaram a prática esportiva no local como a principal atividade que realizavam ali, mas a corrida ou a caminhada estava acompanhada da apreciação da paisagem, da oportunidade de praticar esportes ao ar livre e em contato com a natureza, ao invés de fazê-lo em um ambiente fechado. Nesse sentido, observou-se que, no geral, predomina a ideia de que o Bosque proporciona o contato com a natureza e possibilita que seus usuários sintam-se tranquilos, além disso, proporciona momentos de introspecção e reflexão. Essa atribuição de sentidos ao Bosque associa-se ao sentido mítico e sagrado dos jardins antigos analisados no Capítulo 1: os jardins representavam o poder divino, responsável pela fecundidade desses locais, representavam o paraíso perdido, o local prometido onde se contemplava a beleza da criação dos deuses.

Mas, se por um lado o Bosque é percebido como um espaço de contemplação que proporciona calma e tranquilidade, por outro, é importante analisar que natureza é que possibilita a fuga do caos ou que permite a meditação. Para tal, é importante retomar a oposição explicitada por Jacques Le Goff entre a cidade medieval, o campo e a floresta, uma vez que a natureza representada pelo Bosque não diz respeito àquela da floresta, associada ao selvagem, ao desconhecido, mas à natureza domesticada, produzida e que passa pela interferência e domínio humano criando um espaço que é o “cartão-postal” da cidade.

Observou-se na fala dos caminhantes, por exemplo, o fato de a grama estar muito alta, referindo-se ao “mato” do local e ao aspecto negativo dessa situação por aproximar o local aos aspectos da selvageria. Sobre isso, Condé (Ibid, p. 53) afirma que

A representação da natureza no espaço urbano se refere, portanto, a uma “certa” natureza, cujas manifestações devem estar dentro de determinado padrão estabelecido. Os “sabiás, bem-te-vis, micos e gambás” das matas denotam a “exuberante natureza”, mas os “animais soltos” mostram a decadência. O mato que avança sobre a grama, a escarpa e a avalanche parecem ser consideradas manifestações de uma natureza inculta e fora de controle (Idem).

Pode-se falar de uma natureza urbana que “[...] parece ser, portanto, a paisagem que é avaliada segundo padrões visuais e comportamentais estabelecidos. Em outros termos, essa natureza é, sobretudo, um elemento visual decorativo que deve estar em harmonia com os outros elementos do espaço urbano” (CONDÉ, 1996, p.54). O Bosque pode ser compreendido então como um espaço criado como “elemento visual decorativo” relacionado à questão da visibilidade debatida por Serpa (2014), mas sua apropriação pelos caminhantes passa pela atribuição dos sentidos sagrados e míticos mencionados.

As denominações dadas ao Bosque dos Buritis ao longo dos anos são muito significativas nesse sentido. Enquanto Attílio Corrêa Lima determina que no local do buritizal deveria ser implantado o Paque dos Buritis, posteriormente, Fernando Chacel fez menção ao local como Parque Bosque dos Buritis e, atualmente, o nome Bosque dos Buritis, já sem a menção ao “parque”, refere-se a um lugar natural ou à encenação de um. Busca-se, portanto, a criação de uma determinada imagem do local que atenda os interesses da administração pública. Nesse sentido, essa natureza urbana, dentro do contexto urbano, pode ser “[...]”

medida, comprada, vendida e transformada em empreendimento comercial. Em decorrência, nessa representação de natureza opera uma lógica classificatória que localiza nas posições mais elevadas da escala social aqueles que dela usufruem sistematicamente” (CONDÉ, 1996, p.54). Mencionou-se anteriormente o público mais diversificado do Bosque dos Buritis, mas também foi verificada a falta de parques urbanos na periferia e a importância de descentralizar essa experiência dos caminhantes para aqueles que habitam outras regiões da cidade.

De acordo com Pesavento (1995, p.282), para se alcançar o imaginário de uma cidade ou de um local específico, é preciso que se investigue muito além do seu espaço físico, é preciso enveredar pelo “[...]caminho das representações simbólicas da urbe” (Idem). A investigação do imaginário do Bosque dos Buritis seguiu esse caminho, iniciando-se com uma investigação teórico-especulativa acerca dos conceitos de representação e imaginário urbano, e das representações das áreas verdes (jardins e parques) ao longo da história.

Concluiu-se esta investigação teórica com a ideia da cidade como palimpsesto, uma vez que a leitura do espaço urbano permite enxergar as cidades do passado que ainda estão presentes, enxergar o que foi preservado, o que foi alterado, inovado etc, e compreender o valor simbólico atribuído às cidades de diferentes tempos sobrepostos na cidade atual. Dessa leitura da cidade como palimpsesto, seguiu-se à leitura do Bosque dos Buritis como palimpsesto, uma investigação historiográfica que procurou ler as diferentes camadas temporais que resultaram no Bosque atual.

Este Bosque, por fim, foi analisado sob a perspectiva dos *voyeurs* e dos caminhantes, investigou-se o Bosque que habita o imaginário de quem o vê e de quem caminha por ele. Esta pesquisa revelou, de modo geral, que o Bosque é a representação de uma ideia específica de natureza, apresentada no parque como natureza “urbana”. Existe a vontade de se entrar em contato com os elementos presentes na natureza “selvagem” – árvores, vegetação rasteira, água, animais - contando que eles passem pela interferência e domínio humano. A natureza representada pelo parque tem um tratamento paisagístico que se aproxima da natureza “selvagem”, mas o caminhante só é atraído, uma vez que ele tem a certeza de se perder num local familiar. A necessidade de se localizar, de identificação do lugar, possibilitada pelo espaço limitado do parque, apresentou-se como um atrativo e um benefício.

Sendo assim, é importante retomar as questões que conduziram este trabalho: Qual a representação do Bosque presente no imaginário da cidade? O que os discursos e as imagens do local, ou seja, suas representações, revelam sobre ele?

Concluiu-se que o parque é entendido como local de natureza e seus limites, controles e manutenções, possibilitam aos caminhantes as sensações de calma, paz e tranquilidade mencionadas. Esses sentimentos transmitidos pela natureza também se apresentam como

uma oposição ao ambiente construído, ao caos urbano, ao asfalto, às construções e ao trânsito, o tempo do parque é o tempo do pedestre e, nesse momento, os caminhantes afirmaram que respiram o ar puro, escutam o barulho da água corrente, dos pássaros cantando.

Nesse sentido, compreende-se que as representações da natureza presentes nos jardins e parques, apresentados no Capítulo 1, ainda permanecem nas percepções dos parques atualmente. Seus aspectos físicos afastaram-se do rigor dos jardins franceses e sua aparência parece buscar referências nos jardins ingleses que pretendiam camuflar suas áreas verdes na paisagem natural. Atualmente, o sentido do parque aproxima-se daquele dado aos parques da era industrial, de fuga do caos e da poluição das cidades. Ainda assim, fez-se menção ao Bosque como “presente de Deus” e “paraíso”, atribuindo-lhe significados divinos e religiosos, como nos jardins antigos e medieval. Além da menção ao parque como local de meditação, de introspecção e de busca pelo autoconhecimento, demonstrando que se associa ao Bosque um sentido místico ou metafísico.

Os relatos dos caminhantes e dos *voyeurs* apontaram para os efeitos positivos do parque urbano, reiterando a necessidade de sua implantação nas regiões periféricas da cidade, em oposição à sua concentração nas regiões centrais. Essa concentração desigual confirma a disposição do poder público em manter a imagem de Goiânia como a cidade verde, alimentada por campanhas, *slogans* e crescente demarcação de unidades de conservação e parques, mesmo quando os dados apontaram para a redução das áreas verdes das cidades.

Da mesma maneira, o histórico do Bosque apontou para intervenções no local aliadas às intenções do mercado imobiliário que se aproveita desses discursos e medidas, entretanto, seria um erro dizer que foi esse mercado que iniciou a propaganda, uma vez que ele surge com as próprias administrações municipais. Em contrapartida, não se minimiza a impulsão dada pelas imobiliárias à essa imagem de Goiânia, pois as transformações efetivas do Bosque, iniciadas nas décadas de 1960 e 1970, determinaram um modelo de expansão da cidade baseada em parcerias público-privadas que implantam parques ilhados por edifícios residenciais de múltiplos pavimentos, como nos casos dos Parques Flamboyant, Parque Cascavel e, mais recentemente, no Parque Cerrado.

Os depoimentos indicaram que essa relação estabelecida entre a administração pública e as grandes incorporadoras afetam diretamente as relações com os parques da cidade de Goiânia. No entanto, ressaltou-se a relação peculiar dos caminhantes com o local, pois a posição central do Bosque dos Buritis amplia o público que o acessa, não se limitando aos moradores do seu entorno imediato. Por outro lado, a extrema verticalização do entorno do Bosque separou o público caminhante dos *voyeurs*, por isso, refere-se à vista desses últimos como a vista “de camarote”. A posição dos *voyeurs* é privilegiada uma vez que os edifícios do entorno são limitados, portanto, com “camarotes” limitados e os apartamentos voltados para uma classe mais abastada. Os depoimentos dos *voyeurs* indicaram que eles optam por estabelecer uma relação, quase exclusiva, com a vista do Bosque, frequentando o local em raras ocasiões, pois a relação com a paisagem já cria um vínculo com o local e parece suficiente.

O fato do *voyeur* observar o Bosque do interior de sua casa reforça a sensação de paz e tranquilidade transmitida pela natureza, considerando-se que a casa é o local da intimidade e da privacidade. Além disso, a vista do Bosque expande o espaço do apartamento com o acréscimo da paisagem que é compreendida como seu quintal. A segurança, calma e conforto da casa ainda são reforçados pela ausência da multidão presente no Bosque, e, apesar das sensações serem semelhantes nesse caso, e no caso dos caminhantes, existe uma diferença entre o Bosque que habita o imaginário de ambos.

O Bosque dos caminhantes não permite a vista de cima, do camarote, que é reservada para poucos, ainda assim, o parque que habita seu imaginário vai um pouco além da transmissão da calma e da tranquilidade e assume também a função de cartão-postal da cidade. De certa maneira, os caminhantes determinam uma função histórica para o Bosque a partir das afirmações de que ele é um dos parques mais antigos da cidade. Ignora-se o fato da preocupação com o local ser recente, iniciada no final da década de 1960 e ignora-se ainda o fato de se tratar de um parque construído, pois teve quase toda sua vegetação replantada para assumir a aparência atual. Essas questões não parecem afetar a relação estabelecida entre os usuários e a os *voyeurs* com o parque.

Essas transformações parecem irrelevantes para os caminhantes que reforçam a representação do parque como um dos principais símbolos da cidade. Pelos seus depoimentos, eles parecem ter conhecimento das propostas iniciais de Atílio Corrêa Lima para o local, pois é como se ele representasse, hoje, o que sempre esteve predestinado a ser, um espaço de lazer, que oferece uma bela paisagem para a cidade e mantém uma densa vegetação e o curso hídrico.

A imagem de Goiânia como cidade verde, divulgada pela administração pública, e a ideia do Bosque como cartão-postal, que focam no reforço dessa imagem, estão bastante presentes nas falas dos entrevistados, no entanto, não são o ponto principal da relação dos caminhantes com o local. Essa relação se baseia muito mais nas sensações que as áreas verdes transmitem do que numa possível imagem que se queira transmitir de um espaço da cidade. Reitera-se, portanto, a necessidade de implantação de parques de uma maneira mais igualitária na cidade, uma vez que para os caminhantes e para os *voyeurs* um parque representa a possibilidade de melhorar os ânimos, acalmar e obter lazer num espaço público da cidade.

Figura 1: Plano urbanístico da cidade de Goiânia, elaborado Atílio Corrêa Lima, com destaque para as áreas verdes vinculadas aos cursos hídricos. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016.	19
Figura 2: Vista recente do Bosques dos Buritis, em 2010, e sua densa vegetação. Foto: Joventino.	22
Figura 3: A traição das imagens, tela de René Magritte, 1929. Em francês, na tela: “Isto não é um cachimbo”. Fonte: Site do Los Angeles County Museum of Art (LACMA).	35
Figura 4: Pintura “Primavera ou Paraíso perdido”, de Nicolas Poussin, 1660-1664. Fonte: WikiArt.	39
Figura 5: Litografia dos Jardins Suspensos da Babilônia, de 1886, de autor desconhecido. Fonte: ECO, 2013, p.83.	41
Figura 6: Fac-símile de papiro pintado pela egiptologista Nina de Garis Davies. Original de 1400 A.C.. Fonte: The Metropolitan Museum of Art.	41
Figura 7: Pintura do jardim persa de período e autor desconhecido. Fonte: British Library.	43
Figura 8: Representação do jardim persa em tapete de período desconhecido. Fonte: The Metropolitan Museum of Art.	43
Figura 9: Iluminura do jardim medieval de 1410, autor desconhecido. Fonte: Biblioteca digital alemã.	45
Figura 10: Luneta pintada por Giusto Utens representando a Villa Medicea di Castello, em Florença, Itália de 1598. Fonte: WikiArt.	49
Figura 11: Gravura da vista superior do Palácio e dos jardins de Versailles, elaborada por Silvestre, em 1680. Fonte: Site Versailles 3D.	49
Figura 12: Pintura de John Constable intitulada <i>The Dell at Helmingham Park</i> , de 1830, retratando a paisagem dos jardins ingleses. Fonte: Google Arts and Culture.	50
Figura 13: Ilustração do artista Gustave Doré intitulada <i>Rua Dudley, Sete seletores</i> , de 1856. Fonte: British Library.	52
Figura 14: Pintura de Georges Seurat intitulada <i>Domingo no Grande Jatte</i> , realizada entre 1884 e 1886. Fonte: Google Arts and Culture.	54
Figura 15: Vista aérea do Central Park, em 1938. Fonte: Site NYC Parks.	56
Figura 16: Vista do Central Park, em 2007. Foto: Michael Minn.	56
Figura 17: Ilustração da obra <i>Here</i> , de Richard McGuire, com sobreposições dos anos 1915, 10.000 A.C. e 1970. Fonte: The New Yorker.	58
Figura 18: Ilustração da obra <i>Here</i> , de Richard McGuire, com sobreposições dos anos 1933, 1983 e 1988. Nos balões, o senhor diz: “Eu costumava vê-la correr pela janela de onde trabalhava”. E senhora responde: “Eu estava sempre atrasada para o trabalho. Fonte: The New Yorker	59
Figura 19: Reportagem comemorativa do terceiro aniversário do Batismo Cultural de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.	67
Figura 20: Reportagem comemorativa do sexto aniversário do Batismo Cultural de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.	68

Figura 21: Plano da Nova Capital de Goiás, Projeto de Atílio Corrêa Lima, elaborado entre 1932 e 1935. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	70
Figura 22: Foto aérea do início das obras da nova capital, de 1936. Em destaque, as principais avenidas do centro da cidade na forma do “pé de pato”. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016. _____	72
Figura 23: Plano da cidade alemã, Karlsruhe, fundada em 1715. Fonte: Site de Karlsruhe. Disponível em: < https://www.karlsruhe.de/b1/stadtgeschichte/kurzestadtgeschichte.de > _____	74
Figura 24: Plano do centro cívico da cidade de Washignton, elaborado pelo arquiteto e engenheiro Peter Charles L'Enfant, em 1791, para o primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washignton. Fonte: Museum of the City. Disponível em: < http://www.museumofthecity.org/project/lenfant-plan-of-washington-d-c/# > _____	74
Figura 25: Zoneamento proposto por Atílio Corrêa Lima para a cidade de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. Intervenção da autora, 2016. _____	75
Figura 26: Proposta de Atília Corrêa Lima para o, então, Parque dos Buritis. Fonte: DINIZ, 2007. _____	79
Figura 27: Projeto do Setor Sul, elaborado por Armando de Godói. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	80
Figura 28: Projeto da cidade de Radburn, em Nova Jersey, nos Estados Unidos , elaborado por Clarence Stein e Henry Wright, de 1929. Fonte: Site da Associação de Radburn. Disponível em: < http://www.radburn.org/ >. _____	80
Figura 29: Foto da Avenida Goiás em 1945. Fonte: MIS. _____	83
Figura 30: Manchetes do jornal O Social, respectivamente, de outubro de 1948, maio, julho, setembro e outubro de 1945. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	83
Figura 31: Alameda dos Buritis em 1935, aproximadamente, onde atualmente se localiza a Assembleia Legislativa. Fonte: Projeto Álbum, O Popular. _____	85
Figura 32: Plano de Urbanização de Goiânia. Planta Geral de Orientação, aprovada pelo Decreto-Lei nº 90-A, de 1938. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	86
Figura 33: Detalhe dos Setores Central, Sul e Norte do Plano de Urbanização de Goiânia. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	87
Figura 34: Detalhe do Parque dos Buritis e do Setor Oeste com a indicação “A ser projetado em 1950 por concurso entre urbanistas brasileiros”. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	89
Figura 35: Planta Geral de Urbanização, de 1947. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	90
Figura 36: Lago das Rosas em 1950. Foto: Hélio de Oliveira. _____	91
Figura 37: Nota publicada no jornal O Social em 26 de outubro de 1946. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás. _____	91
Figura 38: Trampolim do Lago das Rosas em 1953. Foto: Hélio de Oliveira. _____	92
Figura 39: Lago das Rosas em 1955. Foto: Hélio de Oliveira. _____	92
Figura 40: Vista aérea de Goiânia no início da implantação dos Setores Sul e Oeste. Fonte: SEPLAM. _____	94

Figura 41: Vista aérea de Goiânia anterior à implantação dos Setores Sul e Oeste. Fonte: SEPLAM.	94
Figura 42: Ilustração apresentando a diferença entre a área destinada para o Bosque dos Buritis no plano urbanístico elaborado por Attílio Corrêa Lima e a área ocupada pelo parque atualmente. Fonte: AMMA, 2008.	95
Figura 43: Construção da Igreja Dom Bosco, na década de 1950. Foto: Hélio de Oliveira.	95
Figura 44: Transformações do edifício da Assembleia Legislativa. Intervenção da autora, 2017.	96
Figura 45: Área do Bosque dos Buritis próxima ao local onde está edificada a Assembleia Legislativa, vendo ao fundo o Colégio e Igreja Ateneu Dom Bosco na década de 1950. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.	96
Figura 46: Vista aérea do Setor Oeste na década de 1960. Foto: Hélio de Oliveira.	99
Figura 47: Vista aérea do Setor Oeste na década de 1960. Fonte: Arquivo Público do Estado de Goiás.	99
Figura 48: Projeto paisagístico do Bosque dos Buritis elaborado pelo arquiteto e paisagista Fernando Chacel em 1978. Fonte: SEPLAM.	101
Figura 49: Imagem aérea da década de 1970 apresentando as ocupações do Bosque dos Buritis. Fonte: SEPLAM.	105
Figura 50: Corte de árvores do Bosque dos Buritis, em 1988. Foto: Álvaro Soares. Fonte: SEPLAM.	105
Figura 51: Corte de árvores do Bosque dos Buritis, em 1988. Foto: Álvaro Soares. Fonte: SEPLAM.	106
Figura 52: Imagem aérea de 1988 apresentando as ocupações do Bosque dos Buritis. Fonte: SEPLAM.	106
Figura 53: Discurso proferido por Bariani Ortêncio no Bosque dos Buritis, em comemoração à Festa Anual das Árvores. Fonte: Acervo do Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortêncio.	109
Figura 54: Vista de cima do Tribunal da Justiça do jato d'água instalado no lago do Bosque dos Buritis, em 1995. Foto: Kátia do Carmo de Paiva. Fonte: SEPLAM.	111
Figura 55: Áreas tombadas pelo Decreto nº 2.109 – 1. Lago das Rosas, 2. Bosque dos Buritis, 3. Bosque do Botafogo, 4. Cabeceira do Areião, 5. Jardim Botânico. Imagem: Google Earth. Intervenção da autora, 2016.	114
Figura 56: Vista do Bosque dos Buritis na década de 1990. Fonte: SEPLAM.	116
Figura 57: Análise da ocupação do Bosque dos Buritis nas décadas de 1960 (sup. à esq.), 1980 (sup. à dir.), 1990 (inf. à esq.) e 2000 (inf. à dir.), respectivamente. Acervo da autora, 2016.	116
Figura 58: Áreas definidas no zoneamento determinado pelo Plano de Manejo. Acervo da autora, 2016.	118
Figura 59: Mapa ilustrativo indicando os principais pontos do Bosque e seu aspecto após a reforma realizada em 2008. Acervo da autora, 2016.	119

Figura 60: Mapa apresentando as áreas verdes da cidade em 1986 (em vermelho) e em 2010 (em verde). Fonte: STREGLIO, 2012. _____	122
Figura 61: Localização dos parques da cidade de Goiânia. Fonte: SEPLAN. _____	129
Figura 62: Imagem de divulgação da localização do Parque Cerrado. Fonte: Site de divulgação do EuroPark Residencial. _____	131
Figura 63: Imagem da propaganda do EuroPark Residencial apontando que o “Bosque dos Buritis mudou o centro de Goiânia”, a partir de uma montagem em que o entorno do Bosque não apresenta construções. Fonte: Ideall Imóveis. _____	131
Figura 64: Imagem da propaganda do EuroPark Residencial apontando a valorização dos imóveis do entorno do Bosque dos Buritis entre os anos de 2004 e 2014. Fonte: Ideall Imóveis. _____	132
Figura 65: Imagem apresentando a valorização dos imóveis localizados no entorno dos principais parques da cidade de Goiânia. Fonte: Site de divulgação do EuroPark Residencial. _____	132
Figura 66: Imagens do Bosque dos Buritis tiradas em diferentes dias por uma das entrevistadas e publicada em sua rede social. Fonte: Instagram. _____	138
Figura 67: Pessoas descansam no gramado do Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016. _____	139
Figura 68: Família caminhando no Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016. ____	139
Figura 69: Família passeando com bebê no Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016. _____	139
Figura 70: Esportistas praticando caminhada e corrida na pista de cooper do Bosque dos Buritis. Acervo da autora, 2016. _____	139

- ALVARES, Geraldo Teixeira. *A Luta na Epopéia de Goiânia: Uma Obra da Engenharia Nacional*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, 1942.
- AGÊNCIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. *Prêmio Crea Goiás de Meio Ambiente 2008* – Compêndio dos Trabalhos Premiados. Modalidade Urbanismo. Goiânia, 2008a.
- AGÊNCIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. *Plano Diretor de Arborização Urbana de Goiânia*. Instrução Normativa 030, de 05 de setembro, Goiânia, 2008b. Disponível em:
<http://www.goiania.go.gov.br/download/amma/relatorio_Plano_Diretor.pdf>
- ARGAN, Giulio Carlo. *El Concepto del Espacio Arquitectonico desde el Barroco a Nuestros Dias*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1973.
- ASSOCIAÇÃO tenta salvar o Bosque dos Buritis. *O Popular*, Goiânia, 31 jan. 1988.
- AQUINO, Luiz de. Bosque é boa opção de lazer. *Diário da manhã*, Goiânia, 18 set. 1994.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Lisboa: Anthropos-Homem, 1986.
- BARBOSA, Antônio Agenor. Fernando Chacel. *Entrevista*, São Paulo, ano 5, nº. 017.01, Vitruvius, jan. 2004. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.017/3333>>.
- BOSQUE dos Buritis será área de lazer. *O Popular*, Goiânia, 1º jun. 1977.
- BOSQUE dos Buritis. É agora ou nunca. *O Popular*, Goiânia, 13 ago. 1978.
- BOSQUE dos Buritis – Urbanização em tempo de eleições. *O Popular*, Goiânia, 25 nov. 1979.
- BOSQUE dos Buritis caminha para a morte. *Diário da Manhã*, Goiânia. 23 jun. 1991.
- BOSQUE dos Buritis nos planos do prof.º Nion Albernaz. *O Popular*, Goiânia, 09 mar. 1991.
- BOSQUE vira nova atração turística. *Diário da manhã*, Goiânia, 25 mai. 1992.
- BOSQUE dos Buritis ganha concurso *eleja* Goiânia. *Diário da manhã*, Goiânia, 17 dez. 1999.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A formação do homem moderno através da arquitetura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX*. O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____, Maria Stella M.. “As sete portas da cidade”. *Espaço e Debates*, n.34, NERU, 1991.

- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. (org.) Peter Burke. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CALABI, Donatella. *História do Urbanismo Europeu*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2012.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHACEL, Fernando. *Projeto de Tratamento Paisagístico do Bosque dos Buritis*. Biblioteca da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo, 1978.
- CHARTIER, Roger. *Uma crise da História? A História entre narração e conhecimento*. In: (org.) PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- _____, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979
- CONDÉ, Geraldo Garcez. *Uma Natureza Urbana: notas sobre representações da natureza no Espaço Urbano*. Revista Logos, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, 1996.
- CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. *Parque Urbanos de Goiânia – Relatório de Inspeção Técnica dos parque Areião, Bosque dos Buritis, Cascavel, Jardim Botânico, Lago das Rosas, Vaca Brava*. Goiânia, 2013.
- CUNHA, Cileide Alves. *Aval do Passado: Iris Rezende – Memória e Política (1958 – 1982)*. Dissertação de Mestrado em História, FCHF. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2003.
- DE DECCA, Edgar. O estatuto da história. Espaço e Debates. São Paulo: NERU, ano XI, n.34, 1991.
- DIÁRIO DA MANHÃ, Goiânia, 24 out. 2007. Caderno Goiânia 74 Anos.
- DINIZ, Anamaria. *Goiânia de Attilio Corrêa Lima (1932 -1935) – Ideal estético e realidade política*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

- ECO, Umberto. *Histórias das terras e lugares lendários*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- EUROAMÉRICA INCORPORAÇÕES. *Europark - Um Parque MudaTudo! 5'30"*, Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/Xf3yXJrNBEA>>.
- FARAH, Ivete. *Poética das Árvores Urbanas*. Rio de Janeiro : Ed. Mauad, 2008.
- FERREIRA JÚNIOR, Lícido de Carvalho Bueno. *Os Reflexos do processo de ocupação e apropriação do espaço intra-urbano de Goiânia: o caso do Setor Bueno*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- GALLI, Ubirajara. *A História do Batismo Cultural de Goiânia*. Goiânia: Contato Comunicação, 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____, Carlo. Representação. A palavra, a ideia, a coisa, in *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- GODÓI, Armando Augusto. Relatório sobre a conveniência da mudança da capital. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942.
- GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. *Natureza e Cultura – Representações na paisagem*. In: *Paisagem, Imaginário e espaço*. Org.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- GUIMARÃES, Cláudia Gomides. *Parques Urbanos: sua influência no Planejamento e Desenvolvimento das cidades*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942.
- IPHAN, 1995

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO MUNICIPAL DE GOIÂNIA. *Termo de Referência do Projeto Parque Bosque dos Buritis*. Goiânia, 1980.

_____. *Relatório e Levantamento do Parque Bosque dos Buritis*. Goiânia, 1986.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 110.02, Vitruvius, jul. 2009 Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.

KLIASS, Rosa Grena. *Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade*. São Paulo: PINI, 1993.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. In: (org.) LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A história nova*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____, Jacques. *Por amor às cidades – conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998b.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; REARD, Jean-Bruno; TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do imaginário*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova História Urbana*. (org.) SALGUEIRO, Heliana Angotti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIMA, Atílio Corrêa. Plano Diretor da Cidade. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942a.

_____, Atílio Corrêa. Goiânia – A nova capital de Goiás, resumo de um estudo. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942b.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares Imaginários*. Lisboa: Tinta da China, 2013.

MARTINS JÚNIOR, Osmar Pires. *Uma Cidade Ecologicamente Correta*. Goiânia: AB, 1996.

MCGUIRE, Richard. *Here*. Nova York: Pantheon Books, 2014.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: UFG, 2006.

NOVA ameaça ao Bosque. *O Popular*, Goiânia, 21 mar. 1980.

OLIVEIRA, Simone Borges C. de. *Princípios Básicos de Arquitetura Moderna*. Trabalho da Disciplina de Teoria e História da Arquitetura IX, Orientador Ruy Rocha, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1990.

OLIVEIRA, Maria das Mercêdes Brandão de. *A praça em suas múltiplas dimensões espaciais: o desvendar das similaridades e diversidades de praças goianienses*. Universidade Federal De Goiás – UFG / Instituto De Estudos Sócioambientais – IESA. Goiânia, 2005. Dissertação de mestrado em Geografia.

OLIVEIRA, Mara V. de e PEIXOTO, Elane P. *Estudos de Bairro: entre a arquitetura e a História*. Revista Mosaico, Goiânia, vol. 2, n.1, 2009.

ORTÊNCIO, Bariani. No Bosque dos Buritis. Discurso pronunciado no Bosque dos Buritis em comemoração ao Dia Internacional da Ecologia. 06 jun. 1986. Acervo do Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortêncio, pasta 1986.

_____, Bariani. SOS para salvar o Bosque dos Buritis. *O Popular*, Goiânia, 13 jan. 1987.

PAIVA, P. Duarte de Oliveira. *Paisagismo – Histórico, Definições e Caracterizações*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2004.

PARENTE, Alessandra Affortunati Martins. *A casa e o holding: conversas entre Bachelard e Winnicott*. Revista Natureza Humana 11(1): 73-100, jan.-jun, 2009.

PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In: LE GOFF, Jaques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PECHMAN, Robert Moses. O urbano: invenção ou descoberta? Para pensar uma história urbana. In: (org.) PADILHA, Nino Salvador. *Cidade e Urbanismo – história, teoria e práticas*. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUUFBA, 1998.

PEREIRA, José Ramón Alonso. *Introdução à História da Arquitetura – das origens ao século XXI*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PERMUTA Entre Atual Prédio Da Assembleia E Nova Sede É Oficializada. A REDAÇÃO. Goiânia, 22 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.aredacao.com.br/noticias/27142/permuta-entre-atual-predio-da-assembleia-e-nova-sede-e-oficializada>>.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.

_____, Sandra Jathay. *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, janeiro, 2004. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>>.

_____, Sandra Jathay. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, fev. 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>.

_____, Sandra Jathay. *Cultura e representações, uma trajetória*. Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, janeiro./dezembro, 2006. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6395/3837>>.

_____, Sandra Jathay. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, junho, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>.

_____, Sandra Jathay. *História e História Cultural*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PIRES, Jacira Rosa. *Goiânia, cidade pré-moderna do Cerrado 1922-1938*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.

POLIZZO, Ana Paula. *A estética moderna da paisagem: a poética de Roberto Burle Marx*. Dissertação de Mestrado: PUC – Rio, Departamento de História do Centro de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2010.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. Plano de Manejo. Goiânia, 2005.

PROTÁSIO, Rosângela Dos Reis. *CENTRO LIVRE DE ARTES: referência cultural goianiense*. Dissertação de Mestrado: Universidade Católica de Goiás, Gestão do Patrimônio Cultural, Goiânia, 2009.

RESENDE, Ubiratan Pereira de. *Qualidade De Vida, Meio Ambiente Urbano e Especulação Imobiliária: Um Estudo sobre a Implantação do Parque Cascavel, Na Região Sul De Goiânia*. II SEAT – Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade UFG / IESA / NUPEAT - Goiânia, 2011.

RIBEIRO, M. E. J. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema e áreas verdes*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Infraestrutura verde: uma estratégia de conexão entre pessoas e lugares – Por um planejamento urbano ecológico para Goiânia*. Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2010.

ROCHA, VILMAR. *Apresentação*. In: GALLI, Ubirajara. *A História do Batismo Cultural de Goiânia*. Goiânia: Contato Comunicação, 2007.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RONCHETTI, Costanza. *Do Jardim Místico ao Jardim Profano para uma Leitura dos Jardins Medievais Portugueses*. Revista de história da arte, n.º 7 – FCSH-UNL, 2009.

RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim do semana*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARLO, Beatriz. *A Cidade Vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SECCHI, Bernardo. *Primeira lição de urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, Carolina Pescatori C. da. *Alphaville e a (des)construção da cidade no Brasil*. 2016. xxvii, 491 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Clarinda A; ALMEIDA, Maria G. de. *Cidade Das Flores, Capital Verde, Cidade Dos Parques: representações sociais e identidades conferidas à Goiânia*. 14º Encuentro de Geógrafos de América Latina. Territorialidade Ameaçada: Políticas e Capim Dourado no Jalapão, 2013.

Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/39.pdf>>

STREGLIO, Carolina Ferreira da Costa. *Parques Urbanos de Goiânia-Go: Dinâmica Espacial e Potencial Turístico*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012

STRINGHETA, Ângela C. Oliveira. *Plantas ornamentais e paisagismo : a história da arte dos jardins*. Viçosa, MG : Ed. UFV, 2014. Disponível em:

<<https://www2.cead.ufv.br/serieconhecimento/wp-content/uploads/2015/05/plantas-ornamentais.pdf>>

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. O problema da mudança da capital. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942.

VARGAS, Getúlio. O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o oeste. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo IBGE como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, 1942.

WARE, Chris. *A graphic novel que mudou tudo*. Revista Serrote, Instituto Moreira Salles, São Paulo: nº 21, p. 129-131, novembro, 2015.

WEBER, Max. *Conceito e categorias da cidade*. In: VELHO, Otávio G. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

Apêndice A: Depoimentos dos voyeurs

Para a coleta dos depoimentos a seguir duas perguntas foram feitas: Você dedica parte do dia para contemplar o Bosque dos Buritis? Se sim, você acha que a paisagem te influencia de alguma maneira? Depois da exposição das questões, abriu-se espaço para que os entrevistados falassem livremente sem interferência, no caso em que alguma outra questão foi colocada, indicou-se a intervenção no próprio texto com chaves - [].

Depoimento 1. Sempre fico na varanda, aqui bate sol pela manhã e eu escolhi esse andar porque, mesmo sentada, eu tenho toda a vista do parque na altura dos olhos, como se fosse um quintal. Eu não preciso ficar em pé no parapeito da varanda para ver a vista. Me sinto privilegiada de ter a vista do parque e traz uma sensação de prazer e bem-estar, porque o verde traz essa sensação muito gostosa. Eu tenho o conforto da minha casa mais a vista do parque, é como se a nossa casa estivesse dentro do parque e o parque fosse meu quintal.

Depoimento 2. Eu acordo bem cedo, faço um café e venho para cá olhar essa vista maravilhosa. Às vezes eu abro as janelas aqui da varanda para sentir o ventinho gelado da manhã, isso dá ânimo para começar o dia, como se essa paisagem, a vegetação desse força para a gente, a energia da natureza, sabe? Dá para escutar os passarinhos também, e hoje em dia com a vida corrida a gente quase não encontra tempo para ficar perto da natureza, então aqui é meu canto para isso.

Depoimento 3. Eu não venho aqui todo dia, mas toda semana é certeza que sim. Eu amo apreciar essa vista, o verde é incrível e tal... Acho que a vista me influencia no dia-a-dia, me traz uma tranquilidade, paz, mais amor pela natureza mesmo. Uma pena que no fundo têm os prédios que atrapalham, porque o bonito da vista é o verde, né?

Depoimento 4. Essa vista é maravilhosa, olha a beleza da natureza! Só acho uma pena que a cidade se intrometa ali no fundo, porque daqui a gente não tem o

barulho dos carros, a confusão, a sujeira... Aqui eu estou no alto então eu posso só contemplar tudo isso. Acho que a paz é maior, é a tranquilidade de ver o verde no meio da selva de pedras.

Depoimento 5. Olha, eu contemplo o Bosque quase todos os dias. Eu quis morar por aqui por causa do Bosque, queria morar perto de um parque para passear, fazer caminhada, mas eu quase não vou lá. Mas a vista eu aproveito sempre! O Bosque é muito lindo, essa vegetação cheia desse jeito, é bonito demais! Eu gosto de ficar perto da natureza e olhando as árvores daqui de cima eu me sinto próximo dela, talvez por isso eu quase nem vou lá, a vista já é tão bonita...

Depoimento 6. Todos os dias eu contemplo o Bosque, acho ele lindo! E é muito raro eu descer, só de vez em quando eu passeio por lá. Quando eu olho o Bosque eu sinto muita paz. Na verdade, o verde que é lindo, misturado com a água também, me traz muita paz. Eu gosto de caminhar por lá no verão, que é época de chuva e fica tudo verde, mais bonito. Mas caminhando eu sinto a presença de muitas pessoas passeando com os *pets*, com os filhos, isso também é muito bom, eu adoro, mas não me transmite a paz e a calma, eu sinto mais a agitação, a animação das pessoas.

Depoimento 7. Sempre acordo e dou uma olhada lá. Adoro, dá uma paz, uma calma, vou na varanda e olho o tempo todo aquela vegetação, parece me dar energia para passar o dia. Sou uma apreciadora de apartamentos por causa disso. Me sinto livre em apartamento, e não aprisionada como as pessoas falam, justamente pela paisagem. Eu prefiro a paisagem do parque porque passa uma tranquilidade, mas se eu posso ver a cidade, eu acho bom também, eu estou de cima e posso apreciar tudo.

Depoimento 8. Quase todo dia eu venho aqui, nem que seja por um minuto só. Imagina, eu abro a cortina e o Bosque está ali! Eu fico olhando essa natureza exuberante e fico pensando que, na verdade, essas coisas aqui não importam, as coisas materiais, sabe? Isso não importa... Olha a imensidão do céu, olha a

beleza da natureza, é isso que importa de verdade. Isso que é a vida, isso que aproxima a gente de Deus.

Depoimento 9. Nossa! Eu gosto muito de ficar na varanda vendo a vegetação, o céu mudando de cor quando está ficando de noite... Essa vista é um presente de Deus! Essa riqueza que é esse parque que passa uma energia boa para a gente, passa uma paz... A gente respira bem fundo e vem um ar puro que dá uma energia diferente. Eu amo essa vista!

Depoimento 10. Geralmente à tarde eu fico na varanda e gosto de olhar o verde, contemplar o céu e o sol indo embora. Nesses momentos eu me sinto mais feliz, mais fortalecida, parece que olhar a natureza faz isso com a gente. Não sei se é a idade, mas isso está se tornando um hábito e parece que, nos dias que eu não tenho tanto tempo, eu sinto falta de ficar na varanda olhando o parque.

Depoimento 11. Eu sempre venho contemplar a vista do Bosque, já faço isso há anos, é um ritual quase... Eu paro tudo que estou fazendo e vou olhar a paisagem, entrar num clima mais tranquilo, ver a natureza, respirar fundo, pensar na vida. Aqui é meu lugar favorito para isso, então acho que a vista me influencia sim, acho que me deixa mais calma, eu tiro uns minutos só para mim e fico aqui com o Bosque, com a vegetação das árvores.

Depoimento 12. Com muita frequência eu fico na janela olhando para o Bosque. Acho que a proximidade com a natureza me faz bem, me deixa mais calmo, com certeza, mais sereno... Tem uma paz ali no verde, na água, nos barulhos que vem dali que me acalmam... Deve ter a ver com Deus, né? Com a criação dele, então a gente se sente assim porque está mais perto das coisas que Ele fez, deve ser isso.

Depoimento 13. Eu sempre olho, olho para ver se está diferente, no sentido do clima, das cores. Eu sempre vou lá, às vezes olho mais que outras vezes, e sempre vou olhar para ver como está porque o clima muda as cores, às vezes está sol, às vezes chovendo, tem nuvem. não tem... Ai mudam as cores da água. Sempre espero ver alguma coisa legal, mas no geral não tem uma mudança

interessante, mas acho que isso é normal quando você olha uma mesma paisagem muitas vezes. Mas eu gosto muito de ver o céu de lá, como o Bosque está em primeiro plano, a cidade lá trás e o céu, sabe? Para mim é uma visão diferente de Goiânia porque eu sempre estive acostumada a ver só prédios, e de lá eu tenho uma visão de distância que me permite ver os planos. E ver a cidade dessa forma, com o parque e a cidade só atrás é muito diferente do que ver a cidade só de baixo. Eu só entendi onde o Bosque estava, e onde fica o Setor Oeste e o Centro, depois que olhei por cima, antes eu não entendia isso direito também, me ajudou a ter uma noção espacial da cidade. A visão que eu tenho por cima é bem do poço [Do lago verde?]. Isso! E às vezes ele está bonito, às vezes parece que está sujo, é como eu falei, a paisagem muda. [Esse olhar voltado para as cores e planos seria direcionado pela fotografia?] Acho que tem a ver sim, mas às vezes vou só para olhar e percebo isso das cores.

Depoimento 14. Eu tiro uns minutos de quase todos os dias que estou em casa para ir na varanda ver o Bosque. Eu viajo muito então às vezes com a correria das coisas não dá, mas quando eu estou aqui, tento vir aqui olhar a vista porque é bonita demais. Causa um impacto, né? A gente fica na pressa do trabalho, das coisas do dia-a-dia e chega em casa cansado e se depara com essa vista, não tem como não ficar admirado com essa natureza, parece que coloca a gente em outra sintonia, desacelera a gente, eu acho.

Depoimento 15. Eu sempre fico olhando para o Bosque de manhã, às vezes eu tomo café da manhã ali na varanda mesmo para aproveitar quando o tempo está fresquinho e o dia está bonito. Parece que o Bosque é meu, assim, porque ele está ali sempre na minha janela, então já faz parte da minha casa, eu já chego em casa, às vezes eu chego cansada, estressada, daí já venho aqui para olhar, ouvir os passarinhos e tentar ficar mais tranquila. Eu gosto muito disso...

Depoimento 16. Onde eu morava eu só via prédio de todas as janelas aí nem dava bola, nem ligava para nada e ia olhar... Aí quando eu mudei para esse apartamento eu fiquei encantada porque eu tenho essa natureza toda aqui e na

cidade é difícil ter isso, né? Eu acho lindo, sempre olho aqui como está o dia, venho sentir o clima... parece que a natureza me passa uma coisa diferente, porque aqui eu quero ficar vendo e quando era só a cidade mesmo, não ligava muito.

Apêndice B: Depoimentos dos caminhantes

Depoimento 1. Nossa! O Bosque é tudo de bom ,né? Eu gosto muito de passear aqui no meio das árvores, da natureza... Tem o barulhinho da água correndo ali perto daquela escada que me deixa calma, com essa sombrinha fresca. Acho muito bom vir aqui!

Depoimento 2. Na cidade grande a gente tem muitos problemas, dificuldades... É muita correria, agitação, que consome muito a energia das pessoas, desgasta e estressa muito. Quando a gente vai num lugar que tem verde, tem muita árvore, a gente pode respirar o ar puro, ver a natureza, os lagos, os animais – os patos, passarinhos, macacos -, ver gente, andar, fazer uma caminhada, ou só ficar meditando, refletindo sobre a vida. Por isso que nas grandes cidades tem que ter locais como o Bosque do Buritis para desestressar um pouco da loucura do dia-a-dia, do corre corre doido.

Depoimento 3. Acho que no meio do caos urbano, eu encontrei uma estrutura magnífica e conservada, o Bosque é uma delícia, uma paz que a natureza proporciona para a gente.

Depoimento 4. Aqui tem uma energia positiva, uma paz... É meu parque preferido porque eu ando aqui no meio das árvores, é perfeito!

Depoimento 5. Olha que maravilha que é vir aqui e respirar ar puro e limpo, sentir esse fresquinho aqui das sombras das árvores e dos lagos. Nem parece que está fazendo este calor todo na cidade.

Depoimento 6. O Bosque é o lugar perfeito! Eu amo esse lugar! Tudo aqui é lindo e quando venho aqui nem parece que tem um mundo lá fora quente demais...

Depoimento 7. Moro aqui do lado, aqui é mais um pulmão verde da nossa linda cidade!

Depoimento 8. Esse lugar é a serenidade em meio à loucura. É a natureza em meio ao caos. Acho que o Bosque é a vida mostrando superação, porque tem esse tanto de árvores aqui no meio desses prédios... É uma riqueza isso aqui!

Depoimento 9. O Bosque é um lugar excelente dentro da cidade para fugir da confusão e respirar. Eu caminho nas trilhas, sento perto dos lagos, me refresco tomando água de coco e aprecio a história e a arte, porque aqui ainda tem um museu

Depoimento 10. Maravilhoso aqui, né? Eu nunca tinha vindo. Aí, estava por aqui e vim conhecer porque sempre ouvia falar. Achei perfeito! Parece que tem um paraíso no meio do Centro!

Depoimento 11. O Bosque é meu lugar preferido na cidade. É excelente para passear com a família, caminhar, deixar as crianças brincarem no parquinho, comer pipoca. Ainda tem o barulho da água e os pássaros cantando para alegrar!

Depoimento 12. Isso aqui é maravilhoso! O lugar ideal para passear com a família, encontrar os amigos, passear, fotografar, contemplar a natureza. Eu sempre recomendo uma visita aqui para todo mundo que vem a Goiânia, é o cartão-postal da cidade!

Depoimento 13. Eu não vi abandono aqui não [se opondo ao comentário do namorado], que nem as águas dos lago que ele disse que estão sujas... Isso não é sujeira, é a natureza mesmo, são as folhas, os galhos, eles caem lá dentro... Acho que é maravilhoso, só que podia ter mais policiais. Tirando esse problema, o Bosque é lindo, tem muita árvore, aqui é fresco, tem o barulhinho da água

correndo na cascata, tem os passarinhos cantando. É muito bom para vir com ele, a gente senta no banco, conversa, vê a natureza... Eu acho romântico.

Depoimento 14. Nossa! Aqui é só *good vibes*! Tem essa *vibe* de boa da natureza, esse lima tranquilo assim, de paz. Bom demais!

Depoimento 15. O Bosque é um oásis: tem muita árvore, sombra, não sei se a água é fresca mas tem um monte de lago então já está ótimo! Acho aqui maravilhoso!

Depoimento 16. Amo o Bosque! É um dos melhores parques de Goiânia, porque é bem localizado, é muito mais arborizado e tem vários lagos.

Depoimento 17. Eu adoro vir aqui! Passeio no meio das árvores, da natureza, sinto uma paz! É como se eu deixasse tudo de ruim antes de entrar, ai eu entro aqui e esqueço os problemas e vem só coisa boa, a energia boa da natureza.

Depoimento 18. É perfeito! É o lugar mais bonito da cidade, eu fiz as fotos do meu *book* aqui e elas ficaram perfeitas porque esse lugar é maravilhoso!

Depoimento 19. Eu gosto muito de vir aqui! É o parque que eu mais gosto porque é perto do meu trabalho então eu consigo passar aqui e apreciar o lugar quando preciso resolver alguma coisa na rua.

Depoimento 20. Acho que o Bosque é o cartão-postal, né? Não tem lugar mais bonito e tem a tranquilidade também que a gente sente quando caminha por aqui, no meio das árvores, da água correndo. É muito bom.

Depoimento 21. O Bosque é meu parque favorito, sem dúvida, esse parque é tão bonito que não dá nem para explicar.

Depoimento 22. Tem uma coisa, assim, da natureza que deixa a gente perto de Deus, como se isso aqui fosse Deus mesmo, eu acho. A natureza que Ele fez, os bichos, os lagos, parece coisa do paraíso e dá uma paz no coração. me faz bem vir aqui.

Depoimento 23. Esse parque é um oásis no meio de Goiânia. Um lugar bem cuidado e preservado. Aqui a gente é acolhido pelo canto dos pássaros e pode

relaxar observando os peixes nos lagos. Adoro esse lugar, ele é lindo! Gosto muito de vir aqui e descansar sentado embaixo das árvores! Transmite uma grande paz.

Depoimento 24. Eu venho muito aqui porque parece que quando estou aqui dentro eu estou no meio da mata mesmo. Não tem muito barulho de carro, poluição, a confusão da cidade, mesmo. Aqui é sempre essa paz, dá para descansar, relaxar...

Depoimento 25. Nossa! Eu amo a natureza e esse lugar transmite toda a pureza e paz para quem visita aqui. No meio do centro da cidade, a gente tem a delícia da paz que a natureza dá. Eu “super” recomendo para quem precisa dar uma relaxada, porque aqui é cheio de animais curiosos, tem os macaquinhos, os pássaros

Depoimento 26. Acho o Bosque tudo de bom! Aqui é tão calmo, essa natureza aqui perto da gente no meio da cidade, é o paraíso do Senhor!

Depoimento 27. Eu não venho aqui sempre porque é longe da minha casa, mas aí quando venho por aqui dou um jeito de passar aqui, porque acho aqui muito bom para pensar, refletir na vida... Eu sento aqui perto das árvores e fico olhando a natureza e pensando. É muito bom, me acalma, me deixa feliz mesmo.

Depoimento 28. Um lugar tão harmonioso, fantástico assim, é para quem sabe apreciar a natureza e as obras de Deus. O Bosque é acolhedor, permite apreciar a natureza e traz uma paz interior.

Depoimento 29. Eu gosto muito desse parque, ele parece com uma matinha, né? Porque tem esse tanto de árvore, aí de fora, passando assim na rua a gente não vê muito aqui de dentro porque tem muita árvore.

Depoimento 30. Meu paraíso, esse lugar lindo, com essa paz, só pode ser obra do Senhor!

Depoimento 31. Eu gosto de vir aqui quando estou estressada! Dou várias voltas nos lagos e vou respirando bem fundo, aí vou embora bem tranquila.

[Você estava nervosa hoje?] Hoje não! Eu vim hoje para apreciar mesmo, é sempre bom ficar tranquila e aqui eu consigo isso. Eu venho muito aqui, mas quando eu estou nervosa com alguma coisa, parece que a natureza me acalam, o Bosque funciona como remédio!

Depoimento 32. Eu sempre venho aqui com a minha mãe porque ela é mais velha então aqui tem muita sombra para ela andar, porque não é bom deixar ela no Sol, porque fica muito calor. Aqui é tranquilo, fresquinho e é lindo! A gente gosta muito de vir para sair um pouco de casa e aproveitar o ar puro!

Depoimento 33. O Bosque é um ótimo lugar para entrar em contato com a natureza, resfriar a mente e meditar.

Depoimento 34. Ai! O Bosque é lindo, né? Eu adoro vir aqui porque eu gosto muito de tirar foto e aqui tem muita coisa, tem sempre alguém passeando, tem os animais, a paisagem mesmo e a cidade lá fora, dá um contraste.

Depoimento 35. O Bosque é bem arborizado, tranquilidade total! Eu fico aqui em contato com a natureza o tempo todo, então posso sentar na grama, debaixo das árvores e ler o dia todo. É bom demais!

Depoimento 36. Eu amo o Bosque! Acho que aqui é tipo meu cantinho, é o quintal que eu não tenho porque eu moro em apartamento, ai eu venho aqui para sentir a energia das árvores, das águas, da natureza. É bom caminhar aqui!

Depoimento 37. Acho bom vir aqui no Bosque porque faz parte da história da cidade, né? Tem esse lugar aqui bem antigo, desde que a cidade foi criada que tem esse verde todo preservado no meio dos prédios! Acho muito valioso! Lindo mesmo!

Depoimento 38. Aqui é um lugar onde podemos ficar perto da natureza, sentir o ar, o vento, escutar o barulho da água, sentir o cheiro da natureza...É um lugar lindo, dá muita paz, então é um bom lugar para caminhar e desenvolver o autoconhecimento.

Depoimento 39. Eu gosto muito de vir aqui com a minha família, com meus filhos, para eles andarem num lugar mais natural, sair de dentro de casa e da

rua e ficar perto dos bichos, das árvores. Parece que as crianças de hoje só querem saber de *videogame* e computador, então é bom vir aqui com eles.

Depoimento 40. Olha, o Bosque é muito bonito, mas está abandonado. Era para ser muito melhor, mas ninguém cuida, nem as pessoas, nem a Prefeitura... É o cartão-postal da cidade mas está abandonado.

Depoimento 41. O Bosque é maravilhoso mas ele perdeu sua beleza de verdade. Ele está sujo, abandonado, está meio mal cuidado, né?!

Depoimento 42. É um lugar maravilhoso, muito gostoso de passear, mas está abandonado, está sujo, o lago está fedido. Acho que o cartão-postal está em abandono.

Depoimento 43. O Bosque está muito abandonado, dá uma tristeza de ver o parque assim porque ele já foi lindo! Agora a gente quase não vê os peixes, o lago está secando, está todo sujo... É um absurdo deixar o cartão-postal da cidade nesse estado... Nossa, é lamentável!

Depoimento 44. Ai! Aqui era muito bonito mas agora está assim, está perigoso, descuidado. O lugar que é o cartão-postal não podia estar desse jeito, nem apararam a grama, olha o jeito que está o mato!

Depoimento 45. Acho muito triste ver um local tão antigo da cidade, com história, com árvores antigas, tão abandonado. Aqui anda assim, sujo, perigoso... Não vale a visita! Eu não sei como deixam esse lugar com tanto potencial largado desse jeito...

Depoimento 46. Há muitos anos tenho notado que aqui anda meio abandonado. A pista está cheia de buracos, fica difícil caminhar ou correr de noite. Aqui já foi bem bonito mas agora está assim...

Depoimento 47. Acho que esse é o parque mais antigo da cidade e está desse jeito. Era para ser bem cuidado, bonito, é o cartão-postal, né? Mas fica tudo abandonado porque ninguém quer cuidar.

Depoimento 48. Eu gosto muito do Bosque, eu venho aqui há anos e é sempre assim, eles cuidam aí depois não cuidam mais. Tem vez que aqui está lindo

tudo arrumado. A gente vê o pessoal fazendo umas reformas, arrumando as coisas, mas depois todo mundo some e vai ficando acabado de novo e a gente que sofre, porque sobra para gente que usa sempre.

Depoimento 49. Acho que esse é o lugar que eu mais gosto da cidade, mas está desse jeito abandonado. Parece que a água está suja, as calçadas estão quebradas, está meio mal cuidado...

Depoimento 50. Faço caminhada aqui há muitos anos e é cômodo para mim, porque moro aqui perto, do lado do Bosque dos Buritis. Mas tem algum tempo já que eu noto que ele está abandonado, Há muitos anos tenho notado que aqui anda meio abandonado, a pista está cheia de buracos, fica difícil caminhar ou correr de noite.

Depoimento 51. Eu venho aqui para caminhar quase todos os dias, tem mais de dez anos, mas estou achando que os gestores da cidade andam fazendo pouco caso do Bosque. Está tudo estragado e não tem policiamento, a pista aqui está destruída, não tem manutenção, não tem cuidado...

Depoimento 52. Eu caminho e corro aqui há muito tempo, é bom porque a pista é larga, mas está meio quebrada e tem uns trechos que são mal iluminados.

